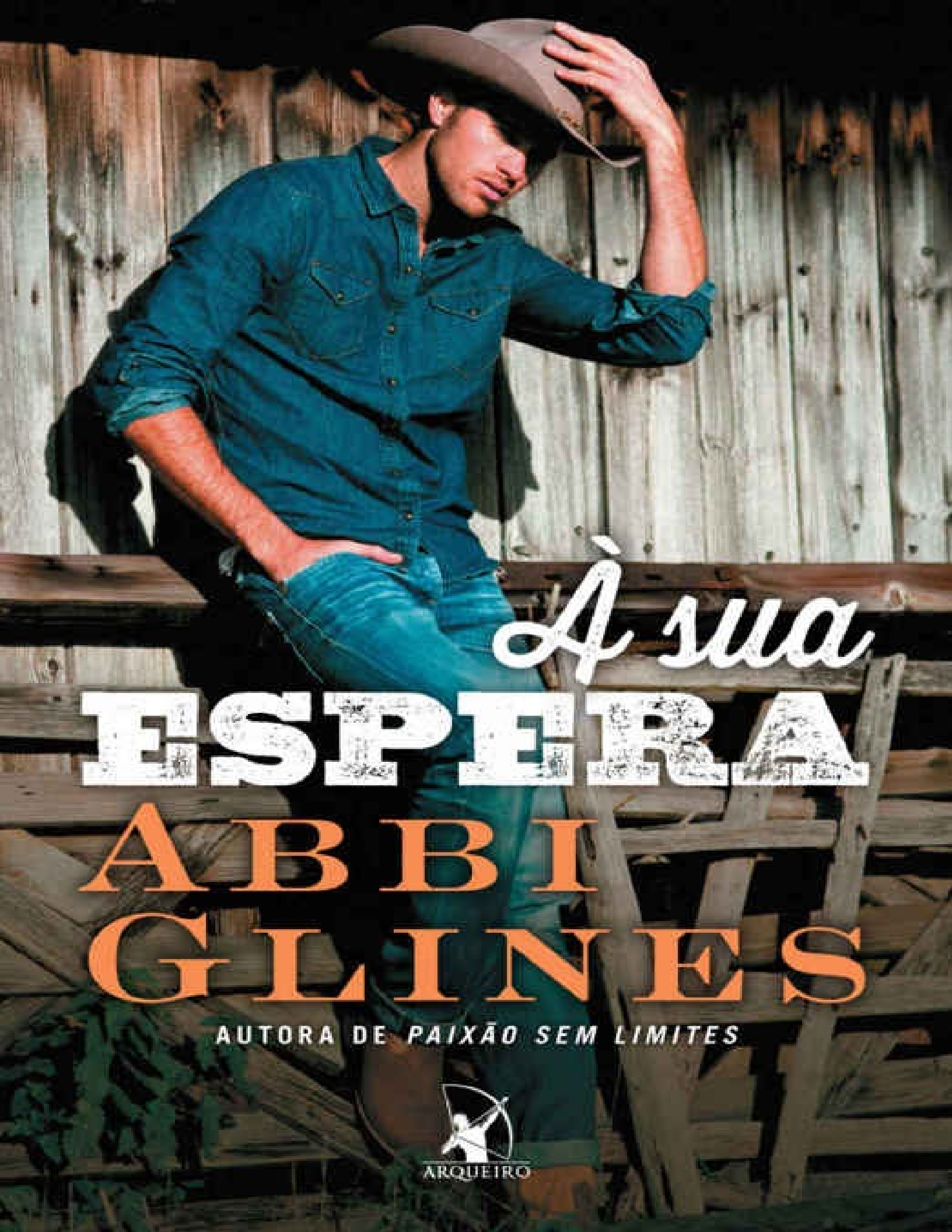

À sua
ESPERA
ABBI
GLINES
AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

À sua ESPERA



O Arqueiro

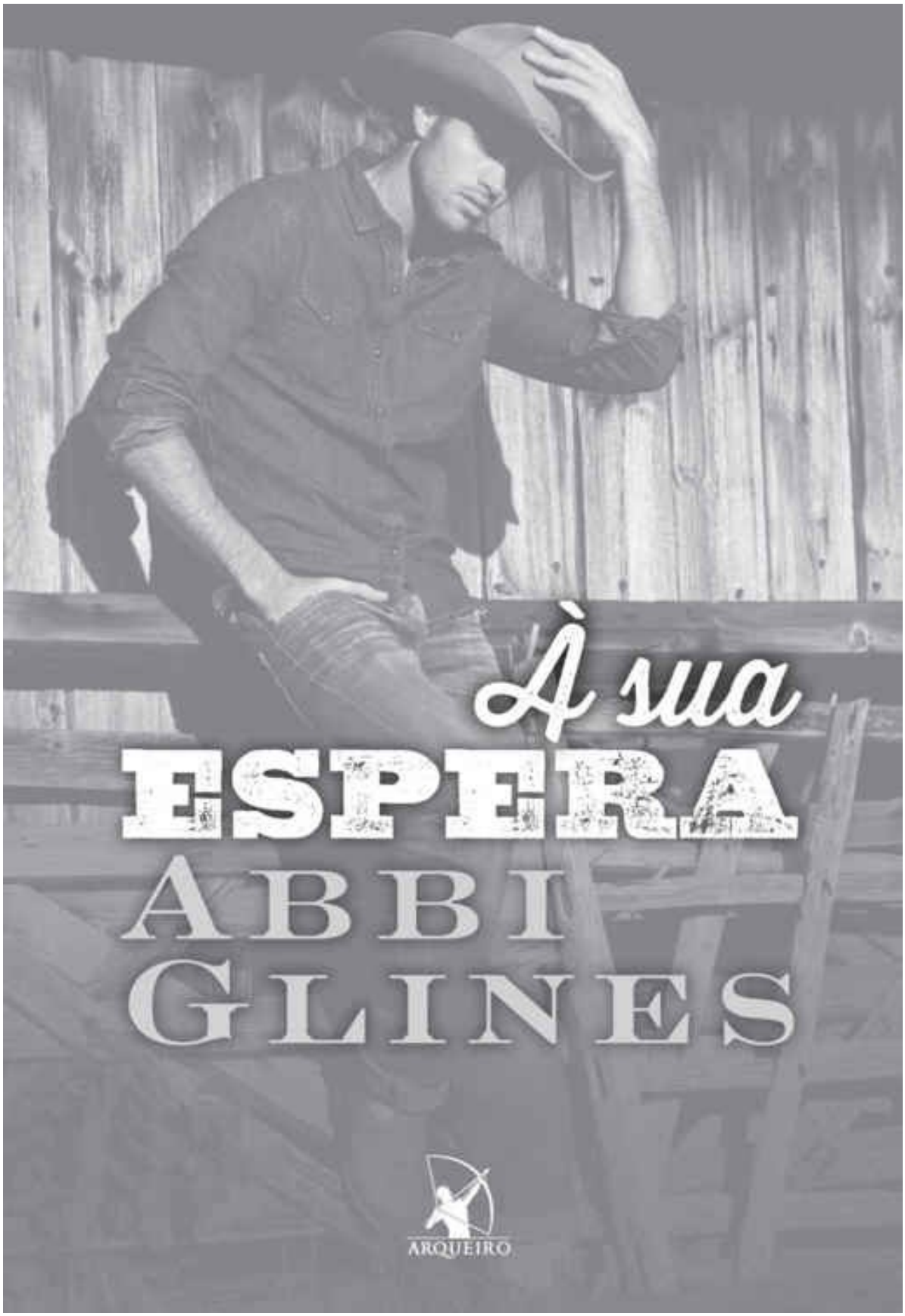
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


À sua
ESPERA
ABBI
GLINES
ARQUEIRO

Título original: *When I'm Gone*
Copyright © 2015 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a editora original,
Atria Books, divisão da Simon & Schuster, Inc.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Raquel Zampil

revisão: Pedro Staite e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

adaptação de capa: Duat Design

imagens de capa: Caubói© Rebecca Knowles/ Trevillion Images;
piso de madeira© Rawpixel.com/ Shutterstock

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476s

Glines, Abbi
À sua espera [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; Tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: When I'm Gone
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-615-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

16-35427

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para meu filho, Austin. Que você se torne um homem ponderado, gentil, atencioso, generoso e que saiba como amar alguém de verdade. Homens assim são difíceis de encontrar. Espero estar formando um deles.

Prólogo

Reese

– Venha aqui, garota! – A voz do meu padrasto trovejou pela casa.

Imediatamente meu estômago se revirou. Aquela angústia nauseante que surgia quando eu estava perto dele, sabendo o que faria comigo, era constante em minha vida.

Levantei-me lentamente da cama e pus de lado, com todo o cuidado, o livro que estava lendo – ou tentando ler. Minha mãe ainda não tinha voltado do trabalho. Já era para ter chegado. Eu não deveria ter voltado da biblioteca tão cedo. Um homem e sua filhinha tinham vindo até mim quando eu olhava os livros infantis ilustrados. Ele começou a falar comigo e perguntou meu nome. Queria saber se eu estava pegando um livro para minha irmã mais nova.

O constrangimento que me veio com aquela pergunta me lembrou de minha estupidez, como sempre.

– Garota! – rugiu meu padrasto.

Agora ele estava com raiva. Meus olhos arderam com as lágrimas não derramadas. Se ele ao menos só me batesse, como costumava fazer... Quando eu era mais nova e trazia meu boletim com notas baixas. Se ele só me xingasse e me dissesse quanto eu era imprestável... Mas não. Até um tempo atrás, tudo o que eu queria era que ele parasse de me bater. Odiava aquele cinto, e os vergões que ele deixava nas minhas pernas e no meu traseiro doíam muito na hora de sentar.

Então um dia ele parou. E imediatamente eu desejei que ele voltasse a me bater. A ferroada do cinto era melhor do que isso. Qualquer coisa era melhor do que isso. Até mesmo a morte.

Abri a porta do meu quarto e respirei fundo, lembrando a mim mesma que eu podia sobreviver a qualquer coisa que ele fizesse. Eu estava economizando o dinheiro das faxinas que fazia e logo iria embora dali. Minha mãe ficaria feliz quando eu fosse embora. Ela me odiava. Fazia anos que me odiava.

Eu era um fardo para ela.

Puxei a camiseta para baixo e coloquei dentro do short. Então puxei o short para baixo, para que cobrisse minhas pernas o máximo possível. Na verdade, era inútil. Eu tinha pernas compridas, difíceis de cobrir. No brechó, nunca havia shorts compridos o suficiente.

Faltava pouco para minha mãe chegar em casa. Ele não faria nada correndo o risco de ser flagrado por ela. Mas eu me perguntava, caso isso acontecesse, se ela não me acusaria e diria que a culpa era minha. Ela já tinha me culpado pela maneira como meu corpo havia mudado quatro anos atrás. Meus seios tinham crescido demais, e ela dizia que eu precisava parar de comer porque minha bunda estava gorda. Tentei parar de comer, mas isso não ajudou em nada.

Minha barriga havia ficado lisa, o que só fizera meus peitos parecerem ainda maiores. Ela detestava isso. Então voltei a comer, mas a barriga gordinha nunca mais apareceu. Certa noite, quando passei pela sala vestindo uma calça de moletom cortada e uma camiseta, indo tomar leite antes de dormir, ela me esbofeteou e disse que eu parecia uma puta. Mais de uma vez ela disse que eu era uma puta burra que não tinha nada além da aparência para chegar a algum lugar na vida.

Entrei na sala, atendendo o chamado de Marco, meu padrasto, que estava sentado em sua poltrona reclinável com os olhos grudados na televisão e uma cerveja na mão. Ele tinha voltado mais cedo do trabalho.

Seu olhar pousou em mim e lentamente percorreu meu corpo, me fazendo tremer de repulsa. O que eu não daria para ser inteligente e sem peitos. Se minhas pernas fossem curtas e gordas, minha vida seria perfeita. Não era meu rosto que atraía Marco. Era muito comum. Eu odiava era o meu corpo. Odiava-o com todas as forças.

A náusea foi tomando conta de mim e meu coração disparou enquanto eu lutava para conter as lágrimas. Ele adorava quando eu chorava. Isso o deixava ainda pior. Eu não ia chorar. Não na frente dele.

– Venha sentar no meu colo – ordenou ele.

Eu não podia fazer isso. Tinha conseguido evitá-lo por semanas, ficando longe de casa o máximo de tempo possível. O horror de ter as mãos dele dentro da minha blusa ou do meu short era demais. Preferiria que ele me matasse. Qualquer coisa, menos as mãos dele em mim.

Como não me mexi, o rosto dele se contorceu num escárnio maligno.

– Traga essa bunda aqui, sua putinha estúpida, e sente no meu colo!

Fechei os olhos, porque as lágrimas estavam brotando. Precisava contê-las. Se ele apenas me batesse outra vez, eu aguentaria. Só não suportava era ser tocada por ele. Odiava os sons que ele fazia e as coisas que dizia. Era um pesadelo sem fim.

Cada segundo que eu me mantivesse longe era um segundo a menos que faltava para minha mãe chegar. Quando ela estava em casa, ele me xingava, mas jamais me tocava. Minha mãe podia desejar que eu não existisse, mas era minha única salvação daquele tormento.

– Anda, pode chorar... eu gosto – disse ele, zombando.

A cadeira dele rangeu, e então escutei o ruído do descanso dos pés. Abri os olhos e o vi se levantando. Mau sinal. Se eu corresse, não conseguiria passar por ele. A única opção era o quintal, mas o pit bull dele estava lá fora. O cachorro havia me mordido três anos antes, e eu tinha que ter tomado pontos, mas ele não me deixara ir ao médico. Ele me disse para cobrir a ferida; não ia sacrificar o cachorro por minha causa.

Fiquei com uma cicatriz horrível no quadril deixada pelos dentes do cachorro.

E nunca mais fui ao quintal.

Mas, vendo o sujeito vindo em minha direção, eu me perguntei se virar comida do cachorro não seria melhor do que aquilo. Era um meio de alcançar um fim: a morte. O que não parecia tão ruim.

Um segundo antes que ele me alcançasse, decidi que qualquer coisa que aquele cachorro fizesse comigo era melhor que aquilo. Então corri.

Ele soltou uma gargalhada atrás de mim, mas não deixei que esse gesto me retardasse. Ele não acreditou que eu fosse sair pela porta dos fundos. Pois se enganou redondamente. Eu enfrentaria os cães do inferno para escapar dele.

Só que a porta estava trancada. Eu precisava da chave para abri-la. *Não. Não.*

As mãos dele agarraram minha cintura e me puxaram para trás, de encontro à sua rigidez, que pressionava meu corpo. O gosto azedo do vômito queimou minha garganta quando tentei me afastar dele.

– Não! – berrei.

As mãos dele agarraram meus peitos e apertaram com força, me

machucando.

– Sua puta estúpida. É só para isso que você serve. Não conseguiu terminar o ensino médio porque é burra demais. Mas esse corpo foi feito para satisfazer os homens. Aceite isso, sua vagabunda.

As lágrimas corriam pelo meu rosto. Não consegui segurá-las. Ele sabia o que dizer para me ferir.

– Não! – gritei outra vez, mas agora havia dor em minha voz, que falhou.

– Lute comigo, Reese. Eu gosto quando você luta comigo – sibilou ele em meu ouvido.

Como minha mãe podia continuar casada com esse homem? Será que meu pai era pior do que isso? Ela nunca se casara com ele. Nunca me falava dele. Eu nem sequer sabia seu nome. Mas ninguém podia ser pior do que esse sujeito horroroso.

Eu não podia suportar aquilo de novo. Estava cansada de sentir medo. Ou ele ia me bater até me matar ou ia me mandar embora. Por muito tempo eu temera ambas as opções. Uma vez minha mãe me disse que a única coisa que os homens pensariam ao me ver era sexo. Que eu seria usada por eles a vida inteira. Estava sempre me dizendo para ir embora.

Nesse dia eu estava pronta. Tinha apenas 855 dólares guardados, mas podia pegar um ônibus para o outro lado do país e conseguir um emprego. Se eu saísse dessa casa viva, era o que ia fazer.

A mão de Marco deslizou para dentro do meu short pela frente e eu o empurrei, gritando. Não queria a mão dele ali.

– Me solta! – gritei, alto o suficiente para os vizinhos escutarem.

Ele tirou a mão e me girou pelo braço com tanta rispidez que o fez estalar. Então me empurrou com toda a força contra a porta. Desferiu um soco no meu rosto, produzindo um estrondo. Minha visão se turvou e senti os joelhos amolecerem.

– Cala a boca, vagabunda, e aceite.

Suas mãos levantaram violentamente minha camiseta, e então ele puxou o sutiã para baixo. Solucei, porque não conseguia conter o horror. Aquilo ia acontecer, e eu não era capaz de detê-lo.

– Largue o meu marido, sua puta, e saia da minha casa! Não quero ver a sua

cara nunca mais! – A voz da minha mãe conteve Marco, e ele tirou a mão dos meus seios.

Puxei a camiseta de volta para baixo. Meu rosto ardia por causa do soco, e senti o gosto de sangue nos lábios quando o corte embaixo da língua começou a inchar.

– Fora daqui, sua vadia burra e imprestável! – gritou minha mãe.

Aquele momento mudou tudo.

Mase

Dois anos depois

Que inferno! Que barulho era aquele? Abri os olhos à medida que o sono se esvaía lentamente do meu cérebro e eu tentava entender o que havia me acordado.

Um aspirador de pó? E... alguém cantando? O que era aquilo?

Esfreguei os olhos e resmunguei, frustrado, enquanto o barulho ficava mais alto. Agora eu tinha certeza de que era um aspirador de pó. E parecia uma versão muito ruim de “Gunpowder & Lead”, de Miranda Lambert.

A tela do celular me informou que eram só oito da manhã. Eu havia dormido duas horas. Depois de trinta horas sem dormir, estava sendo acordado por alguém cantando muito mal e por um maldito aspirador de pó?

Quando a pessoa cantou os primeiros dois versos do refrão, eu me encolhi. Ela estava cantando mais alto. E era muito desafinada. Ela estava assassinando uma bela canção. Será que a mulher não sabia que não se entra na casa das pessoas às oito da manhã cantando a plenos pulmões?

Eu nunca ia conseguir voltar a dormir com aquela barulhada.

Nannette deve ter contratado alguém para limpar a porcaria da casa. Mas também, conhecendo Nannette, ela devia estar furiosa com minha presença e por não haver nada que pudesse fazer a respeito. Ela provavelmente pagou a mulher para se esgoelar bem na porta do meu quarto. Nannette não era a dona da casa, que era propriedade do nosso pai, Kiro. Ele disse que, enquanto Nannette estivesse em Paris, eu poderia ficar na casa e passar um tempo com nossa outra irmã, Harlow, que vivia em Rosemary Beach com o marido, Grant, e o bebê deles.

Essa devia ser a vingança daquela megera por eu estar dormindo na casa dela.

Agora a mulher repetia sem parar o refrão, o mais alto que conseguia. Por Deus, aquilo era um pesadelo. Ela tinha que calar a boca. Eu precisava dormir

um pouco antes de visitar Harlow e a família. Minha irmã estava toda feliz por eu ter vindo do Texas até aqui. Mas essa louca estava conseguindo acabar com o meu sono.

Joguei as cobertas para o lado, me levantei e segui para a porta antes de me dar conta de que estava nu. Minha cabeça latejava por eu ter dormido tão pouco e fui ficando mais irritado enquanto procurava ao redor do quarto o maldito jeans que tirara ao chegar. Minha visão estava embaçada, e as cortinas escuras, fechadas. Que se dane! Estendi a mão para o lençol, enrolei-o na cintura e fui até a porta.

Abri a porta no instante em que ela começava a cantar o primeiro verso de outra música. Droga. Outra música, não! Desta vez, ela estava assassinando "Cruise", de Florida Georgia Line.

Pisquei e esfreguei os olhos por causa da luz, com a visão ainda embaçada. Droga, será que a mulher ainda não tinha me visto ali parado?

Depois de alguns segundos, finalmente consegui entreabrir os olhos e ver uma bundinha redonda balançando enquanto a mulher se abaixava. Meus olhos lentamente se arregalaram quando focaram as pernas mais longas que eu já vira. E, minha nossa, a bunda! Será que aquilo sob a nádega esquerda era uma pinta?

Ela se levantou, e a cinturinha diminuta tornou aquela bunda ainda mais bonita. Ela continuou balançando o traseiro enquanto desafinava. Quando ela tentou uma nota muito aguda, cheguei a me encolher. Caramba, a garota não sabia mesmo cantar.

Então ela se virou, e eu quase não tive tempo de apreciar a vista frontal antes de ela gritar e deixar o aspirador de pó cair enquanto tirava os fones de ouvido. Olhos azul-bebê, grandes e redondos, me fitaram com horror enquanto ela abria e fechava a boca algumas vezes, como se tentasse falar.

Aproveitei o momento de silêncio para notar os lábios grossos rosados e o formato perfeito do seu rosto. O cabelo estava preso num coque muito escuro. Imaginei que comprimento teria.

– Eu sinto muito – ela conseguiu gaguejar, e meus olhos voltaram aos dela.

Ela realmente era incrível. Havia uma qualidade exótica naquela mulher. Era como se Deus tivesse reunido todas as suas melhores peças para compor aquela pessoa.

– Eu não – respondi. *Não mais. Quem diabo precisa dormir? Ah, sim. Eu*

preciso.

– Eu não sabia, hã... Pensei que a casa ainda estivesse vazia. Quer dizer, não sabia que tinha alguém aqui. Não havia carro do lado de fora, e eu toquei a campainha, mas ninguém atendeu, então digitei o código e entrei.

Ela não era do Sul. Talvez do Meio-Oeste. Eu só sabia que não era dali. Ela não tinha o toque anasalado do sotaque local. Havia uma maciez em sua voz.

– Cheguei de avião. Um táxi me trouxe até aqui e foi embora – respondi.

Ela assentiu e olhou para os próprios pés.

– Vou fazer silêncio. Posso terminar essa parte mais tarde. Vou descer e começar pelo térreo hoje.

Fiz que sim com a cabeça.

– Obrigado.

As bochechas dela ficaram vermelhas quando seu olhar pousou no meu peito nu. Então ela se virou e bateu em retirada, deixando o aspirador de pó para trás. Fiquei olhando, saboreando a maneira como sua bunda balançava. Caramba, tomara que ela limpe a casa várias vezes por semana. Da próxima vez, eu não estaria exausto. Da próxima vez, descobriria o nome dela.

Quando ela saiu do meu campo de visão, voltei para o quarto e fechei a porta. Um sorriso surgiu em meus lábios ao me lembrar da expressão no rosto dela assim que percebeu que eu estava vestindo apenas um lençol. Como a Nan tinha uma faxineira com uma aparência daquelas? A garota era maravilhosa.

Deitei de costas e fechei os olhos. A imagem daquela pinta bem embaixo daquelas curvas carnudas me veio à cabeça. Eu queria lamber aquela marquinha. Era a pinta mais bonitinha e safada que eu já tinha visto.

Reese

– Aimeudeus, aimeudeus, aimeudeus – murmurei, afundando no sofá mais próximo e cobrindo o rosto com as mãos.

Eu não tinha percebido que havia alguém na casa. Eu acordei o cara. Ele pareceu aborrecido. Ah, Deus, não dava para saber. Fiquei nervosa com a possibilidade de ele me demitir. Essa era a minha melhor faxina, a que pagava melhor, mas eu nunca tinha encontrado o proprietário. Eu trabalhava para uma agência de limpeza, e eles me mandavam à casa dos clientes. Era a maior casa que eu tinha, e essa faxina semanal pagava meu aluguel, as contas de serviços e a alimentação. As outras eram menores, então, se eu perdesse essa, precisaria de todos os outros trabalhos somados para pagar as contas. Não sobraria nada para a minha poupança. Nenhuma reserva.

Ver aquele peito nu mexeu comigo, e eu fechei os olhos bem apertados, tirando-o da minha cabeça. Eu não confiava em homens. Bem, exceto no meu vizinho Jimmy. Fora ele quem me apresentara ao pessoal da agência de limpeza. Jimmy gostava de homens, não de mulheres, então eu me sentia segura com ele.

Em geral, ver o peito de um homem não me deixava assim tão interessada. Mas aquele peito... bom, era bonito *de verdade*. Os braços dele eram grossos e os músculos, definidos. O que eu estava pensando? Sim, o corpo dele era bonito, mas homens como ele, que viviam em casas como essa, não queriam alguém como eu para nada além de sexo casual.

Aquele cara era rico e lindo e provavelmente tinha uma mulher na cama com ele, que também era rica e linda. Na verdade, eu estava certa de que tinha. No maior quarto do andar de cima havia um closet enorme, lotado com as roupas mais bonitas que eu já tinha visto. Uma mulher devia morar ali e esse cara devia ser o namorado dela. Eu só não sabia por que ele estava dormindo em outro quarto. Mas isso não era da minha conta. Portanto, independentemente de quanto

aqueles braços e peito fossem bonitos, ou de quanto o rosto dele fosse perfeito, mesmo com uma barba de vários dias, não era seguro eu ficar pensando nele.

Eu precisava garantir que não perderia esse trabalho. O lugar estava normalmente bem limpo, porque ninguém tinha aparecido nesses meses em que eu vinha trabalhando na casa, mas eu o limpava todas as semanas como se estivesse imunda. Não se podia encontrar poeira em lugar nenhum, e eu até organizava a despensa e os produtos de limpeza, arrumando os armários e jogando fora comidas que tivessem perdido a validade.

Levantando-me, sacudi a vergonha por ter acordado o cliente cantando a sei lá que volume e passando o aspirador de pó na frente da porta do quarto dele. Quando ele visse a limpeza do lugar, talvez perdoasse meu erro.

◆ ◆ ◆

Três horas mais tarde, o andar térreo estava imaculado. Eu havia até limpado o refrigerador e o freezer inteiros outra vez, dando ao cliente tempo suficiente para dormir. Fui para o segundo andar e limpei cada quarto de cabo a rabo até que não encontrasse mais nada para limpar, antes de finalmente chegar ao pé da escada e olhar para o terceiro andar. Era uma da tarde, e o cara ainda estava na cama. Eu tinha três quartos e três banheiros inteiros para encarar, mais uma sala de TV e outra de jogos, com um bar completo. A sala de jogos era longe o bastante do quarto dele e, se eu fosse silenciosa, provavelmente poderia limpá-la sem acordar o sujeito.

Subi a escada na ponta dos pés e passei devagarzinho em frente ao quarto. Quando cheguei a salvo à sala de jogos, soltei um suspiro de alívio. Fechei a porta atrás de mim e me virei para aquele salão grande e intocado. O bar era abastecido com todo tipo de bebida alcoólica imaginável e com tantos copos diferentes que eu não podia sequer começar a deduzir o que era servido em quê. Atravessei o salão e coloquei a cesta de produtos de limpeza no chão. Decidi que gastaria mais tempo limpando as janelas. Puxei uma cadeira e a cobri com um pano antes de pisar nela. O pé-direito tinha quase quatro metros de altura, o que tornava certas partes das janelas difíceis de alcançar. Às vezes eu usava uma escada, mas trazê-la até ali faria muito barulho.

Subi na cadeira com um pano para começar a limpar a janela de cima para

baixo, mas meu celular tocou. *Droga!* Eu sempre colocava o volume no máximo quando fazia faxina, para ouvir se o deixasse em algum lugar da casa. Desci correndo, mas meu pé escorregou. Me encolhi um pouco antes de a cadeira virar e meus braços se esticaram para agarrar a coisa mais próxima. Era um enorme espelho decorado.

O som do vidro quebrado ressoou pouco antes do meu traseiro bater no chão com um baque que ecoou.

E o meu maldito celular ainda tocava a todo o volume.

Virei-me e tentei desesperadamente alcançá-lo, mas não consegui. O barulho continuou enquanto eu me arrastava até ele, com as pernas retorcidas.

Então a porta se abriu, e eu fiquei paralisada.

Ali estava eu, sentada no chão, com vidro estilhaçado ao meu redor, junto a uma cadeira de pernas para o ar. A única coisa positiva foi que meu celular finalmente parou de tocar.

– Que diabo aconteceu aqui? Você está bem? – perguntou ele, caminhando em minha direção, vestindo só uma cueca boxer.

Pelo menos não estava totalmente nu.

Desviei os olhos dele e de seu corpo seminu e inspirei profundamente. Eu tinha quebrado o espelho dele e o acordado outra vez.

– Eu sinto muito. Vou pagar pelo espelho. Sei que ele deve custar muito dinheiro, mas você não precisa me pagar pela faxina até que o valor dele esteja completo. Posso até vir mais de uma vez por semana, de graça.

Ele franziu a testa, e meu estômago se contraiu. Ele não estava contente.

– Você está sangrando? Caramba, me dê sua mão.

Ele se ajoelhou e pegou minha mão esquerda. Com certeza havia um pedaço de vidro nela e o sangue escoava lentamente em torno do estilhaço.

– Você vai precisar tomar pontos. Vou me vestir e levar você ao hospital – disse ele, levantando-se e indo em direção à porta.

Fitei os estilhaços ao redor e voltei a olhar para a porta. Ele ia me levar para tomar pontos. Por causa disso? Se minha agência de limpeza descobrisse, eu seria demitida. Eu não podia deixar que o cara fizesse um estardalhaço. Eu só precisava de água oxigenada e de algo para cobrir aquilo. Depois poderia limpar a bagunça que havia feito.

Levantei e logo me encolhi com a dor nas costas. Com certeza ia ficar com

um hematoma. Tentei tirar algumas lascas de vidro ainda presas na roupa, mas elas abriram minúsculos cortes nos meus dedos. O sangue que escorria pelas minhas pernas só fazia as coisas parecerem ainda piores.

Afastei-me do estrago que eu mesma havia provocado. Quando tive certeza de que não estava carregando cacos de vidro comigo, peguei um pano de limpeza em minha cesta, fui para o banheiro mais próximo, à direita da sala de jogos, molhei o tecido e passei em minhas pernas.

– O que você está fazendo?

Pelo tom de voz, ele parecia bravo. Levantei a cabeça e recuei quando ele apareceu à porta do banheiro. Meu pé estava sobre a tampa do vaso sanitário, e imediatamente o pus de volta no chão.

– Desculpe eu estar descalça. Eu ia limpar a tampa do vaso depois de terminar isso.

A testa dele ficou mais franzida. Droga. Eu não estava melhorando as coisas.

– Eu não quero saber dessa porcaria de vaso. Por que você não esperou que eu a ajudasse a se levantar? Você podia ter pisado em mais cacos.

O quê? Desta vez fui eu que franzi a testa. Eu não estava entendendo.

– Eu tomei cuidado – repliquei, ainda incerta sobre o que o havia irritado.

– Venha aqui. Vou tirar esse caco de vidro, limpar a ferida e cobri-la antes de sairmos. Você não pode continuar com isso aí. Pode infeccionar.

– Está bem – respondi, com medo de dizer não.

Ele estava claramente decidido a me ajudar.

Ele se virou e se dirigiu para a porta, então o segui. Só olhei para baixo uma vez, para a bunda dele, porque estava curiosa para ver como ela ficava naquele jeans que ele estava usando. Era tão impressionante quanto de frente. Aquele jeans ficava muito bem nele.

Subi o olhar pelas costas dele e percebi que ele tinha um rabo de cavalo. O cabelo não era tão longo, mas parecia ir ao menos até os ombros. Antes eu não havia me permitido olhar para ele o suficiente para notar isso. Seus olhos e seu maxilar bem marcado haviam prendido toda a minha atenção.

Chegamos à porta do quarto dele, e ele recuou um passo, acenando para que eu entrasse.

– Eu não faço ideia de onde Nan guarda o kit de primeiros socorros, mas

tenho alguma coisa na minha bolsa. Estou tratando uma lesão, resultado da queda de um cavalo que estou domando, então vim preparado.

Nan? Quem era Nan?

– Você não mora aqui? – perguntei.

Ele puxou um estojinho azul da bolsa de lona camuflada e voltou a olhar para mim. Um sorrisinho levantou os cantos da sua boca e seus olhos dançaram, parecendo se divertir.

– De jeito nenhum. – Ele deu uma risadinha. – Você já conheceu a Nannette? Ninguém moraria com ela por vontade própria. Mas o dono desta casa é o nosso pai, então posso ficar aqui sempre que quiser. Decidi vir agora enquanto ela está fora.

– Ah, nunca tinha visto ninguém aqui antes de você – respondi.

– Isso explica muita coisa – murmurou ele, então riu, como se soubesse de uma piada e eu não. Ele estendeu a mão. – Aqui, me dê a sua mão. Vou fazer com cuidado, mas mesmo assim vai arder.

Eu não deixava homens me tocarem. Mas alguma coisa na maneira preocupada com que ele estudava a palma da minha mão me fez confiar nele. Ele era um cara legal, ou parecia ser. Não estava me olhando de um jeito que me deixasse nervosa.

Coloquei minha mão virada para cima sobre a dele, e ele me olhou com se pedisse desculpas, como se fosse culpa dele. Observei enquanto ele retirava lentamente o pedaço de vidro e depois passava um chumaço de algodão embebido em água oxigenada no machucado. Sim, ardeu, mas eu já tinha sentido coisa muito pior.

Ele inclinou a cabeça e começou a soprar delicadamente a ferida enquanto a limpava. O frescor do sopro dele sobre a minha pele diminuiu a ardência e eu fiquei fascinada com o biquinho que seus lábios formavam. Ele era real? Será que eu tinha batido a cabeça quando caí? Não seria só um sonho estranho?

Ele manteve o algodão pressionado contra a ferida usando o polegar enquanto pegava outro chumaço de algodão e esparadrapo.

– Queria ter uma pomada para passar, mas raramente uso, então não trouxe. Mas tenho analgésico e você pode tomar um comprimido para diminuir a dor até a gente chegar ao hospital.

Limitei-me a assentir com a cabeça. Não sabia mais o que fazer. Ninguém

jamais se preocupara com meus machucados. E eu tive vários.

– Aliás, meu nome é Mase – disse ele, olhando para mim enquanto enfaixava minha mão.

– Gostei desse nome. Nunca tinha ouvido antes.

Ele riu.

– Obrigado. Você tem um nome?

Ah. Ele estava perguntando qual era o meu nome. Ninguém para quem eu havia trabalhado antes perguntara meu nome. Exceto uma cliente. Mas ela era diferente dos clientes nos outros lugares onde eu trabalhava.

– Sim, tenho. É Reese.

Mase

Ela cheirava a pãozinho de canela. Aquele cheiro doce de creme e canela que faz a gente salivar. Foi difícil não respirar fundo com aquele cheiro. Mas fui capaz de evitar agir feito um psicopata e agarrá-la para enterrar o rosto naquele pescoço. Nunca havia conhecido uma mulher que cheirasse a pãozinho de canela, mas, caramba, aquilo era excitante.

Enfaixei a mão dela e então a conduzi escada abaixo. Ela parecia confusa em relação a alguma coisa, mas não falou muito. Perguntei se ela tinha uma bolsa, ela assentiu e foi pegá-la na mesa ao lado da porta. Não era o que a maioria das mulheres chamaria de bolsa, mas uma mochila azul desbotada. Jogando-a por cima do ombro, ela olhou de volta para a casa com ar preocupado.

– Não terminei de limpar – disse ela, olhando para mim.

– Você não pode faxinar uma casa com um ferimento aberto – argumentei, apontando para a mão dela, incapaz de conter um sorriso.

A testa dela se franziu.

– Não foi tão grave. Eu posso trabalhar assim – disse ela, erguendo a mão enfaixada.

Sacudi a cabeça e abri a porta.

– Não, não pode.

Quando saímos, vi que minha caminhonete tinha chegado. Eu estava aguardando que a entregassem. Ótimo, podíamos ir no meu carro em vez de pegar o dela.

– Onde está o seu carro? – perguntei.

– Não tenho carro.

– Alguém trouxe você? – perguntei, já imaginando que sua resposta seria que o namorado a levara até ali. Droga.

– Tenho um vizinho que trabalha no Kerrington Country Club. Venho com ele e depois caminho até aqui.

Um vizinho.

– Ele não traz você até aqui?

Ela sacudiu a cabeça e me olhou como se eu fosse maluco.

– Não, fica a menos de dois quilômetros. Eu gosto de andar.

– Quem é o seu vizinho? – perguntei.

– O nome dele é Jimmy.

Eu ia ter uma conversinha com Jimmy. Não era seguro alguém com a aparência dela sair pela região sozinha. Rosemary Beach era um lugar seguro, mas havia pessoas que passavam por ali indo de uma cidade para outra.

– Esse Jimmy leva você para casa?

Ela me olhou hesitante. Como se não estivesse segura de que deveria responder.

– Às vezes... Sim, na maioria das vezes.

Por que ela não tinha carro? Devia ter 21 ou 22 anos. Não era uma criança. Tinha um emprego e um apartamento, imaginei.

– E como vai para casa quando Jimmy não leva você? – perguntei, segurando a porta da caminhonete para ela.

Estendi a mão para que ela a pegasse com a que estava boa e a ajudei a subir na cabine.

– A pé – respondeu ela, sem olhar para mim.

Minha nossa.

Olhando para seus chinelos baratos, notei que ela tinha dedinhos com a ponta cor-de-rosa. Até o pé dela tinha que ser sexy? Caramba.

Ela puxou os pés para debaixo do banco e percebi que ela me flagrou olhando para eles. Fechei a porta da caminhonete e fui devagar até outro lado. Essa garota precisava de ajuda, mas eu não podia salvá-la. Eu ficaria aqui por uma semana, talvez duas, antes de voltar para o Texas. Ficar preocupado com os problemas dela não era inteligente.

Meu celular começou a tocar no bolso antes de eu girar a chave no carro e eu sabia que era Harlow. Ela estava me esperando por volta das duas. Olhei o relógio e vi que eram quase duas.

– Oi – atendi, ligando o carro e seguindo em direção à via principal.

– Conseguiu dormir um pouco? – perguntou ela.

Eu podia escutar Lila Kate, sua bebê, reclamando ao fundo.

– Ah, sim – respondi.

Não podia dizer a ela que havia dormido pouco, afinal a razão disso estava sentada ao meu lado.

– Ainda vem aqui às duas? Grant disse que nos daria uma hora e que chegaria às três.

Olhei para a mão machucada de Reese. Aquilo ia demorar um tempo. A sala de espera de uma emergência nunca era algo rápido.

– Aconteceu um acidente esta manhã. A garota que limpa a casa da Nan caiu e cortou a mão. Vou levá-la para dar uns pontos. Pode demorar um pouco até eu chegar.

– Ah, não! – disse Harlow, com a voz preocupada. Era uma das muitas razões por que eu preferia Harlow a Nan. – Ela está bem?

Ela nem estremeceu quando limpei o ferimento com água oxigenada. Caramba, até eu estremeci quando me cortei daquele jeito.

– Parece que sim. Foi só um corte feio. Ela não tem carro, e vou precisar levá-la em casa depois. Talvez só chegue aí no início da noite. Mas você terá o velho Mase pelo resto da semana. Vai enjoar de mim até domingo – garanti.

Harlow riu.

– Duvido, mas tudo bem. Leve o tempo que quiser. Cuide dela e a deixe direitinho em casa. Vou tirar um cochilo com Lila Kate. Ela acordou muitas vezes esta noite. Os dentinhos dela estão nascendo.

– Descanse um pouco então, querida. Vejo você à noite – respondi antes de desligar.

– Você não precisa ficar comigo. Posso pegar um táxi até em casa – disse Reese.

Eu não ia deixá-la levar pontos sozinha e pegar um táxi para casa. Será que eu parecia o tipo de canalha que faria isso?

– Vou ficar com você – eu disse com firmeza.

– Sério, é muito simpático da sua parte me trazer aqui. Mas já tive cortes piores do que este. Eu nem preciso de pontos. Posso simplesmente terminar a faxina e voltar para casa.

O quê? Ela estava falando sério?

– Você vai suturar a mão, e eu vou levar você para casa.

Eu estava frustrado e começando a ficar irritado. Não com ela. Por Deus,

quem poderia ficar irritado com uma garota assim, tão bonita? Mas eu estava irritado por ela cogitar que não havia necessidade de tomar pontos.

Desta vez ela não discutiu. Olhei para ela, que estava sentada ereta, o corpo inclinado em direção à porta, como tentasse se afastar de mim. Será que eu a havia assustado?

– Olha, Reese, você estava limpando a casa da minha irmã e se machucou. É responsabilidade nossa garantir que você receba o tratamento necessário. Eu não vou deixar você terminar de limpar a casa hoje, nem amanhã. Pode voltar quando sua mão estiver melhor e não doer. Vou ficar aqui a semana inteira e posso limpar a minha bagunça, ao contrário da minha irmã. Não preciso de uma faxineira.

Ela não olhou para mim, mas assentiu.

Pelo visto, aquela seria a única resposta que eu receberia. Tudo bem. Ela podia fazer beicinho, mas, sinceramente, tudo o que fiz foi exigir que ela me deixasse cuidar da sua mão. Qual era o problema dela?

Reese

O dia não podia ficar mais humilhante. Mase ligou o rádio e não disse mais nenhuma palavra pelo resto do caminho até o hospital. Eu sabia que ele estava ou bravo ou frustrado. Eu estava atrapalhando seu encontro com alguma mulher, mas tentara fazê-lo ir. Só que ele simplesmente não me ouvia.

Quando chegamos à emergência, ele me trouxe um refrigerante enquanto esperávamos, apesar de eu ter dito que não precisava. Até a hora em que fui levada para a sutura, trocamos no máximo cinco palavras. Eu queria dizer de novo para ele ir embora, que eu pegaria um táxi, mas temia que ele ficasse furioso comigo. Eu não conhecia esse homem. Não tinha ideia do que ele seria capaz.

Quando me deram uma injeção, Mase segurou minha outra mão e me disse para apertar se precisasse. O que aquilo queria dizer? Ele estava tentando diminuir a dor? Era só uma injeção. Depois de terminarem a sutura, só cinco pontos, ele continuou segurando minha mão.

Depois ele me contou piadas. Eram meio ruins, mas eu ri. Acho que ninguém tinha tentado me fazer rir antes. Percebi que era a primeira vez que eu escutava uma piada que não era sobre mim. Na escola, ouvi muitas piadas, mas eu era o motivo de todas.

Agora, ele estava estacionando em frente ao meu apartamento. Não havia falado comigo durante todo o trajeto. Mais de uma vez, pareceu que ia dizer algo, mas havia desistido. Acabou ligando o rádio outra vez, e soube que isso significava que ele não falaria mais comigo.

Eu não podia estar magoada com o seu silêncio. Ele deixou de lado seu encontro para me levar ao hospital para tomar pontos. Durante todo o tempo, ele havia sido muito legal – mais do que isso, na verdade, ele fora gentil. Mas agora seus pensamentos se concentravam na garota que esperava por ele.

Eu havia sido chamada de “gata”, “docinho” e “gostosa” no passado, o que

ainda me fazia estremecer. Também tinha sido chamada de outros nomes menos desejáveis, mas nunca de “querida”, como ele a chamara. E me perguntei como seria essa sensação. Ter alguém que falasse comigo daquela maneira de forma sincera. Estar certa de que ele não iria me machucar.

Quando ele estacionou a caminhonete, eu sabia que devia agradecer de novo e deixar que ele seguisse seu caminho.

– Mais uma vez obrigada por me trazer, e pelo refrigerante e por... por, hã, segurar minha mão. Eu me sinto muito grata mesmo. Lamento ter arruinado o seu dia. Volto para limpar no domingo. Não tenho nenhuma casa agendada para esse dia. Então você vai embora... certo?

Mase suspirou e olhou para mim.

– Sim, volto para casa no domingo. Pelo menos, esse é o plano. Mas não se preocupe com a casa até sua mão melhorar. Nan só vai voltar daqui a um mês. Ela está em Paris.

Paris. Nossa. Não conseguia imaginar uma viagem a um lugar como Paris. Perguntei-me como seria essa Nan. Se era irmã dele, devia ser linda também.

– Ok, obrigada – falei de novo, sem conseguir parar de agradecer. Peguei minha mochila e abri a porta da caminhonete.

– Espere. Vou ajudá-la a descer – disse Mase, detendo-me.

Ele fizera isso todas as vezes que entrei ou desci do carro. Como se pensasse que eu não poderia simplesmente saltar sozinha sem me machucar. Também, depois do que havia presenciado mais cedo, provavelmente achava que eu era uma estabanada.

Ele estava na minha frente, estendendo a mão outra vez para que eu segurasse. Deixei que me ajudasse porque estava certa de que era a última vez que veria aquele homem. Ele não sabia, mas havia me dado esperanças. E me mostrado que nem todos os homens são maus.

Evitei agradecer de novo e, em vez disso, apenas assenti com a cabeça e segui para o apartamento 1C.

– Reese – chamou, interrompendo meus passos.

Eu me virei e olhei para ele. O sol estava se pondo às suas costas, e eu tive certeza de que nada jamais havia sido tão perfeito em toda a história.

– Você não estragou meu dia. – Foi tudo o que ele disse antes de abrir a porta da caminhonete e subir outra vez.

Eu queria ficar para vê-lo partir. Mas não fiquei.

◆ ◆ ◆

Na manhã seguinte, minha mão estava latejando. Mas tomei o antibiótico e o analgésico que o médico receitara e me preparei para o trabalho. Eu tinha outra casa para limpar naquele dia em Rosemary Beach. Jimmy havia conseguido aquela faxina para mim porque era amigo dos donos. Eu não ia decepcioná-lo alegando que estava doente.

Jimmy estava de pé diante da minha porta com dois copos de cappuccino para viagem, sorrindo. Ele não era apenas legal, era lindo. E sabia disso. Era estranho que eu não o visse como um cara normal. Ele era mais como uma amiga, a primeira que eu tinha. Disse isso para ele uma vez, e ele caiu na gargalhada.

Ele também tinha uma máquina de cappuccino em casa. Eu estava começando a amar aquela máquina.

– Bom dia, maravilhosa. Aqui está o néctar para despertá-la – disse ele, me entregando o copo. Comecei a estender a mão machucada e me detive. Usei a mão boa, mas os olhos de Jimmy já estavam fixos na outra, enfaixada. – Garota, o que aconteceu?

Soltei um suspiro, detestando lembrar a confusão que havia criado no dia anterior.

– Caí limpando uma janela, quebrei um espelho na queda e cortei a mão. – Não queria dar detalhes. Ergui a mão machucada. – Cinco pontos. O irmão da dona da casa me deu uma carona até o hospital.

Jimmy se encolheu.

– Ai. Tem certeza de que vai poder fazer faxina hoje? Isso deve estar doendo.

– Eu estou bem. Vou ser um pouco mais lenta, mas pode apostar que não vou voltar a subir em cadeiras para limpar janelas – brinquei.

Ele não sorriu, apenas balançou a cabeça.

– Você é uma figura, Reese Ellis. Vamos lá, vamos levar esse seu belo traseiro até os Carters. Também tenho um outro contato para você. Blaire Finlay é uma amiga minha, e ela quer contratar uma nova faxineira. A dela está se aposentando e ela quer alguém jovem. Ela tem um filhinho. Estava ficando

difícil para a faxineira deles dar conta das bagunças do pequeno. O bebê é uma gracinha. – Peguei o número que ele me deu. – Ligue para ela. É uma querida. Você vai adorá-la.

Outro trabalho que eu conseguia sem usar a agência. Isso era ótimo. Com clientes que eu mesma encontro, fico com o valor integral.

– Obrigada, Jimmy – disse, guardando o número no bolso. – Vou ligar para ela assim que minha mão melhorar. Não quero aparecer com a mão enfaixada.

Jimmy sorriu, e seu rosto de anjo se iluminou ainda mais.

– Para todos os efeitos, ela é na verdade cunhada de Harlow Carter.

Isso não fazia sentido. O que ele queria dizer com “para todos os efeitos”? Imaginei que aquilo não importava. Além disso, eu gostava muito da Sra. Carter. Ela frequentemente estava em casa quando eu fazia a faxina, pois tinha um bebê, portanto eu havia conversado com ela várias vezes. Ela sempre tentava me fazer parar para almoçar com ela. Eu tinha certeza de que ia gostar de trabalhar para a cunhada dela também.

– Preciso trabalhar em um evento beneficente no clube hoje à noite. Não estarei livre antes da uma da madrugada. Queria que você pegasse um táxi para casa. Ainda mais com essa mão machucada. Depois da faxina nos Carters, você vai estar cansada. E provavelmente com dores.

Tínhamos essa discussão todas as vezes que ele precisava trabalhar até tarde. Ele sempre queria que eu pegasse um táxi para casa, mas morávamos a treze quilômetros do clube, logo depois de Rosemary Beach e a umas poucas ruas da costa. Eu havia ido a pé para a escola, para a biblioteca e para o mercado minha vida inteira. Estava acostumada a caminhar para chegar aos lugares. Se queria ir a algum lugar, eu tinha que andar.

Provavelmente eu agora podia comprar um carro, mas não conseguiria passar no teste escrito. Pedi que minha mãe me ajudasse certa vez, mas fora um grande erro. Ela fez questão que eu entendesse que pessoas preguiçosas e burras não deviam dirigir. Era perigoso para as outras pessoas. Eu tinha tentado ler duas vezes o manual para o teste escrito, mas era inútil. As palavras nunca faziam sentido para mim.

E por esse motivo eu sabia que minha mãe, meu padrasto e todas as crianças da escola tinham razão: eu era burra. Só podia ser. Meu cérebro não funcionava

como o de todo mundo. Eu tinha 22 anos e ainda ia à biblioteca pegar livros ilustrados para tentar lê-los.

– Aposto que Harlow daria uma carona para você depois do trabalho, se pedisse. Eu vou pedir a ela. Ninguém é mais doce do que Harlow Carter.

Eu não ia pedir a ela que me levasse em casa.

– Está tudo bem. Vou pensar sobre chamar um táxi. Prometo – eu disse, sabendo que pensaria, mas não chamaria.

Mase

Eu acabei não indo à casa de Harlow na noite anterior. Voltei para casa e limpei os cacos do espelho, então liguei para ela e lhe expliquei que estava exausto. Ainda tinha sono para botar em dia. As poucas horas que dormi naquela manhã não foram suficientes.

Ao acordar no silêncio dessa manhã, eu havia experimentado um estranho sentimento de perda. O que foi estranho, considerando que Reese cantava pessimamente. Eu não planejava ver a garota outra vez. Mesmo que eu não fosse embora no domingo, não estaria ali quando ela viesse. Sentia uma necessidade de resolver todos os problemas dela. O que era uma idiotice. Ela estava se virando bem sem mim. Mas algo naqueles olhos enormes... Caramba, a quem eu estava enganando? Não havia uma única parte do corpo dela que não estivesse gritando por atenção. E eu queria dar a ela toda aquela atenção.

Uma mulher como aquela tinha que ter um homem. Não fazia sentido que não tivesse.

Estacionei na frente da casa de Harlow e tirei Reese dos meus pensamentos, tentando deixar o dia anterior para trás. Sim, eu achava que merecia um maldito troféu por *não* ter beijado aqueles lábios carnudos, mas isso agora estava no passado.

A porta da frente se abriu, e Harlow veio correndo, sorrindo feito uma garotinha. Em minha cabeça, ela sempre seria minha irmãzinha. Ainda conseguia ver suas tranças e o espaço entre os dentes da frente quando ela sorria para mim. Ela também tinha sardas no nariz naquela época. Ela havia precisado de mim por muito tempo e eu tinha cuidado dela. Mas agora era Grant Carter quem fazia isso.

– Você chegou! – gritou ela se jogando nos meus braços.

Ri do entusiasmo dela e a abracei enquanto ela beijava minha bochecha.

– Desculpe não ter conseguido vir ontem. Foi um longo dia – disse, me

sentindo culpado.

– Tudo bem. Planejei nosso dia inteiro. Lila Kate está dormindo, e a faxineira que Grant insiste que a gente precisa está limpando lá em cima. Aliás, nem quero começar esse assunto. Ele não gostava que eu limpasse a casa enquanto Lila Kate dormia; acha que eu devia dormir também e descansar mais. Ele não quer que eu limpe a casa.

Ela revirou os olhos, como se ele fosse ridículo. Mas eu concordava com ele. Harlow tinha um problema cardíaco que quase a tirara de nós. A lembrança de que por pouco não a perdemos durante o parto ainda estava fresca. Lila Kate já tinha vários dias quando Harlow abriu os olhos.

– Ele tem razão – respondi simplesmente, e Harlow riu de mim.

– Vamos entrar. O brunch está pronto. Tenho assistido ao canal de programas culinários enquanto dou mamadeira a Lila Kate no meio da noite, então comecei a cozinhar. Está virando um vício.

Segui casa adentro com Harlow, que tagarelava alegremente. Ao escutar aquela alegria em sua voz e ver a felicidade brilhando em seus olhos gostei ainda mais de Grant Carter. No início, eu não estava convencido, mas o cara havia me ganhado. Ele fazia minha irmã feliz. Ele a adorava do jeito que ela precisava ser adorada.

– Voltei, Reese. Não precisa ficar de olho na Lila Kate. Estou com a babá eletrônica agora. Obrigada! – Harlow gritou no pé da escada.

No momento em que o nome “Reese” penetrava meu cérebro, olhei para cima e vi aqueles olhos azul-bebê me fitando, arregalados e surpresos. Caramba. Aquela história de que eu nunca mais a veria tinha acabado.

– Reese, este é Mase, meu irmão. Mase, esta é Reese. A melhor faxineira do mundo. Tenho que agradecer a Jimmy por me indicá-la.

Eu a vi cobrir o curativo com a mão boa enquanto forçava um sorriso tenso, nervoso. Ela estava trabalhando com a mão naquelas condições. Que droga. Ela não ouviu nada do que eu disse? Era teimosa demais. Os pontos deviam estar ardendo muito.

– Ela também é superdedicada, pois está limpando sua casa com cinco pontos recém-suturados na palma da mão. Sua tolerância à dor é realmente impressionante, Reese – falei.

– O quê? – arquejou Harlow. – Ah! Reese também trabalha para Nan? –

Harlow voltou o olhar para Reese. – Você está fazendo faxina depois de ter cortado a mão ontem? Por que não me disse? Eu não teria esperado que você viesse hoje. Precisa descansar a mão. Os pontos podem abrir outra vez – censurou-a Harlow.

Observei Reese endireitar os ombros e esconder a mão enfaixada às costas, como se isso resolvesse o problema.

– Eu estou bem. Juro. Acordei de manhã, e a mão não estava doendo nada. Bom, talvez um pouquinho, mas tomei o remédio e me senti melhor. Estou quase acabando com o andar de cima. Não demora mais do que umas três horas.

Harlow sacudiu a cabeça.

– De jeito nenhum. Você vem comer com a gente e depois Mase vai levá-la para casa. Não quero que volte aqui até a semana que vem, no mínimo. Não pode trabalhar com a mão assim.

Pude ver a frustração no rosto de Reese, mas ela não ia discutir com Harlow.

– Está bem. Só me deixe colocar as toalhas dobradas no seu banheiro e então eu desço.

Caramba, mulher.

– As toalhas estão ótimas onde estão. Harlow pode guardar as toalhas sozinha. Desça.

Aquilo soou como uma ordem. Mas ela estava testando minha paciência.

Ela acenou com a cabeça positivamente de forma tensa e desceu as escadas devagar. Hoje não estava de short, mas usava uma legging que terminava logo abaixo dos joelhos e era justa em seu corpo feito uma luva. Desejei que a maldita camiseta não fosse tão grande, assim eu poderia ver sua bunda naquela roupa.

– Desculpe se ele parece tão mandão. Ele sempre foi mandão. É essa coisa de macho-alfa que ele tem – disse Harlow quando Reese parou à nossa frente. – Venha, vamos comer. Tem alguns pratos que eu preparei pela primeira vez. Mal posso esperar para saber o que vocês vão achar.

Observei Harlow dirigir-se para a cozinha e esperei até ela estar longe o suficiente para olhar de novo para Reese.

– Deixe-me ver sua mão – pedi suavemente, tentando fazê-la relaxar.

Era óbvio que eu a deixava nervosa quando ficava frustrado.

Ela começou a argumentar. Pude ver a contrariedade em seus olhos, mas acabou cedendo e estendendo a mão para mim. Desenfaixei cuidadosamente e

observei a pele rosada e enrugada. Não estava infeccionada, mas estava maltratada pelo trabalho. Ela precisava de gelo e pomada.

– Vou pegar gelo para você. Venha – falei, segurando seu pulso e puxando-a para que fosse na frente.

– Preferia que você não pegasse. Harlow vai se sentir mal por eu ter limpado a casa dela hoje.

Ela estava preocupada com Harlow. Por que isso não me surpreendia?

– Está tudo bem. Harlow vai preferir que você se cuide.

Ela entrou na cozinha e foi para a mesa, onde Harlow gesticulou para que se sentasse.

Minha visita descontraída a Harlow tinha acabado de se transformar em algo totalmente diferente. Fui até o freezer e arranjei um saco de gelo. Harlow sentou-se à mesa diante de Reese, mas eu podia sentir os olhos dela em mim. Minha irmã estava vendo mais do que existia na verdade.

Reese

Foi muito constrangedor.

Harlow era a “querida” com quem ele estava conversando na noite anterior. Isso eu entendi. Ela falou algo sobre ele não ter conseguido ir vê-la ontem à noite, o que me fez sentir culpada. E agora ali estava eu outra vez, atrapalhando a visita dele. Mase obviamente adorava a irmã, e ela o adorava. Eu não tinha irmãos e nenhuma ideia de como devia ser esse sentimento.

– Kiro ligou para você? – perguntou Mase, olhando para a irmã antes de pegar o sanduíche no prato e morder.

Ela sorriu, tensa, e assentiu.

– Sim. Não está sendo fácil para ele ficar longe.

– Estou surpreso que ele tenha conseguido por tanto tempo. Você vai visitar sua mãe?

Harlow franziu a testa e olhou para o prato. Algo definitivamente não estava bem. Ela tinha problemas com a mãe, assim como eu? E ele tinha dito “sua” mãe. Será que eles tinham mães diferentes?

– Ele tem medo de que eu possa perturbá-la se ele não estiver presente. Acha que é melhor eu esperar até ele voltar.

Mase deixou escapar um grunhido irritado. Ele não parecia satisfeito com a resposta dela. Então olhou para mim.

– Você está bem? O gelo está ajudando?

Assenti com a cabeça.

– Não vamos falar do papai agora. É grosseiro conversar sobre assuntos de família com uma convidada aqui – disse Harlow, com um sorriso que não combinava com seu olhar. Alguma coisa que Mase dissera a incomodou.

– O pai de vocês tem um nome bacana – afirmei, esperando aliviar parte da tensão que subitamente surgira no ar. – O único Kiro de que ouvi falar é Kiro Manning. Nunca soube de outra pessoa com esse nome.

Harlow e Mase se olharam e então um sorriso verdadeiro se abriu no rosto dela.

– Eu também nunca ouvi falar de outra pessoa com o nome Kiro. Exceto, claro, Kiro Manning.

Eu tinha começado a concordar educadamente, quando a ficha caiu. *Não... espera aí. Não...*

– Acho que não falei meu nome todo quando me apresentei – disse Mase, com um sorriso.

Ah, espera aí. Vasculhei o meu cérebro. Houve algo no noticiário, mais ou menos na época em que saí de casa, a respeito da mulher e da filha de Kiro Manning. Na época eu nem sempre tinha acesso à TV.

– Você não se liga muito em TV, não é? – disse Mase, com um sorrisinho provocador, e tomou um gole de refrigerante.

Eu não ia explicar a ele por que eu não via muita TV. Só balancei a cabeça.

– Não, não muito, nunca.

Harlow suspirou, e então riu suavemente.

– Alguém que não sabia quem eu sou, e agora você estragou tudo, Mase.

Percebi que ela estava brincado. Apenas sorri e tentei encaixar em minha cabeça o fato de que estava sentada à mesa com os filhos de Kiro Manning. Em que mundo aquilo estava acontecendo? Meu constrangimento se potencializou, e eu só queria sair dali. Eu não estava apenas interrompendo uma reunião de família, mas uma reunião de família de um astro do rock. Ah, Deus, isso era muito constrangedor.

Olhei para os dois sentados ali, tão legais, com seus sorrisos fáceis. Pareciam uma família normal e feliz. Não pareciam ser o que se espera dos filhos de uma lenda do rock.

– Eu preciso ir. Eu... Minha mão está começando a incomodar, e deixei o remédio em casa. Muito obrigada pelo brunch, prometo recuperar esse tempo na semana que vem. Vocês dois aproveitem a comida, e não precisam me acompanhar até a porta – falei, antes que pudessem me deter. Então me levantei e dirigi mais um sorriso a eles antes de deixar a cozinha, tão calma e rapidamente quanto possível.

Mal tinha posto o pé para fora quando senti uma mão forte segurar meu braço.

– Não tão rápido. Se você quer ir, eu a levo. Você não vai a pé.

Mase não estava segurando meu braço forte o suficiente para me deixar em pânico, mas a pegada firme fez meus batimentos cardíacos acelerarem. Eu não gostava de ser agarrada. Consegui controlar minha reação.

– Eu... hã, está bem. Ok. Obrigada. – Era cansativo discutir com esse homem. Ele ganharia. Era melhor eu ceder.

Ele pareceu satisfeito com o fato de eu não discutir. Pousou a mão nas minhas costas para me guiar até sua caminhonete. Fui à frente dele, rápido o bastante para evitar o contato com sua mão. Eu não gostava de ser tocada. E, daquele jeito, menos ainda. Embora lembrasse a mim mesma do quanto não gostava de ser tocada, aquela sensação quente e formigante em minhas costas, onde a mão dele pousara, não desaparecia. Não era uma sensação desagradável, apenas nova. Muito nova. Nunca tinha acontecido, até agora.

Mase abriu a porta da caminhonete antes que eu pudesse alcançar a maçaneta e pegou minha mão para me ajudar a subir. Outra vez eu estava no carro dele, mas agora eu sabia mais sobre ele. Era um irmão bom e querido. Adorava a irmã. E era filho de Kiro Manning.

Minha nossa, que loucura.

Quando ele já estava atrás do volante, olhei para ele. Seu corpo alto e musculoso estava coberto com uma camisa de flanela e um jeans desbotado e detonado. Suas coxas preenchiam bem o jeans, e dava para ver os músculos se flexionarem.

– Quando chegar em casa, ponha no machucado um pouco daquela pomada que compramos ontem. Isso vai amaciar a pele em volta e diminuir a dor.

– Farei isso – assegurei.

Ele assentiu e pegou os óculos de sol que tinha guardado no quebra-sol e os colocou. Como alguém podia parecer sexy colocando óculos escuros? Até aquele momento, eu não achava que isso fosse possível.

– Você precisa ligar para o Jimmy e avisar que já tem carona?

Fiz que não com a cabeça.

– Não, eu ia voltar para casa andando. Ele precisa trabalhar esta noite.

Mase fez uma careta.

– Existem *táxis* por aqui, sabia?

Olhei para a atadura e mantive a cabeça baixa. Não queria contar a ele a

história da minha vida para explicar por que era desnecessário pegar um táxi. Eu gostava de caminhar. Era o que eu sempre fizera.

Mase suspirou quando não respondi.

– Você vai trabalhar amanhã? – perguntou.

Eu não tinha faxina no dia seguinte. Era quando eu aproveitava para ir à biblioteca trocar meus livros. E caminhar na praia, limpar meu apartamento e ir ao mercado. Era o tempo que eu tinha para mim mesma.

– Não. Eu não trabalho amanhã.

– Ótimo.

Mase

Dois dias depois de levar Reese até a casa dela, eu ainda estava pensando nela. Preocupado com sua mão e com o fato de ela ir para todos os lugares andando. Estava tentando furiosamente tirar aquilo da cabeça. Ela não era responsabilidade minha.

Harlow me entregou Lila Kate depois de tirá-la da cadeirinha no carro. Segurei aquele pequeno milagre com muito cuidado, porque ela ainda era muito pequena. A maneira como Grant pairava sobre a filha, como se ela fosse se quebrar, me fazia pensar que isso era bem possível. Eu tomava todo cuidado.

– Leve ela, por favor? Eu vou pegar a bolsa de fraldas – disse Harlow, pegando a bolsa repleta de apetrechos de Lila Kate.

A bolsa era maior do que a bebê.

– Só estamos indo almoçar com os Finlays. Ela precisa mesmo de tudo isso para as duas horas em que estaremos fora? – perguntei, duvidando que Lila Kate precisasse de uma bolsa tão grande.

Harlow apenas sorriu e passou a alça sobre o ombro, antes de trancar o caríssimo SUV que nosso pai dera de presente quando Lila Kate nasceu.

– Vamos.

Segui Harlow até a entrada.

– Por que a gente não chamou o manobrista? – perguntei, pensando que teria sido mais fácil.

– Porque demora muito até eu botar Lila Kate e todas as coisas dela no carro. Eu detesto ficar retendo a fila.

Olhei para o manobrista e não havia ninguém esperando. Mas não falei nada.

– Boa tarde, Sra. Carter e Sr. Manning – disse o sujeito à porta ao abri-la para entrarmos.

Eu não era sócio do Kerrington Club, mas Harlow, Rush, meu pai, o pai de Rush e, claro, Nan eram. Acho que as pessoas supunham que eu fosse também.

– Sra. Carter, o Sr. Finlay e a esposa já estão sentados no salão dos fundos. Vocês terão privacidade – disse a recepcionista, antes mesmo que chegássemos a ela.

Então a seguimos pelo salão de jantar até outro salão com três paredes de vidro e vista para o golfo e as quadras de tênis.

Blaire se levantou imediatamente e veio até mim. Mas ela não estava vindo por minha causa. Eu sabia disso.

– Dê ela para mim – Blaire quase guinchou, esticando os braços para Lila Kate.

– Oi, Mase! – disse Nate Finlay, levantando-se da cadeira e acenando para mim.

A cada vez que eu o encontrava, o menino estava mais parecido com o pai.

– Oi, rapazinho! – fui até ele para cumprimentá-lo com o punho cerrado.

– A'aasa! – disse Nate.

Então ele fez um barulho com a boca, como se algo estivesse de fato explodindo, e abriu a mão.

– Isso é coisa do tio Grant – disse Blaire, rindo.

Eu fiz um barulho semelhante e me sentei em frente a Nate e Rush.

Rush sorria como se Nate fosse a coisa mais divertida do mundo.

– Agora sente direitinho. De pé, não. Lembra? – corrigiu ele. Nate se deixou cair, e Rush desarrumou seu cabelo, olhando para mim em seguida. – Está curtindo a visita? – perguntou Rush.

– Sim. É ótimo ver Harlow tão bem. E feliz.

Rush concordou com a cabeça.

– Grant também. Ultimamente ele só faz sorrir.

– Que bom que eu não moro aqui. Vocês estão com a cara ótima, mas estão caindo feito peças de dominó. Você, Woods, Grant e agora Tripp. – Reclinei-me e sorri. – Deve ser alguma coisa na água, então não posso ficar por muito tempo. Ainda não estou pronto.

Rush riu e olhou para Blaire, que estava arrulhando para Lila Kate. Blaire era uma beleza. Não havia a menor dúvida. Quando Rush decidiu sossegar, escolheu uma beldade. Mas, mesmo assim, não era algo que eu desejasse. Pelo menos não ainda. Eu só tinha 25 anos. A vida em família não podia ser só um mar de rosas, como esse bando fazia parecer.

– Você só não a encontrou ainda – disse Rush, olhando para Blaire. – Quando encontrar, não terá nenhuma importância o que você pensa agora. Ela será tudo o que você deseja no mundo.

Eu tinha certeza de que era assim que ele se sentia, mas eu trabalhava com cavalos em um rancho o dia inteiro. Não havia muito tempo para mulheres ou interações com o sexo oposto. Estava muito ocupado ganhando a vida e construindo meu próprio negócio. Claro que eu tinha necessidades. Mas havia uma amiga que cuidava dessas necessidades, sem compromisso. Funcionava bem para nós. Durante a maior parte da minha vida, Cordelia viveu no rancho mais próximo. E nos entendíamos muito bem.

– Ah, Rush, ela é perfeita. Acho que quero uma menina. Não sei por quanto tempo vou conseguir esperar – disse Blaire, beijando o nariz de Lila Kate.

– Gata, quando você estiver pronta para outra, fazer isso acontecer será meu primeiro objetivo de vida – disse ele, piscando para a mulher.

As bochechas de Blaire ficaram rosadas, e ela tentou olhá-lo de cara feia, mas não conseguiu.

– Bem, vejam só a mesa que me deram hoje. Imaginei que deviam ser vips, porque a missão veio para mim – disse uma voz masculina.

Ao me virar, eu o vi sorrindo para Blaire. Ele se inclinou sobre Lila Kate.

– Oi, doçura! Você está sem o seu papai corujão hoje. Talvez eu até tenha a chance de pegar você um pouquinho – disse ele.

– Oi, Jimmy – chamou Nate, acenando, e depois estendeu o pequeno punho cerrado.

Jimmy conhecia a brincadeira e também fez a explosão com ele.

– Quer uma Coca, mano? – perguntou a Nate, que concordou. – O que posso trazer para o restante de vocês? – perguntou Jimmy.

Ele voltou até Blaire, anotou o pedido dela e percorreu a mesa, fazendo o mesmo com os outros.

Quando ele se virou para levar os pedidos, Harlow chamou:

– Jimmy, você é amigo da Reese, certo?

Voltei a atenção para minha irmã, a fim de ver o que ela ia dizer. Ela havia me questionado sobre Reese casualmente, e eu sabia que ela estava em busca do motivo de eu ajudá-la. Mas eu tinha posto fim àquilo. Ou achei que sim.

Jimmy abriu um sorriso.

– Ela é minha vizinha e nova parceira para ver *Game of Thrones*.

– Não foi ela que você me recomendou para limpar minha casa? – perguntou Blaire.

– Isso. Ela mesma – replicou ele.

Harlow olhou para Blaire.

– Ela é maravilhosa. Você vai gostar muito dela. – Então minha irmã olhou de volta para Jimmy. – Eu estava querendo saber sobre a mão dela. Está tudo bem?

O sorriso de Jimmy desapareceu.

– Ela está bem. Mas foi trabalhar hoje. Eu poderia ter dado uns tapas naquele traseiro sexy. Ela é teimosa. Acho que não tem família. Caramba, acho que ela não tem nem amigos. Ela me disse há algumas semanas que eu era sua primeira amiga. Mas na hora a gente estava tomando uma garrafa de Chardonnay, então podia ser influência do vinho. Mas, independentemente disso, ela é uma boa moça. Um doce. Não consigo entender por que está solteira. Deus sabe que todo cara interessante do nosso prédio tentou alguma coisa com ela. Até os casados. – Ele balançou a cabeça, desgostoso.

– Que triste – disse Blaire, desanimada. – Ser sozinha não é fácil. Que bom que ela tem você.

Jimmy piscou para Blaire antes de se virar e sair.

Senti um aperto no peito. Tentei me livrar dele e me concentrar na conversa ao redor. Mas a ideia de Reese ser sozinha, sem família, me incomodava. Ninguém, exceto Jimmy, se preocupava com ela. Como isso era possível? A mulher podia parar o trânsito sem querer. Meu Deus, tinha homens casados dando em cima dela.

Eu poderia pensar que ela talvez gostasse de garotas, mas vi o jeito como ela olhou para o meu peito nu. Não sou bobo. Ela não queria olhar, mas tinha olhado mesmo assim.

Quando Jimmy veio recolher os pratos, vi a mente de Harlow funcionando. Ela também estava preocupada com Reese.

– Você sabe como Reese vai voltar para casa hoje depois do trabalho? Você vai levá-la? – Harlow questionou Jimmy.

Ele franziu a testa e colocou outro prato na pilha em seu braço.

– Não, ela tinha uma casa menor hoje. Provavelmente já terminou e está a

caminho de casa.

Harlow virou-se para mim.

– Você pode ir procurá-la e levá-la em casa? Lila Kate e eu podemos ficar aqui e comer a sobremesa.

Eu já estava me levantando antes que ela terminasse a pergunta.

– Reese não lida bem com os homens. Eles a deixam nervosa. É muito gentil da sua parte mandar Mase, mas ela simplesmente não vai entrar no carro com ele – disse Jimmy, olhando para mim com cautela.

– Está tudo bem. Ela já conhece Mase. Ele a levou para tomar os pontos na mão e também outro dia, saindo da minha casa – assegurou-lhe Harlow.

Observei a expressão de Jimmy quando ele voltou o olhar para mim. Seus olhos se arregalaram, e ele sorriu.

– Bem, ao menos ela tem bom gosto. Já estava na hora – murmurou ele.

– Ignore o Jimmy. Ele é um romântico. Inventa coisas do nada. Vá lá e dê uma carona para ela. Por favor – implorou Harlow.

Ela estava preocupada que eu não fosse por causa do comentário de Jimmy.

Olhei para ele.

– Queria conversar com você sobre essas caminhadas dela. Isso precisa parar. Leve ela até as casas em que trabalha. Não a faça caminhar desde o clube.

Os olhos de Jimmy se arregalaram, mas eu não esperei pela resposta. Sabia que os outros tinham me escutado e sabia o que eles estavam pensando. Mas eu não me importava. Seria preciso mais do que isso para me impedir de ir ver Reese outra vez. Ela precisava de mim. Caramba, ela precisava de alguém. E que se dane: eu queria estar lá para ajudá-la.

Era culpa da minha mãe. Ela havia me criado para ser assim. Essa era a única desculpa que eu tinha.

Reese

Não vi o utilitário luxuoso ao meu lado até escutar uma voz grave e familiar chamar meu nome. Parei e olhei quando Mase estacionava atrás de mim. Não esperava vê-lo de novo.

O modo como meu coração disparou e começou a bater violentamente no peito me surpreendeu. O que havia nesse homem que me fazia sentir coisas que eu achava que eram impossíveis para mim?

– Entre – disse Mase, passando pela frente do carro para abrir a porta do carona.

A verdade é que eu não queria discutir com ele. Ele estava aqui e eu teria a chance de estar perto dele por alguns minutos. Eu ia aproveitar.

Deixei meus olhos passarem por seu traseiro delineado pelo jeans e observei a maneira como a camiseta azul-marinho que ele usava agarrava-se ao seu corpo, incapaz de esconder todos aqueles músculos definidos. O cabelo dele estava preso, mas os cachos nas pontas faziam os fios parecerem desarrumados e convidativos ao toque.

Quando ele começou a se virar para mim, voltei à realidade e me apressei até ele.

– Obrigada – respondi, subindo no carro.

Ele não me ajudou desta vez, mas esse carro não era tão alto quanto a caminhonete. Era o carro de Harlow. Sabia que parecia familiar, mas o assento do bebê no banco de trás era definitivamente o de Lila Kate. Eu já o tinha visto.

Mase fechou minha porta, e eu contemplei sua beleza masculina quando ele passou pela frente do veículo, prendendo um fio de cabelo solto atrás da orelha. A barba estava novamente por fazer, e concluí que eu gostava mais quando ele não se barbeava.

– Você trabalhou hoje – disse ele, olhando para minha mão. – Está melhor?

Estava. Muito melhor. Eu não havia tido muitos problemas com ela hoje.

Usei luvas de borracha e pude fazer a faxina sem que o corte me fizesse ir mais devagar.

– Sim – respondi. – Você estava indo a algum lugar?

Ele sacudiu a cabeça negativamente e ligou o veículo, voltando para a rua.

– Não. Acabei de almoçar no clube. Jimmy comentou que você trabalhou hoje e que estava voltando para casa a pé – explicou ele.

Então Mase viera para me procurar? Se ele estivesse indo para a casa dos Carters, teria dobrado algumas quadras antes. Senti o estômago se agitar.

Antes que eu pudesse pensar em algo para dizer, um telefone começou a tocar. Mase se esticou e puxou um smartphone do bolso.

– Oi, tudo bem? – disse ele ao atender, parecendo preocupado. – Claro. Estarei de volta até lá. Acho que posso encaixar. Eles disseram por quanto tempo precisam ser tratados?

Tentei não olhar para o rosto dele enquanto ele se concentrava na estrada e na conversa ao telefone.

– Sim, pode me passar – prosseguiu ele, e então se esticou e abriu o porta-luvas. – Veja se tem uma caneta aí, Reese.

Fiz rapidamente o que ele pediu, encontrei uma caneta preta e a entreguei a ele. Mase me devolveu a caneta e pegou um pedaço de papel no console entre os bancos.

– Aqui, escreva para mim – disse ele.

Ah, não. Isso não.

Ele veria o que escrevi. Eu tinha dificuldade para escrever coisas ditadas. Eu precisava me concentrar. Minhas letras ficavam tortas e eu frequentemente entrava em pânico quando pressionada para escrever em pouco tempo. Eu tinha de ficar sozinha e me concentrar.

– Três, três, três – começou ele, e eu rapidamente escrevi os números. Aquilo eu conseguia. Não era difícil. – Berkley Road – acrescentou ele, e meu coração começou a bater tão forte que eu não conseguia ouvir mais nada. – Fort Worth – prosseguiu, antes que eu conseguisse escrever o B, ou o que eu pensava que era um B. Minhas mãos tremiam tanto que eu não sabia se conseguiria continuar.

Respirei fundo e tentei com todas as forças me controlar. Berkley. Já tinha o B. Então vinha o E. Comecei a escrever o E e ele pareceu um 3, como os que eu

tinha escrito antes. Parei e olhei de novo os números 3. Por que eles se pareciam?

O olhar dele estava fixo em mim. Um suor frio tomou todo o meu corpo e eu me forcei a continuar. A próxima letra era um R. Pisquei rapidamente, enquanto as letras que eu tinha escrito se retorciam, e minha cabeça começava a latejar.

– Me mande por mensagem – eu o ouvi dizer.

Sabia que não estava falando comigo.

Fechei os olhos com força, desejando apenas pular daquele veículo em movimento. Aquilo não estava acontecendo. Eu morava aqui havia quase um ano, sem que ninguém soubesse que eu era burra. Aquele estigma tinha ficado para trás. Usara o corretor ortográfico do computador de Jimmy para preencher meu formulário de inscrição para a agência de limpeza.

A força com que eu segurava a caneta tinha deixado as juntas dos meus dedos brancas, e eu olhava para elas com lágrimas de frustração se acumulando em meus olhos. Agora Mase Manning sabia que eu era burra. De todas as pessoas que poderiam ter descoberto isso, por que tinha que ser justamente ele? O universo me odiava.

Mase estendeu a mão e tirou a caneta de mim. Deixei que ele a pegasse. Ele então a jogou no porta-luvas e o fechou. Eu não conseguia olhar para ele. Ele não disse nada, e eu me recusava a encará-lo. Veria pena ou, pior, desprezo.

O carro parou, eu respirei fundo e levei a mão à maçaneta da porta. Eu ia simplesmente sair correndo. As chances de ver aquele homem outra vez eram pequenas ou nulas. Ele não disse nada quando desci do carro. Isso doeu, apesar de eu me sentir agradecida. Ele não ia abrir a porta para mim nem me dizer adeus. Estava me deixando fugir, como a idiota que eu era.

Sem olhar para trás, me pus a procurar a chave do apartamento na mochila.

Minha mão tremia tanto que eu não conseguia colocar a chave na fechadura. As lágrimas borravam minha visão e eu deixei escapar um soluço de frustração antes de tentar abrir a porta outra vez.

De repente, a mão dele cobriu a minha e eu o vi tirar a chave de mim. Não resisti. Fiquei ali de pé, horrorizada e confusa, enquanto ele destrancava e abria a porta. Por que ele tinha saído do carro?

Não me mexi. Estava paralisada. Então a mão dele tocou as minhas costas, e ele gentilmente me conduziu para dentro. Incapaz de pensar por mim mesma,

entrei. Ele manteve a mão na parte inferior das minhas costas até estarmos dentro do apartamento e a porta se fechar suavemente. Ele entrara atrás de mim. E ia me fazer perguntas. Perguntas cujas respostas ele já sabia. Eu havia provado no carro que meu cérebro não funcionava direito. E ele vira. Agora eu só precisava que ele fosse embora.

– O que aconteceu? – A voz dele era gentil e afável.

Não havia nada de desagradável na pergunta dele. Eu quase me senti segura. Quase.

Mase

Meus pensamentos estavam confusos enquanto eu tentava freneticamente entender o que havia acontecido no carro. Eu nunca tinha visto alguém agir assim antes. Foi difícil dirigir vendo Reese lutar para escrever um simples endereço. Eu não havia percebido que ela estava tendo problemas até ela soltar um leve grunhido de pânico, como se não conseguisse respirar.

Eu havia olhado para o rosto dela e a vira empalidecer. Baixando os olhos para o papel, vira três letras E, em vez de três 3. Seu B invertido fora suficiente para eu perceber que algo estava errado. Ela devia ter uma explicação. Uma que fizesse sentido.

– Eu sou burra... Eu... Meu cérebro não funciona direito. Frequentei a escola por doze anos e mesmo assim não me formei. Não consigo passar num teste. Eu não... eu não sei nem ler. Não muito.

Merda.

Ela levantou a mão para secar as lágrimas, e seus lábios cheios estavam crispados. Ela era linda mesmo chorando.

– Você não é burra – retruquei, irritado.

Detestei ouvi-la falar assim de si mesma. Havia algo errado com ela, mas ela não era burra.

Ela soltou uma risada triste e continuou a secar as lágrimas.

– Você deve ser a primeira pessoa que sabe disso e não me acha burra.

Meu corpo ficou tenso e um redemoinho de fúria se formou em meu peito.

– Alguém disse que você era burra? – perguntei, incapaz de impedir que a emoção transparecesse em minha voz. Eu estava furioso.

Ela se empertigou e então olhou para mim com cautela.

– Sim – disse baixinho.

– Quem?

Ela me observou por um instante. Pelo menos minha reação havia

interrompido suas lágrimas.

Aqueles olhos enormes sugavam a gente, mas, úmidos e vermelhos de chorar, eram ainda mais mortais. A gente tinha vontade de fazer o que fosse necessário para fazê-los brilhar num sorriso.

– Meus pais, professores, outras crianças... todo mundo – respondeu ela. – Mas eu sou. Você só não sabe...

Sua voz falhou e ela pareceu completamente desesperada e abatida. Seu tom de voz me disse que aquilo não era fácil para ela. Eu me perguntei se alguém com que ela se relacionava sabia disso.

– Então eles são uns idiotas. Estive com você tempo suficiente para saber que você é inteligente. Você se sustenta sozinha e tem um emprego. Uma pessoa burra não seria capaz disso tudo.

Ela franziu a testa outra vez e cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse se protegendo.

Que tipo de pais fariam isso com a filha? Ela deve ter sido uma criança linda. Do tipo que as pessoas querem ficar observando só para vê-la sorrir. Puxa, eu gostava até quando ela fazia beicinho.

– Por favor, não conte para ninguém – sussurrou ela, olhando para mim.

Ela achava mesmo que eu faria uma coisa dessas? Corri a mão pelo cabelo, frustrado, esquecendo que estava preso num rabo de cavalo.

Eu precisava ajudá-la. Não sabia ao certo como conseguiria isso, considerando que eu tinha que voltar para o Texas em dois dias. A ligação que eu atendera era de meu padrasto. Eu receberia mais cavalos para tratar. E precisava do dinheiro. Eu precisava voltar para casa, não podia ficar para resolver isso aqui.

– Eu jamais faria isso. Mas quero ajudar você – assegurei a Reese, esperando que ela me dissesse não e me mandasse embora.

Em vez disso, seus lábios se crisparam outra vez, como se ela fosse chorar. Droga, o que eu tinha feito dessa vez?

– Você é tão... legal. Por que você é tão legal? Eu limpo a casa das suas irmãs. Você não me conhece. Não de verdade. Mas você abre portas para mim e não age como se eu fosse uma idiota, e você... quer me ajudar? – A última frase saiu em meio a um soluço sufocado. – Ninguém pode me ajudar. Não se pode consertar o que não existe. E meu cérebro simplesmente não existe.

Inferno.

– Não repita isso – adverti. Não queria mais ouvi-la se depreciando. Eu tinha visto inteligência em seus olhos. – Não há nada de errado com seu cérebro.

Alguma coisa que não entendi passou pelos olhos de Reese, e então um leve sorriso surgiu nos lábios dela enquanto ela fungava.

– Você é realmente um cara legal, Mase Manning. Em geral não gosto de homens. Eles... me deixam nervosa. Mas você, você é diferente.

Minhas próprias emoções eram muito cruas para isso. Não podia me permitir questionar por que ela não confiava ou não gostava de homens. A expressão assombrada nos olhos dela quando admitiu aquilo me enviou um sinal de alerta que eu não poderia ignorar. Ela tinha mais segredos – eu apostaria minha vida nisso.

O fato era que garotas bonitas como Reese conheciam bem os homens. Elas os controlavam desde a puberdade. Os homens não as assustavam. Elas os dominavam. A menos que... Não. Eu não ia deixar meus pensamentos seguirem esse caminho agora. Mas, por Deus, eu gostaria de estar errado.

– Eu preciso ir embora daqui a dois dias. Vou voltar para o Texas. Tenho negócios a resolver lá. Mas vou ajudar você. Quando eu estiver longe, você pode me ligar, e eu estarei lá para ouvi-la. Sou um bom amigo, de verdade. Mas preciso que você me prometa que vai fazer o que eu arranjar para ajudá-la. Vai confiar em mim e deixar que eu a coloque em boas mãos. Não vou deixar ninguém machucá-la. Se precisar, é só me ligar.

Eu não sabia o que ia fazer em dois dias, mas eu tinha alguns contatos. Eu era filho de Kiro Manning, e às vezes isso significava alguma coisa. Nunca usava esse parentesco a meu favor, mas usaria para ajudar Reese. Kiro podia exigir o melhor, e Reese teria o melhor.

Reese inclinou a cabeça e eu fiquei imaginando de novo que comprimento o cabelo dela teria. Que aparência teria solto sobre os ombros. Será que encaracolava naturalmente ou era liso?

– Por quê? – perguntou ela.

– Por que o quê?

– Por que você quer me ajudar?

– Porque você merece ser ajudada – respondi sem hesitar.

Reese

Fiquei olhando pasma para a porta por um longo tempo depois de Mase ter saído.

Não entendia por que ele achava que eu merecia ser ajudada, mas ele pensava assim. Um sentimento desconhecido de afeto se espalhou por mim. Tive medo de me mexer. Não queria que aquela sensação desaparecesse. Gostei demais daquilo. Então me mantive totalmente imóvel, desfrutando-a.

Eu ainda estava segurando o telefone. Ele havia pegado o aparelho da minha mão e adicionado seu número aos meus contatos. Eu até tirara uma foto das botas que Mase estava usando, para que ela aparecesse na tela quando ele ligasse. Eu não precisaria me preocupar em tentar ler o seu nome. Saberia quem estava ligando.

Sorrindo, pensei na selfie que Jimmy tirara quando adicionou seu número ao telefone. Ele fizera questão de tirar uma foto de si mesmo. Muito diferente da foto das botas de Mase. Não creio que Mase já tivesse tirado uma selfie.

Eu gostava de Mase Manning. Gostava muito. Ainda mais do que de Jimmy. De um modo diferente. E eu sabia que aquilo não era bom. Mase era legal comigo, mas não gostava de mim do jeito que eu gostava dele. Eu sabia pelo jeito que ele me tratava. Talvez por isso eu tenha me sentido tão segura com ele, porque gostava dele daquela maneira. Sabia que nunca teria que me preocupar com a possibilidade de ele sentir a mesma coisa que eu. Além do mais, ele nem sequer morava ali.

Meu coração se apertou.

Sacudindo a cabeça para clarear os pensamentos, larguei o telefone no sofá e fui até a cozinha. Ficar nervosa por causa disso era besteira. Mase ia tentar me ajudar, e, embora temesse não poder ser ajudada, eu precisava ter esperanças. E se alguém pudesse me ajudar? Queria acreditar nisso. Isso mudaria tudo. Eu

poderia fazer muito mais. Poderia fazer o exame de conclusão do ensino médio e talvez até ir para a universidade.

Com uma nova determinação, peguei o último livro ilustrado que eu tinha trazido da biblioteca e fui folheá-lo no sofá. Terminaria o livro inteirinho hoje. Era capaz de fazer isso. Mase acreditava em mim. Eu só precisava acreditar mais em mim.

◆ ◆ ◆

Três horas depois, eu tinha quase terminado o livro. Minha cabeça doía e eu estava com os olhos vermelhos e irritados com o esforço. A batida na porta foi seguida por um:

– Urrú, gata, sou eu. Tenho sorvete de pistache e duas colheres.

Sorrindo, enfiei o livro embaixo do sofá e fui abrir a porta para Jimmy.

Ele sorria um pouco mais entusiasmado que o normal quando abri a porta. Segurando duas colheres, ele entrou rebolando de um jeito que só Jimmy poderia fazer e ainda assim ficar bem.

Fechei a porta e me virei para ele.

– Eu confesso – disse ele. – Isto é um suborno. Quero saber tudo sobre suas interações com Mase Colt Manning. Cada detalhe, pequenino e delicioso. Me dê esse prazer, por favor. Aquele homem protagoniza várias das minhas fantasias.

Deixei escapar uma risada. Jimmy piscou para mim e se afundou no sofá.

– Conte tudo, mulher – instou ele.

Fui me sentar ao lado dele.

– Receio que você esteja esperando informações picantes que eu não tenho. Mase foi legal comigo. Nada para alimentar suas fantasias, acho.

Jimmy ergueu uma sobrancelha.

– Sério? Nem um beijinho?

– Ahn, não – gaguejei, surpresa por ele me perguntar aquilo.

Ele mergulhou a colher no sorvete.

– Não faz sentido. Ele é hétero. Eu saberia se não fosse. E qualquer solteiro hétero estaria a fim de você feito gato atrás de rato. – Ele fez uma pausa e suspirou. – Caramba. É isso. Ele não é solteiro. Não tinha pensado nisso. Puxa,

que droga. Eu estava tão esperançoso que você tivesse um pouco de aventura com um belo corte de carne de primeira.

Eu me encolhi e ri ao mesmo tempo, mas, no fundo, não tive vontade de rir. Estava me sentindo um pouco enjoada. Ou murcha. A ideia de Mase ter uma namorada não caiu bem. Não que eu achasse que tivesse alguma chance, ou que sequer quisesse uma chance. Mas ele fazia com que eu me sentisse segura e normal.

– Pensei que você não namorava por ser exigente e ninguém preenchesse seus requisitos. Como Mase preenche os requisitos de qualquer uma, achei que você tivesse feito um gol de placa. Que pena que não foi assim. As opções por aí são escassas. Os gostosos desaparecem da lista rapidinho. – Jimmy deu uma colherada grande no sorvete, como se ele fosse o grande deprimido com aquela situação.

Eu tinha perdido o apetite.

– Eu tinha tanta certeza. Ele pulou da cadeira antes mesmo que Harlow terminasse de dizer que ele fosse atrás de você para lhe dar carona. O rapaz nem se despediu de todos os amigos. Mas fez questão de me dizer que queria que eu levasse você até os seus clientes. Pareceu não gostar de você ir a pé. E então saiu correndo. – Jimmy fez um gesto com a colher. – Eu teria apostado minha bola esquerda que ele estava louco por você. E eu gosto muito das minhas duas bolas.

Depois dessa, decidi comer um pouco do sorvete.

– Tome. Coma esta delícia cremosa e vamos falar de um possível encontro de casais. Meu gato tem um primo que é ótimo. Ele mora a cerca de uma hora daqui, mas está muito, muito perto de ser um corte de primeira. – Comecei a abrir a boca para interromper, mas ele levantou a mão e estalou a língua para mim. – Não tão rápido. Deixe-me terminar de vender meu peixe. Ele é um cara legal. Eu o conheço e, além do mais, eu estaria lá com você. Não deixaria acontecer nada com que você não estivesse totalmente de acordo. Ele é refinado. Acho que você ia gostar dele. Ele está fazendo residência médica e mal tem tempo para a vida fora do hospital. Quando sai, encontrar mulheres ainda é complicado para ele. O cara gosta de manter o trabalho separado da vida pessoal. Então, ele precisa de um encontro.

Um médico? De jeito nenhum eu sairia com um sujeito inteligente assim. Eu não sabia sequer ler um cardápio. Minhas mãos iriam suar e minha visão se

turvaria de pânico. Não, eu não podia ir. Mas Jimmy parecia tão esperançoso... Eu odiava isso. Odiava não ser capaz de dizer sim. Não ser capaz de encontrar pessoas novas e acreditar que, se elas descobrissem, não me julgariam nem zombariam de mim.

– Você precisa sair, e eu estaria lá, do seu lado. Não vou obrigá-la a me contar nada que não queira, mas sei que algo no seu passado deu merda das grandes. Posso ver no modo como você vive. Estou perto o bastante e observo você o suficiente. Todo maldito hétero deste prédio tentou chamar a sua atenção. Você foge como se os morcegos do inferno estivessem nos seus calcanhares. Saiba que de mim você não consegue esconder. Eu vejo. E acho que o que quer que esteja no seu passado ferrando com o seu presente precisa ser posto de lado. Sou seu amigo, Reese. Vamos encarar isso juntos.

Aquilo era demais. Duas pessoas num mesmo dia tentando me ajudar. E ambos homens. Uma espécie em que pensei que jamais confiaria.

– Está bem – respondi, me dando conta de que de alguma maneira precisava resolver aquilo. Mase havia me dado coragem hoje. Ele talvez não soubesse que suas palavras tinham sido um bálsamo para minha alma machucada, mas foram. – Só que eu preciso saber onde vamos comer antes de ir. – Não ia explicar por quê. Não podia fazer isso agora. Ainda não.

Jimmy abriu um sorriso e concordou.

– Posso cuidar disso. Aliás, você pode até escolher o lugar. Qualquer coisa para que vá.

Eu poderia procurar o site do restaurante e imprimir uma cópia do menu. Então escolheria o que eu ia comer. Na privacidade do meu apartamento e sozinha, eu conseguiria me concentrar. Talvez.

Mase

Telefonei para Kiro e consegui um horário no dia seguinte com um psicólogo especializado em dificuldades de aprendizagem, a apenas uma hora e meia de Rosemary Beach. Do outro lado de sua mesa grande e desorganizada, o homem se levantou para apertar minha mão, depois de empurrar os óculos para cima no nariz. Ele não parecia muito entusiasmado com nosso encontro. Uma ruga de irritação fixou-se entre suas sobrancelhas brancas, dando-lhe uma aparência de mau.

– O senhor deve conhecer pessoas importantes, Sr. Manning. Como pode imaginar, sou um homem ocupado, e meus cursos estão chegando ao final do semestre.

Como eu havia deduzido, ele não estava feliz com esse encontro. Conhecendo Kiro, sabia que ele devia ter telefonado para o reitor da universidade onde o Dr. Henry Hornbrecker dava aulas, que por sua vez o obrigou a me receber hoje.

– Lamento ter vindo em um momento ruim para o senhor. Deixo a cidade amanhã e há um assunto que preciso encaminhar antes de voltar para o Texas.

O tempo do homem era obviamente curto, portanto eu não ia desperdiçá-lo. Peguei o pedaço de papel que Reese deixara amarrotado no piso do Mercedes de Harlow quando saiu correndo em pânico. Cada vez que eu olhava para aquilo, me lembrava do esforço dela e alguma coisa dentro de mim doía.

Entreguei o papel a ele.

– Pedi à pessoa que escreveu isso que anotasse 333 Berkley Road. Sendo essa pessoa um adulto com 22 anos que se empenhou para escrever o que está aí, o que o senhor acredita que isso indica? Por que ela escreveria assim? E por que seria tão difícil a ponto de deixá-la em pânico?

O doutor olhou o papel, franzindo novamente a testa.

– Vinte e dois, você disse? – perguntou ele.

– Sim, senhor – repliquei.

– O senhor quer essa informação para si mesmo ou para ela? Com certeza uma pessoa de 22 anos que tem tais dificuldades já recebeu o diagnóstico na escola ou na infância e sabe que problema tem.

Ele sabia qual era o problema. Meu coração disparou.

– Não, ela não sabe. Ela não conseguiu terminar o ensino médio. Não consegue passar em testes. As pessoas dizem que ela é... burra. Mas ela não é. De jeito nenhum.

O médico praguejou e afundou na cadeira, olhando o papel que eu lhe dera.

– Pensei que atualmente nosso sistema de ensino público estivesse mais apto a identificar e lidar com dificuldades de aprendizagem. Especialmente uma tão comum como a dislexia. Me diga, ela sabe ler?

Dislexia. Caramba.

Havia um aluno com dislexia na escola. Ele tinha aulas especiais e um tutor que o ajudava todos os dias. Acabou se formando com distinção e louvor. Ninguém ajudara Reese, e isso teria sido muito fácil. Um nó se formou em minha garganta e apertei o punho contra as coxas. Ira, alívio e frustração percorreram o meu corpo, todos de uma vez.

– Não, ela não sabe ler. Ela tenta, mas é uma luta. Eu preciso conseguir ajuda para ela. Alguém que possa ajudá-la a ler e escrever. Ela trava batalhas diariamente contra coisas que são simples demais para qualquer pessoa e pensa que isso acontece porque seu cérebro é deficiente. Pagarei o que for preciso. – Droga, eu queria urrar de raiva. Isso era uma grande injustiça. E uma negligência.

– Eu conheço um professor em Panama City. Ele é mais jovem, mas essa é uma condição que interessa muito a ele. O pai dele sofria do mesmo problema e só aprendeu a ler e escrever aos 50 anos. Astor Munroe teve vários pacientes adultos que foram bem-sucedidos no tratamento. Ele inclusive trabalha voluntariamente em uma escola para dislexia em um bairro carente, várias tardes por semana. Vou ligar para ele e pedir que contate você assim que possível.

Um homem. Reese não funcionava bem perto de homens.

– Há alguma mulher que possa fazer isso? Homens a deixam nervosa.

Henry franziu a testa.

– Eu não saberia de memória indicar uma mulher nesta região capaz de

ajudar alguém que sofre tão severamente ou que tenha sido tão negligenciada quanto sua amiga. Mas, garanto a você, o Dr. Munroe é um bom homem. Ele vai deixá-la à vontade.

Talvez ela deixasse Jimmy acompanhá-la. Ela confiava nele. Droga, eu precisava ficar. Mas não podia. Minha vida e meu trabalho estavam no Texas. Eu havia conseguido isso. Agora Reese teria que dar o próximo passo. Eu não podia forçá-la.

– Tudo bem – respondi. – Muito obrigado, senhor. Agradeço muito ter arranjado tempo para me receber.

Ele assentiu com a cabeça, não parecendo mais tão irritado como quando cheguei.

– Ela vai precisar fazer uns testes para confirmar meu diagnóstico, mas, com base no que você me contou e isto aqui – ele ergueu o papel que eu dera a ele –, é dislexia. – Ele pegou um bloco e uma caneta e os estendeu para mim. – Escreva os contatos dela e os seus. Pedirei ao Dr. Munroe que entre em contato com vocês hoje mais tarde ou amanhã, dependendo da agenda dele.

Reese ia ter uma chance. Eu daria uma a ela.

◆ ◆ ◆

Esperei para ligar para Reese até falar com Astor Munroe. Por duas vezes, quase mandei uma mensagem de texto para ela, mas me dei conta de que ela não seria capaz de ler o texto nem de me responder, então desisti. Em vez disso, passei o resto do dia com Harlow, Grant e Lila Kate na praia e depois voltei para a casa de Nan para pegar minhas coisas. Precisava sair assim que fosse chamado pelo professor.

Antes das dez da manhã seguinte, Astor Munroe me ligou e disse que estava muito interessado em ajudar Reese. Ele até pareceu entusiasmado e curioso com a situação dela. Ele cobrava caro, mas explicou que a encaixaria em uma agenda bastante apertada. Ele me perguntou coisas que eu não sabia responder. Reese havia me contado muito pouco sobre seu passado. Dei a ele os contatos dela e disse que falaria com ela no mesmo dia. Eu esperava que Reese o procurasse por conta própria depois, mas ele me garantiu que, se ela não o procurasse em dois dias, ligaria para ela.

Reese estava em casa quando liguei para saber se podia ir até lá conversar. Ali estava eu, de volta à porta do apartamento, esperando que ela agarrasse essa chance e a aproveitasse. Eu não podia fazer muito mais do que isso. Mesmo que quisesse ficar e segurar a mão dela, isso não seria possível. Eu tinha cavalos e uma fazenda esperando por mim.

Reese abriu a porta na primeira batida e sorriu timidamente antes de dar um passo para trás e me deixar entrar. Estava com o cabelo solto. Camadas longas, escuras e sedosas pendiam até a metade de suas costas em ondas suaves. Era cacheado. Caramba, era mais bonito do que eu imaginava. Precisei pigarrear para acalmar meu desejo súbito.

– Gosto do seu cabelo solto – deixei escapar.

As bochechas de Reese ficaram rosadas, e um sorriso satisfeito surgiu em seus lábios. Alguém tinha que ter dito isso para ela antes.

– Obrigada – disse ela, baixinho.

Entrei e desviei os olhos de suas longas pernas, completamente expostas naquele short. Mesmo as meias de listras coloridas que iam até a metade das panturrilhas não desvalorizavam aquelas pernas.

– Quer beber alguma coisa? – A voz dela oscilou, como se estivesse nervosa.

– Ah, sim, obrigado – respondi, sabendo que não teria tempo para beber nada. Precisava dar os detalhes para ela e seguir para o aeroporto.

Ela se dirigiu para o cantinho da sala que era sua cozinha.

– Tenho suco de laranja e acabei de fazer limonada. Desculpe, mas não tenho muitas opções – disse, olhando para mim.

– Limonada está ótimo.

Ela sorriu, como se tivesse gostado de saber que eu queria experimentar sua limonada. Observei-a pegar um copo das prateleiras abertas que havia no lugar de um armário. Estava tudo muito bem arrumado. Até as prateleiras da despensa eram organizadas. Eu precisava que ela fosse à minha casa organizar meus armários. Era um pesadelo terrível encontrar qualquer coisa.

O gelo tilintou no copo e voltei os olhos para ela, que me serviu limonada e então colocou o jarro de volta num refrigerador estreito. Não podia haver muito espaço ali dentro.

– Quando estava na escola, alguém alguma vez mencionou que você poderia ser disléxica? – perguntei quando ela me trouxe a bebida.

Ela se deteve. Então continuou, vindo em minha direção.

– Não, mas já ouvi falar disso. Só não sei exatamente o que é.

Peguei o copo e me sentei na cadeira em frente ao sofá.

– O especialista que visitei ontem acredita que é isso que você tem. Dislexia não significa que você seja menos inteligente do que as outras pessoas. Entrei em contato com um professor que estuda dificuldades de aprendizagem. Ele é especialista em dislexia. Depois de saber sobre seus problemas, ele quer trabalhar com você, sem nenhum custo. O pai dele também não teve o diagnóstico quando jovem e só aprendeu a ler e escrever aos 50 anos. Isso agora é uma paixão para ele. Ele quer ajudar as pessoas. E quer ajudar você.

Reese afundou no sofá, olhando para mim enquanto muitas emoções cruzavam seu rosto. Mas a que predominava era o medo. Eu não queria que ela tivesse medo. Queria dar esperança a ela.

– Diga o que está pensando – encorajei.

Ela apertava as mãos no colo.

– E se descobrirmos que não é isso... e você teve todo esse trabalho. Pode ser que eu seja apenas bu...

– *Não* me faça ouvir você dizer isso de si mesma outra vez. Isso me deixa furioso, Reese. Estou falando sério. Você não podia estar mais distante disso. Eu juro. E se o problema não for esse, o Dr. Munroe descobrirá qual é. É uma dificuldade de aprendizagem. Pode ser contornada.

Ela fechou bem os olhos e respirou fundo. Eu podia ver que queria acreditar nisso. Eu só precisava persuadi-la a aproveitar a oportunidade.

– Ele pode descobrir qual é o meu problema se não for dislexia? – perguntou ela, olhando para mim com aqueles grandes olhos azul-bebê que faziam coisas se mexerem em meu peito.

– Sim. Pode.

Ela soltou uma risadinha e então cobriu a boca quando não conseguiu conter um soluço. Não sabia se devia confortá-la ou esperar, mas então ela se levantou e se lançou sobre mim. Seus braços enlaçaram meu pescoço quando ela se chocou contra mim. Aquele cheiro doce de canela inundou meus sentidos.

– Obrigada! Eu nem sei... Agradecer não é suficiente. Não consigo encontrar as palavras certas. Mas, enfim... obrigada – disse ela, deixando escapar outro soluço, ainda me agarrando com força.

Passei gentilmente os braços ao redor dela e fiz um esforço tremendo para não pensar no quanto era bom sentir seus peitos pressionando o meu corpo. Ela estava emotiva e agradecida. Eu não iria me aproveitar disso.

– Por nada. Fico feliz que você queira fazer isso. Acho que você está destinada a grandes coisas, Reese. Só precisava de alguém para lhe dar um apoio.

Ela se inclinou para trás a fim de poder me encarar e me dirigir um sorriso lacrimoso, então enterrou o rosto no meu peito.

– Não consigo acreditar em você. Não sei por que quis me ajudar ou o que eu fiz para merecer isso. Acordei você cantando, e sei que canto mal e que provavelmente estava gritando. Quebrei seu espelho e fiz uma bagunça que nem sequer limpei ainda, e sujei você de sangue. Não sei por que tudo isso o levou a fazer algo assim por mim. Mas obrigada.

Ela mal parou para tomar fôlego ao desabafar suas emoções contra o meu peito.

Sorrindo, estendi a mão e toquei no cabelo dela. Vinha lutando contra o desejo de tocá-lo desde que entrara no apartamento e vira que estava solto. Como imaginei, era sedoso.

– Você quebrou o espelho da minha irmã, mas eu não me importo muito com Nan. Além disso, ela pode comprar um novo. Você nunca me sujou de sangue, apenas o chão, e eu já limpei aquela bagunça. Já faz tempo. Quanto a cantar, sim, você canta muito mal. Mas há algo em você, Reese, que me faz querer tirar esse olhar perdido do seu rosto.

Ela ficou totalmente imóvel em meus braços, então afrouxou o abraço e levou a cabeça para trás para me olhar, antes de tirar as mãos do meu pescoço e se afastar um pouco. Um sorrisinho apareceu em seus lábios.

– Eu canto muito mal mesmo? – Então ela riu. – Meu Deus, eu fiquei com tanta vergonha quando me virei e vi você ali de pé. – Ela sacudiu a cabeça. – Cozinho melhor do que canto. Juro. Posso fazer um jantar para você hoje à noite? Quero fazer algo por você.

Eu nunca havia ficado contrariado ao receber novos cavalos para tratar. Gostava de dinheiro e precisava de cavalos para manter minha fazenda funcionando. Mas nesse exato momento eu odiava todos eles.

– Preciso ir – respondi.

A luz dos seus olhos esmaeceu, mas apenas por um instante.

– É verdade. Você tem que voltar para o Texas. Me esqueci.

Assenti com a cabeça.

– Tenho que ir para o aeroporto agora.

Levantei-me e ela recuou, deixando mais espaço entre a gente. Eu não queria que ela se afastasse, levando consigo aquele cheiro de canela e açúcar.

– O Dr. Munroe tem o seu telefone, mas aqui estão os contatos dele. Ligue para ele. Ele está esperando seu telefonema. Ele só vai ligar se você não ligar.

Ela pegou o papel da minha mão e concordou com a cabeça.

– Pode deixar. Ligo ainda hoje – replicou ela.

– Legal.

Eu precisava ir embora, mas continuava ali, olhando para ela.

– Obrigada outra vez. De verdade. Talvez diga isso mais um milhão de vezes. – Os olhos dela estavam brilhando com novas lágrimas.

– Não precisa fazer isso. Mas eu gostaria que você me ligasse depois de encontrá-lo. Vou querer saber como foi. Me mantenha informado.

Ela olhou para mim.

– Sim. Vou fazer isso.

Depois de um último olhar para ela, caminhei em direção à porta. Precisava sair antes que estendesse a mão e agarrasse aquele cabelo brilhoso de novo para cheirar aquele perfume de canela e me enrolar nos cachos sedosos.

– Se cuide – disse ela.

Abri a porta, olhei para trás e pisquei para ela.

– Sempre.

Reese

Meu “encontro de casais” teve que ser adiado. Tínhamos combinado para a noite de quinta-feira, mas esse era o único horário em que eu poderia encontrar o Dr. Munroe. Pensei em ligar para Mase e contar que havia telefonado para o professor e marcado minha primeira sessão, mas ele tinha pedido que eu telefonasse depois da sessão. Não quis incomodá-lo.

Em vez disso, fiquei observando a foto de suas botas em meu telefone.

Eu tinha uma queda por Mase Manning. Não era a primeira vez que isso acontecia. Tive algumas no ensino médio, mas logo descobri que aqueles garotos só me paqueravam quando não havia ninguém por perto. Quando me encontravam nos corredores, eles me ignoravam. Eu era invisível para eles, a não ser que me encontrassem a sós. Aquelas paqueras terminaram rápido, e eu parei de prestar atenção nos garotos bonitos. Em meu último ano na escola, a capitã da equipe de animadoras de torcida flagrou o namorado dela dando em cima de mim do lado de fora do colégio e ficou furiosa. Ele nunca mais falou comigo, o que foi um alívio, mas pouco depois todos os alunos estavam comentando que eu era lésbica.

Não achei nada de mais. Eu não tinha interesse em garotas. Principalmente nas víboras desprezíveis da escola, mas com certeza também não tinha interesse nos meninos. Então, deixei que falassem e os ignorei. Por fim, eles foram atrás de outra pessoa que reagisse a suas crueldades.

Nem preciso dizer que fazia tempo desde que eu tivera uma queda verdadeira por um cara. Meu padrasto cuidara para que eu mantivesse os homens à distância de pelo menos um campo de futebol. Eu estremecia só de pensar no homem que tinha tirado minha inocência e me marcado para sempre.

Deixando de lado todos os pensamentos referentes a Mase, fui tomar uma ducha. Lembranças de como eu esfregava o corpo sob a água mais quente que eu pudesse suportar sempre que meu padrastro me tocava me vieram à cabeça, mas

pelo menos eu não vomitava mais ao pensar nele. Eu estava conseguindo me distanciar do meu passado terrível. Estava melhorando.

Na noite de quarta-feira, o telefone tocou assim que tirei do forno a lasanha que eu fizera. Tinha preparado uma travessa inteira, esperando que Jimmy aparecesse para comer. Mas ele me ligara por volta das três da tarde para avisar que ia sair à noite já que eu tinha dado bolo e desmarcado nosso encontro. Ele estava no meu pé para marcar outra noite, mas eu não conseguia me interessar por isso. Nesse momento, eu estava totalmente focada em aprender a ler.

Então ficava inventando desculpas para não ir.

Larguei a luva de cozinha e fui atender o telefone. Meu coração disparou quando vi as botas na tela. Era Mase.

– Alô – atendi ao terceiro toque.

– Ei. Você não me ligou.

A voz grave dele soou ao telefone, e meus dedos dos pés se retorceram no tapete.

– Ah, bem, é que só terei minha primeira consulta amanhã – expliquei, grata por ele não poder ver meu sorriso bobo naquele momento.

– Ótimo. Você já marcou então. Gostou dele?

Fui até a poltrona onde ele havia se sentado antes de ir embora e me sentei de pernas cruzadas.

– Sim. Ele foi muito simpático. Pareceu ansioso para me encontrar. Perguntou muitas coisas e, depois de ouvir minhas respostas, disse ter certeza de que eu tenho dislexia.

Havia sentido vontade de sair dançando pela sala quando o médico disse isso.

– Estarei livre amanhã à noite. Ligue para mim quando terminar. Quero saber de tudo.

O fato de ele se importar tanto fez com que minha atração por ele crescesse ainda mais. Ter uma queda por alguém como Mase era ridículo. Ele provavelmente tinha um mundo de mulheres loucas por ele. Mase estava me ajudando e ficaria desconfortável se soubesse como eu estava me sentindo.

– Está bem. Vou ligar – garanti.

– Ótimo. Preciso ir. Vou jantar com meus pais. Falo com você amanhã à noite.

– Tudo bem, tchau – respondi.

Deixando o telefone cair no colo, tive vontade de bater palmas e gritar. Mas, em vez disso, me levantei e fui saborear minha lasanha.

◆ ◆ ◆

Astor Munroe não era como eu havia imaginado. Quando pensava em um professor, imaginava alguém de cabelos grisalhos e possivelmente de óculos. Talvez até com uma barriguinha sob a camisa abotoada e engomada.

O que eu não esperava era um homem de cerca de 35 anos alto e magro, vestindo jeans, tênis Nike e uma camisa polo de mangas curtas. Ele não era exatamente bonito, mas eu o estava comparando a Mase, e isso não era justo. Eu não gostaria de ser comparada a Harlow. Eles eram celebridades ricas e bonitas. Portanto, eu não deveria fazer isso com o Dr. Munroe.

Seus olhos castanho-claros eram gentis e ele não me deixou nem um pouco nervosa. No momento que entrei em seu escritório, ele se levantou e, com um sorriso franco, me convidou a sentar. Depois de cada pergunta e solicitação, ele me garantia que era tudo para me ajudar a aprender. Era óbvio que ele estava entusiasmado com o desafio que eu representava para ele. Contou a história de seu pai e eu fiquei impressionada com a capacidade do Dr. Munroe de, aos 21 anos, ensinar o pai a conquistar algo pelo que lutara durante a vida toda.

Mas, quando me levantei para sair, ele fez um comentário que eu não entendi. Fiquei pensando naquilo no táxi de volta para casa enquanto a motorista tagarelava sobre seus netos e como seu frango com macarrão era delicioso.

Quando eu agradecera a ele por me encaixar tão prontamente em sua agenda, ele tinha dito que era ao Sr. Manning que eu deveria agradecer.

A pergunta era: o que isso significava? Será que Mase tinha feito algo para ele agir tão rapidamente? E, se fez, o que havia sido?

Mase

Da próxima vez que alguém batesse à minha porta, eu olharia pela janela antes de abrir. Estava esperando Reese ligar quando cometi o erro de atender a batida. Cordelia, minha amizade colorida, entrou desfilando em um jeans apertado e um top frente única. Suas botas ressoavam no piso de madeira, e ela sorriu para mim a caminho do meu quarto.

– Você não ligou, e eu estou precisando de uma boa transa – gritou ela por cima do ombro, antes de tirar o top e atirá-lo em mim com uma risada.

Meu pau nem sequer se mexeu. *Merda.*

Eu tinha esperanças de que essa... coisa que eu sentia por Reese não fosse mais que amizade. Mas, droga, agora eu só via os defeitos de Cordelia. Para começar, ela tinha um piercing no umbigo. Eu costumava achar aquilo sexy, mas agora parecia que ela estava se esforçando demais. E seu quadril não tinha graça. Quando ela gingava aqueles quadris inexistentes, não havia curvas deliciosas na sua bunda. Não tinha quase nada ali.

Não ia rolar. Eu era amigo de Cordelia fazia anos. Dois anos atrás, tínhamos bebido e acabamos dormindo juntos, então, em vez de ficarmos constrangidos, concordamos que estava tudo bem. Um satisfaria a vontade do outro quando fosse necessário. Só uma vez demos um tempo, durante uns quatro meses, quando ela se interessou de verdade por um cara – que, como acabou descobrindo, era casado. Ela terminou o relacionamento e voltamos ao nosso arranjo.

Eu não costumava namorar. Não tinha tempo suficiente para as mulheres. Elas exigiam muito e, depois de alguns relacionamentos fracassados, eu chegara à conclusão de que sexo com Cordelia era a solução para mim. Mas as coisas pareciam fora dos trilhos agora. Algo havia mudado.

E o negócio era comigo.

Merda. Eu não tinha tempo para aquilo.

– Você devia ter ligado – falei, jogando o top de volta para ela.

Ela não pegou a peça, que caiu no chão a seus pés. O ar de confusão em seu rosto não anunciava nada de bom.

– Eu nunca ligo. Eu simplesmente apareço. E você também – lembrou-me.

– Eu estou esperando uma ligação. É importante. Não posso hoje à noite.

Ela segurou os seios com as mãos, pinçando os bicos rosados.

– Você está me dizendo que um telefonema é melhor do que isso?

Eu conhecia as mulheres bem o suficiente para não dizer a verdade a ela. Então dei de ombros.

– Esta noite não vai rolar. Não sei quando vai rolar. Estarei enrolado a semana toda.

Caso esse sentimento por Reese, que estava ferrando com a minha cabeça, tivesse um fim, eu não ia querer terminar com Cordelia. Além disso, ela era minha amiga.

Ela se abaixou, pegou o top e o vestiu novamente.

– Se você quer dar uma de bundão, tudo bem. Eu não vou voltar. Então, se quiser alguma coisa, vai ter que ir buscar – disse ela, com raiva.

Ih, rapaz. Não era para isso que eu transava com ela. Cordelia não era de fazer drama. Ela era fácil de lidar. Mas agora ela estava fazendo. E eu odiava dramas.

– Desculpe, Cord. Desculpe mesmo. Mas estou cheio de coisas nesse momento. Não é uma hora boa para mim, só isso. Minha cabeça está longe.

Ela me fuzilou com o olhar e saiu, batendo a porta.

Com alguma sorte, ela dormiria e amanhã teria superado. Eu gostava de Cordelia. Só nunca tinha sido mais do que amizade. O lance do sexo era só melhor do que me masturbar. Eu precisava me desculpar com ela, mas nesse momento estava feliz por ela ter ido embora sem fazer nenhuma cena.

Meu telefone tocou. De repente, Cordelia perdeu toda e qualquer importância.

– Oi – respondi, levando o telefone ao ouvido, ansioso por ouvir Reese me contar sobre sua consulta.

– Espero que não seja muito tarde. Houve um acidente e o trânsito ficou engarrafado.

Sua voz suave me aqueceu através do telefone.

– Não, não é muito tarde. Quem levou você?

– Peguei um táxi. Há uma senhora conhecida do Jimmy que mora perto de Panama City. Ela trabalha nessa área há quase vinte anos. Não temos muitos táxis por aqui.

Ela pegara um táxi com uma motorista. Isso me deixou mais tranquilo. Ser levada por um homem estranho a deixaria desconfortável. Eu não havia pensado nisso. Sempre esquecia que ela não tinha carro. Espere...

– Reese, você sabe dirigir?

Sem saber ler, jamais passaria no teste escrito para obter a habilitação.

– Não – respondeu ela.

Outra coisa que tinha dificultado sua vida.

– Da próxima vez que eu for aí, vou levar você a uma estrada secundária e lhe dar umas aulas. Vamos estudar para o teste escrito também.

Ela ficou em silêncio por um momento. Fiquei imaginando se tinha medo de se sentar atrás de um volante. Então finalmente escutei um movimento do outro lado da linha.

– Ok. Eu vou gostar.

Eu também.

– Conte sobre a sua consulta.

– O Dr. Munroe foi simpático. Ele está bastante animado com o meu caso. Fiz alguns testes e definitivamente sou disléxica. É isso. É só isso que há de errado comigo. Ele disse que os professores ou meus pais deveriam ter percebido quando eu era criança, mas de algum modo isso foi ignorado ou diagnosticado errado...

Sua voz foi sumindo. Eu não queria que ela pensasse naquilo. Alguém dissera que ela era burra, e eu sabia que seus pais tiveram parte nisso.

– Quando você começa as sessões com ele?

– Nas tardes de segunda-feira ele precisa vir a Grayton Beach, que não é muito longe daqui. A mãe dele mora ali e ele janta com ela. Ele disse que poderíamos nos encontrar na biblioteca da cidade. E nas quintas à tarde eu devo ir ao consultório dele para as aulas. Ele acha que vou ler rápido, assim que ele me ajudar a aprender a me concentrar nas palavras. Ninguém trabalhou comigo da forma como eu preciso.

Ela estava entusiasmada. À medida que prosseguia, foi falando mais alto e

mais rápido. Era engraçadinho. Eu podia imaginar aqueles olhos azuis cintilando de felicidade.

– Quando você voltar, talvez eu possa ler para você – disse ela, e então ouvi sua risadinha nervosa, como se não quisesse ter dito isso.

– Por que esperar até eu visitar? Você pode ler para mim ao telefone quando ligar para me contar sobre as aulas.

Ela ficou em silêncio outra vez, e eu deixei que ela pensasse nessa ideia por um momento. Não queria deixá-la ansiosa. Mas queria que ela se sentisse à vontade comigo. Mesmo ao telefone.

– Você quer que eu ligue depois das aulas? – perguntou ela.

– Claro que quero. Se você não se importar. Eu gostaria de saber como as coisas estão evoluindo.

– Sim, tudo bem. Eu... eu vou fazer isso. E, quando tiver coragem suficiente, vou ler para você.

Reese

Por duas semanas, fui às aulas e liguei para Mase logo depois. Na quarta aula, percebi que meu entusiasmo era maior por escutar a voz de Mase do que pelas aulas em si. E isso era muita coisa, porque eu adorava as aulas. Adorava a força que ia ganhando à medida que aprendia a me concentrar nas palavras e em decifrar o que significavam.

Eu jamais seria uma leitora dinâmica ou voraz. O Dr. Munroe me disse para não deixar isso me aborrecer. A leitura nunca seria meu ponto forte, mas eu seria capaz de ler. Eu não seria mais impedida de dirigir, ir à universidade nem preencher cadastros de emprego.

No começo da terceira semana, eu estava preparada para encontrar o Dr. Munroe na biblioteca outra vez. Ele me mandaria para casa com um livro para praticar. Os últimos dois livros que ele me dera eram muito simples, com uma ou duas palavras por página, livros ilustrados. Eu os tinha lido em cinco minutos cada, antes da aula seguinte. Essa noite ele me daria algo mais complicado. Eu estava me preparando para isso. Eu seria capaz.

Depois, ligaria para Mase e contaria sobre minha aula.

◆ ◆ ◆

Lila Kate acordou de sua soneca e chorou, e eu desci da escada, de onde estava aspirando o pó, para chamar Harlow, que, por sua vez, já vinha correndo com um sorriso no rosto. Ela carregava a babá eletrônica sempre que não estava com Lila Kate. Eu havia me esquecido disso.

– Ela me deixou terminar os cookies que estava fazendo para Grant – disse Harlow ao passar por mim na escada. – Quando esfriarem, faça uma pausa e venha lanchar comigo para provar alguns.

Harlow sempre me fazia convites assim. Ela não me ignorava, como os outros clientes, e não me olhava de cima quando falava comigo. Agia como se

eu fosse igual a ela. Ficava agradecida por minha ajuda, embora me pagasse por isso.

– Eu adoraria, e obrigada pelo convite, mas tenho um encontro hoje à noite. Preciso terminar aqui e voltar para casa para tomar um banho antes de ir.

Queria ter podido aceitar o convite dela. Eu não havia tomado o café da manhã e estava faminta.

Harlow sorriu para mim.

– Bem, posso dar um jeito nisso. Você toma um leite com cookies comigo e eu levo você até em casa. Vai chegar bem antes indo de carro. E não me diga não. Você já recusou na semana passada, e meu irmão ligou para se certificar de que eu tinha lhe dado carona. Expliquei que você não tinha aceitado, e ele reclamou. Portanto, de agora em diante, eu levo você. Sem discussão.

Ela se virou e correu para Lila Kate, que agora chorava mais alto, pois estava escutando a voz da mãe.

Precisei de um momento para me controlar. Pressionei as mãos contra as bochechas quentes e desejei não ter corado. Mase tinha ligado para saber se ela estava me levando até em casa. Ele andava pensando em mim, afora as minhas ligações. O sorriso louco que não saía do meu rosto toda vez que eu pensava em Mase estava ali outra vez.

Quando voltei a aspirar os degraus, Harlow reapareceu no topo da escada, segurando uma Lila Kate de olhos arregalados e sorridente. Ela estava contente agora que tinha o colo da mamãe. A garotinha era capaz de iluminar uma sala inteira.

– Lila Kate também está esperando você para comer os cookies. Então não a decepcione. Ninguém está autorizado a dizer não para ela. Pergunte ao pai dela – disse Harlow, descendo os degraus. – Vamos lá aproveitar nosso intervalo.

Eu não ia discutir. Seria grosseiro, e, bem, se Mase queria tanto que ela me desse carona, a ponto de ligar para incomodá-la, eu não ia dizer não. Além disso, eu estava mesmo faminta.

A cozinha dos Carters lembrava a cozinha de uma série de TV. Era quente e viva, e nenhuma economia havia sido feita. Harlow colocou Lila Kate no balanço, que ficava de frente para janelas com vista para o quintal dos fundos.

– Você balança e olha os passarinhos enquanto apronto sua mamadeira – disse ela à filha, como se ela já entendesse conversas. Então se virou para mim. –

Posso fazer café, se preferir. Só posso tomar descafeinado, e mesmo assim só um pouco, mas tenho em casa. Grant toma.

Leite estava ótimo para mim.

– Eu gosto de leite – respondi. – Posso ajudar?

– Apenas sente e descanse. Você está trabalhando há horas. Deveria fazer uma pausa para o almoço.

Eu não deveria fazer pausas maiores do que quinze minutos a cada duas horas, segundo a agência. E descobri que a maioria das pessoas para as quais eu fazia faxina não gostava de me ver fazer pausas. Se estivessem em casa, esperavam que eu trabalhasse até acabar. E assim eu fazia.

A casa dos Carters era diferente de muitas maneiras. Essa era uma delas. Também era minha favorita, porque eu podia observar uma família feliz e normal. Não era algo que eu tivesse visto antes. A maneira como Harlow adorava a filha me fazia sorrir, mas também me fazia sentir uma pontada no peito pelo que eu não tive. Por aquilo que minha mãe escolheu me negar. Amor.

Grant Carter era impressionante quando estava com a filha no colo. Ou mesmo quando olhava para ela do outro lado da sala. Seu rosto ficava cheio de amor e devoção. Não restava a menor dúvida na cabeça de ninguém de que ele defenderia a filha a qualquer custo. Mais de uma vez me peguei imaginando se meu pai verdadeiro teria sido assim. Será que ele ao menos sabia de minha existência?

Afastei aquele pensamento e me concentrei nos Carters. Não ia pensar em minha família ou no passado. Isso só me deixaria deprimida. Eu me esforçava para não perder tempo cismando com essas coisas.

Essa casa era um lar. Um lugar feliz e seguro. Mesmo sendo uma das menores que eu limpava, era a que eu mais aguardava toda semana.

Harlow colocou um copo de leite e um prato com dois cookies imensos com gotas de chocolate na minha frente.

– Aí está – disse ela, colocando outro conjunto de copo e prato no lugar em frente ao meu. – Vou tentar disfarçar um pouco antes que Lila Kate se dê conta de que é hora de comer. A mamadeira dela vai estar pronta em alguns minutos. Ainda precisa esquentar.

Ela se sentou.

– O cheiro está delicioso – comentei, esperando que fosse uma boa desculpa

para devorá-los.

Estava com mais fome do que pensei, e aquele cheiro ia fazer com que fosse difícil dar mordidas pequenas e delicadas.

– É para estar mesmo. É uma receita de minha avó. Ela fazia os melhores cookies – respondeu Harlow. – Grant adora.

Como imaginei, comi o primeiro em três mordidas. Harlow me observava com um sorriso. Ela também mastigava, feliz, o que me deixava mais à vontade. Aqueles cookies estavam definitivamente irresistíveis.

– Você falou com meu irmão desde que ele voltou para o Texas? – perguntou Harlow, me surpreendendo.

Assenti com a cabeça, pensando se deveria dar mais informações a ela. Será que Mase gostaria que ela soubesse que nós conversávamos? Ela podia pensar que era outra coisa e ter uma ideia errada. Eu me sentia à vontade com Harlow, mas contar para ela que eu tinha dislexia era diferente. De que modo eu explicaria como havia chegado ali sem ser capaz de ler e escrever omitindo outros detalhes do meu passado?

– Ele parece... preocupado com você. Mase é do tipo protetor, mas eu não me lembro dele se preocupar assim com alguém que não fosse da família. Até você.

Um sorriso surgiu nos cantos dos seus lábios. Ah, não, ela estava tendo a impressão errada. Se eu não lhe explicasse, ela diria algo a Mase, e eu não queria isso. Ele vinha me ajudando tanto, e eu devia isso a ele. Além do mais, não era algo de que eu devesse ter vergonha. Astor tinha me dito isso várias vezes. Até me fez repetir com ele: “Eu não sou inferior a ninguém. Não tenho nada do que me envergonhar. Sou uma pessoa inteligente e capaz.”

Lembrando-me disso, coloquei o segundo biscoito de volta no pratinho de porcelana. Encarei o olhar curioso de Harlow.

– Eu ligo para Mase depois de minhas aulas com o Dr. Munroe... – Hesitei por um instante. – Eu... eu tenho dislexia, e até que Mase descobrisse o Dr. Munroe, eu não sabia por que não conseguia ler e escrever. As palavras são difíceis para mim. Seu irmão tomou a iniciativa e descobriu um especialista que me apontou o caminho para resolver isso. Ele só está me ajudando porque é um bom homem.

O olhar de Harlow continuou fixo em mim por alguns segundos, e eu tive

que baixar os olhos para o biscoito que me esperava no pratinho. Não queria que ela visse em meu rosto o que eu não podia esconder.

Mase

– É uma mulher – disse Major ao abrir minha geladeira e pegar uma cerveja. – Conheço os sinais. Você pode tentar me enganar com uma desculpa esfarrapada qualquer, mas eu já passei por isso, meu velho.

Major estava se tornando um pé no saco. Ele era sobrinho do meu padrasto e tínhamos crescido juntos como se fôssemos primos. Apesar de não sermos parentes de sangue, isso não fazia diferença. Eu havia precisado da ajuda dele com os cavalos, mas agora ele já podia ir embora. Reese ia me ligar dali a pouco. E Major era a última pessoa que eu queria ter por perto quando ela ligasse.

– Acabamos por hoje. Pegue a cerveja e vá para casa. Vou tomar uma ducha e me deitar. Estou exausto.

Passei pela cozinha e segui em direção ao meu quarto.

– Olhe aí. Estou dizendo. Aí tem coisa – alfinetou ele. – Coisa de mulher. Já vi. Conheço bem.

Detestava que ele estivesse tão perto da verdade. Reese estava nos meus pensamentos a maior parte do dia, todos os dias. Eu aguardava a ligação dela com muito mais ansiedade do que deveria. Mas, caramba, a voz dela me fazia sorrir. Ouvi-la tão entusiasmada com seus progressos também me contagiava.

– Vá embora – respondi, batendo a porta do quarto atrás de mim.

Eu já estava tirando as botas quando meu primo decidiu bater na porta.

– Quem é? Não pode ser Cordelia. Há anos você teria feito mais que transar com ela se estivesse mesmo a fim. Ela está mais do que disponível. Ei, espere... Rosemary Beach. Você conheceu alguém por lá, não foi? Moça rica? Tem dinheiro? Tem irmã? Não, pensando bem, não quero essa irmã. Ainda quero uma chance com a *sua* irmã solteira e gostosa.

Por Deus, será que ele conseguiria ser mais chato?

– Vá embora, Major. Não vou cair nessa. Não tem mulher nenhuma. Me deixe tomar banho em paz. Peste dos infernos.

A risada dele atravessou a porta.

– Quem não deve não teme. – Ele bateu na porta mais uma vez. – Tudo bem. Pode fingir então que não. Mas logo você vai admitir. Ou eu vou descobrir.

Não respondi. Esperei até que os passos dele se aproximassem da porta da frente. Quando a porta se abriu e fechou, soltei um suspiro de alívio. Olhando o relógio, vi que teria 45 minutos antes de Reese ligar. Podia tomar banho e comer alguma coisa.

Se Major soubesse de Reese, comentaria com minha mãe. E então ela não me deixaria em paz. Eu amava minha mãe, mas ela faria perguntas. E eu ainda não estava pronto para responder a elas. Nem sabia ainda onde esse negócio com Reese ia dar. Negar que eu estava atraído por ela não tinha sentido. Já havia admitido isso para mim mesmo.

Cacete, eu não tirava aquela pinta que Reese tinha embaixo da bunda desde a primeira vez que a vi. Mas agora era mais que só tesão. Eu gostava de Reese. Gostava da mulher que ela era. De início, tive receio de que fosse pena e que meus sentimentos estivessem misturados com compaixão e vontade de ajudá-la.

Agora eu não pensava mais assim. Reese não queria pena. Não precisava disso. Ela era forte. Muito mais do que eu achara a princípio. Eu admirava sua capacidade de se defender dos golpes da vida e continuar lutando. Com um corpo daqueles, podia ter usado seus atributos para seguir outro caminho. Um em que sua aparência pagasse as contas. Mas não fez isso. Ao contrário, trabalhava duro fazendo faxina e tinha orgulho de seu trabalho.

Havia muito mais em Reese do que eu presumira de início. Muito mais do que eu poderia ter esperado. E ela estava mexendo comigo, me conquistando aos poucos, e nem sequer percebia isso. Mas eu precisava encarar o fato de que talvez ela não quisesse nada. Era muito provável que ela só se interessasse em mim como amigo.

E talvez fosse melhor assim. Para começar, havia uma distância de vários estados entre nós. Por si só, isso já era um problema. Decerto ela não se mudaria de lá apenas para namorar comigo, e levar minha fazenda para Rosemary Beach era impossível. Eu tinha um trabalho e um futuro no Texas.

Entrando no chuveiro, decidi que não pensaria nisso naquele momento. Não fazia sentido. Isso precisava ser tratado aos poucos. Minhas fantasias em relação a ela continuariam a ser apenas fantasias.

◆ ◆ ◆

Trinta minutos depois, meu telefone tocou. Eu estava de pé na varanda, terminando uma cerveja, ainda pensando nela.

– Oi – falei, atendendo ao primeiro toque.

– Oi. Liguei mais cedo hoje. Espero que não seja um problema.

Ela parecia animada. Sorri.

– Tudo bem. Não estava fazendo nada. Só esperando sua ligação.

– Ah – foi a única resposta dela.

– Como foi esta noite? – perguntei.

Astor Munroe também me mandava relatórios completos uma vez por semana, por e-mail. Ele concordara em não dizer a Reese que eu estava pagando pelas aulas. Achei que ela perderia a motivação se soubesse. Queria que sua cabeça estivesse completamente livre de qualquer coisa que a distraísse de aprender.

– Ótima. Li para ele um capítulo do livro que ele me deu na semana passada. Não era um livro ilustrado. Foi meu primeiro livro de texto. Não li rápido nem nada assim, mas li sem entrar em pânico e sem errar nenhuma palavra. Também fiz um ditado. O primeiro em que "passei" – acrescentou, parecendo extasiada.

A ideia de ela nunca ter sido capaz de passar num teste de ortografia partiu meu coração. Odiava pensar naquela garotinha que sofria e era ignorada.

– Isso é maravilhoso. Estou orgulhoso de você, mas sabia que seria capaz. Nunca duvidei de você – assegurei. – Ainda estou esperando você ter coragem suficiente para ler para mim.

Aquilo sempre a fazia ficar em silêncio. Ela ainda estava com medo disso, mas, caramba, eu queria que ela confiasse em mim. Queria que ela se sentisse confortável com aquilo. Saber que ela havia lido para Astor me fez ficar com ciúmes do sujeito. O que era ridículo, mas era um fato.

Comecei a dizer que ela não precisava fazer isso se não estivesse pronta, mas Reese falou primeiro.

– Está bem. Hã, vou pegar o livro que li esta noite – disse ela baixinho.

Talvez fosse egoísmo fazê-la ler quando era óbvio que ficava tão nervosa, mas eu queria muito.

– Vai ser uma honra – admiti.

Uma risada leve veio do telefone.

– Fico dizendo a mim mesma que você já me ouviu cantar, e que minha leitura não é tão ruim quanto *aquilo*, e que portanto posso fazer isso.

Só essa mulher era capaz de me fazer sorrir feito bobo num maldito telefone.

– É verdade – concordei, provocando.

Ela riu outra vez.

– Não é uma leitura profunda nem nada assim. Diga quando você tiver ouvido o suficiente. Não vou ficar chateada. Isso pode matar você de tédio.

Deixaria que lesse o livro inteiro, se ela quisesse.

– Pode deixar. Leia para mim.

Pelos trinta minutos seguintes, fiquei sentado na cadeira de balanço na varanda da frente com as pernas apoiadas no parapeito, escutando a voz doce de Reese ler para mim ao telefone. Ela só tropeçou umas poucas vezes, e eu a ajudei rapidamente para que não ficasse nervosa e parasse por minha causa.

Foram os melhores trinta minutos que tive em toda a semana.

Reese

Depois da minha primeira leitura para Mase, nossas duas ligações por semana se tornaram diárias. Quando eu não ia às aulas, ele me ligava. Queria que eu lesse para ele antes de ir dormir. Eu me perguntava quanto ele realmente queria me ouvir ler. Tinha a impressão de que estava tentando me fazer praticar. Era sua maneira de garantir que eu me sentisse confortável lendo na presença de outras pessoas.

Escutar a voz dele à noite antes de ir para a cama era reconfortante. E me impressionava com a facilidade com que eu dormia depois de conversar com ele. Mase sempre terminava os telefonemas com “boa noite e bons sonhos”. Como se meu corpo estivesse ao seu comando, era exatamente o que acontecia. Todas as noites eram boas e meus sonhos eram sempre com ele. Logo, eram sonhos doces.

Controlar minha afeição crescente por aquele homem era algo que eu precisava fazer, e rápido. Mase era um amigo. O melhor que uma garota poderia ter. Não queria estragar isso por nada. E, se eu o deixasse desconfortável, tudo acabaria. Era deprimente demais imaginar isso.

– Terra para Reese. Estou fazendo uma pergunta. Aonde você foi?

Jimmy estava sentado no sofá à minha frente. Eu não esperava que ele aparecesse, mas ele trouxera sorvete outra vez, e eu não podia mandá-lo embora. Meu telefone ia tocar em breve, e eu queria que Jimmy não estivesse ali quando isso acontecesse. Não queria dizer a Mase que eu não podia falar.

– Desculpe. Eu estava pensando em outras coisas. Não se importe. Estou cansada.

Jimmy ergueu uma sobrancelha, como se não acreditasse em mim.

– Sério? Cansada demais para um sorvete de chocolate com marshmallow?

Não. Eu não estava cansada demais para um sorvete de chocolate com marshmallow. Estava era animada demais para ouvir a voz de Mase e não queria trocá-la por um sorvete de chocolate com marshmallow.

– Claro que não.

Peguei a colher que ele tinha colocado para mim no pote e tirei uma grande porção.

– Devagar, menina. Cuidado para não congelar os miolos. É perigoso – advertiu Jimmy.

Sorrindo, concordei silenciosamente e dei um tempo antes da colherada seguinte.

– No próximo fim de semana. Não vou esperar mais. Você vai sair com o médico. Vai ser um encontro a quatro. Você escolhe o dia. Sexta ou sábado. Porque vai rolar. Cansei de esperar.

Droga. Ele não ia esquecer esse assunto. Falava nisso ao menos uma vez por semana. Eu vinha evitando responder.

Mas talvez fosse uma coisa boa. Estava muito focada em Mase, e isso não podia ser bom. Se eu saísse com alguém, talvez me distraísse. Parecia improvável, mas pelo menos se Mase achava que eu estava interessada nele, isso o faria mudar de ideia. Ele não precisaria se preocupar com o que eu sentia por ele. E isso significava que ele não pararia de me ligar.

– Sexta-feira seria melhor.

Jimmy me olhou e deu um soco no ar.

– Isso! Vitória! Ponto!

Antes que eu pudesse responder, meu telefone tocou, eu olhei para baixo e vi as botas de caubói na tela. Peguei antes que Jimmy visse.

– É uma ligação importante. Sobre um curso que estou pensando em fazer. Será que podemos continuar amanhã?

Ele pareceu curioso, mas eu sabia que o olhar de súplica que lancei seria suficiente para ele sair. O telefone parou de tocar, mas imediatamente tocou de novo, e eu atendi antes que parasse.

– Oi, só um minuto – disse a Mase, então levantei para abrir a porta para Jimmy, que agora me observava com curiosidade ainda maior.

– Não acredito em você, mas vou deixar passar – murmurou Jimmy, sacudindo o indicador para mim.

Fechei a porta e suspirei aliviada.

– Desculpe. Jimmy estava aqui. Ele já foi – expliquei.

– Interrompi alguma coisa?

– Só um sorvete de chocolate com marshmallow e um amigo enxerido.

Ele riu.

– Você podia ter me dito que estava tomando sorvete com ele. Eu ligaria mais tarde.

Ah, não, não podia. Não quando meu dia inteiro girava em torno de suas ligações.

– Tudo bem. A gente já tinha terminado – menti.

O som de pneus cantando invadiu o apartamento, e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, ouvi um barulho que pareceu um tiro. Fiquei paralisada. Na certa era outra coisa. Talvez o cano de descarga do carro tivesse explodido. Era uma área segura, por isso eu havia escolhido esse apartamento.

Uma série de tiros ressoou, e eu caí de joelhos atrás da cadeira na frente do sofá. Gritos ecoaram na rua, e pela primeira vez me arrependi de morar no primeiro andar. Sentia-me completamente devassada e vulnerável, incapaz de encontrar um lugar seguro.

– Reese, você está bem? – gritou Mase ao telefone.

Percebi que ele já havia perguntado várias vezes, mas eu estava muito chocada para registrar sua voz.

Minha mão cobria a boca e eu me perguntei se havia gritado. Estava com os olhos grudados na janela, e a gritaria do lado de fora continuava. Alguém precisava chamar a polícia. Eu. Eu precisava fazer isso. *Ah, meu Deus.*

– Preciso chamar a polícia. Há tiros na rua e gritaria. Preciso ligar e pedir ajuda – falei, sem querer desligar.

Fiquei apavorada, e saber que Mase estava ao telefone me dava algum conforto. Mesmo que ele não pudesse fazer nada.

– Fique no chão. Deite atrás do sofá. Não se mova, nem atenda a porta. Ligue para a polícia *agora*. Depois me ligue de volta – ordenou Mase e encerrou a ligação.

Minhas mãos tremiam e mais um tiro soou. Vozes berravam coisas ininteligíveis junto com os gritos. Engatinhei até a parte de trás do sofá e me deitei, e então tentei ligar para a emergência enquanto era dominada pelo pânico. Os números em meu telefone começaram a dançar e se tornaram borrões. Lágrimas de frustração encheram meus olhos.

Enquanto eu tentava, sem sucesso, encontrar os números certos, meu corpo

se sacudia com os soluços, mas então as sirenes da polícia se somaram ao barulho na rua e luzes azuis começaram a piscar na janela. Larguei o telefone no tapete e cobri o rosto com as mãos.

Respirando fundo para me acalmar, escutei mais sirenes se aproximando, seguidas por uma ambulância. Mas não me mexi. Nem sequer uma vez.

Fiquei ali deitada enquanto o barulho parava, mas ainda havia gritos e pessoas chorando. Eu estava com medo de me mover, mesmo sabendo que a polícia agora estava ali fora.

Uma batida soou na minha porta e eu congelei.

– Polícia – anunciou uma voz alta.

Polícia. Na minha porta. *Ah, meu Deus.* Eu precisava me levantar. Minhas pernas tremiam horrivelmente e meu coração ainda estava disparado.

A batida se repetiu.

– Polícia! – gritaram novamente.

Agarrei a maçaneta da porta e olhei pelo olho mágico. Havia mesmo um policial na minha porta. Sua expressão séria e determinada apenas me aterrorizou ainda mais, se isso fosse possível.

Abrindo a porta, fitei o homem.

Ele mostrou sua identificação.

– Policial Milton, senhora. Preciso fazer algumas perguntas.

Eu? Por que eu? Concordei com a cabeça e me forcei a respirar.

– Você viu alguma coisa? – perguntou ele, ali parado enquanto luzes piscavam e sirenes gemiam atrás dele.

Alguém estava coberto com um saco plástico. A bile subiu até minha garganta e me segurei com força à maçaneta para não cair quando meus joelhos fraquejaram.

– Ah, meu Deus – consegui murmurar.

– Você conhece Melanie e Jacob Sanders? Eles moram a três portas daqui.

Sacudi a cabeça, negando. Não conhecia meus vizinhos. Exceto Jimmy. Eu me mantinha afastada de todo o restante. Mas eu sabia que a três portas de mim morava um casal. Eu tinha encontrado o marido, infelizmente. Ele me dava calafrios. Um dia, quando eu caminhava até o carro de Jimmy, ele assoviou e disse que minha bunda era deliciosa.

– Não conheço eles. Só conheço Jimmy... Jimmy Morrison. Ele mora no

apartamento 2D. Ele estava aqui antes... Ah, meu Deus! Jimmy acabou de sair daqui. Ele teve que ir até a escada para voltar ao seu apartamento. Aconteceu assim que ele saiu.

A expressão do policial abrandou-se.

– Jimmy Morrison está bem. Foi ele quem pediu socorro. Ele viu a maior parte do que aconteceu e agora está prestando depoimento. Conhecia a vítima.

Meu telefone estava tocando. Era Mase ligando.

– Se lembrar alguma coisa, por favor nos telefone. Jimmy terá confirmado que tinha acabado de sair do seu apartamento. Se não confirmar, voltaremos a conversar com você. Preciso do seu nome, para o registro.

– Reese Ellis – respondi, enquanto meu telefone parava de tocar para recomeçar em seguida.

– Obrigado, Srta. Ellis.

Concordei com a cabeça e fechei a porta quando o policial dirigiu-se à porta seguinte. Tranquei-a à chave antes de atender o telefone.

– A polícia estava aqui – contei a Mase. – Fizeram algumas perguntas.

– Você está bem. – Ele soltou um suspiro de alívio.

– Sim. Jimmy viu tudo. Ele está com a polícia agora, prestando depoimento. Não sei bem o que aconteceu. A polícia não me disse nem quem era a vítima, mas um casal que mora algumas portas daqui está envolvido de algum modo. Eu só ouvi tiros e gritos. Nada além disso. Mas Jimmy estava lá fora. Ele poderia ter levado um tiro.

– Mas não levou. Não pense nisso – disse Mase, com voz firme.

Concordei com a cabeça, embora ele não pudesse ver. Ele tinha razão. Eu não precisava ficar ruminando sobre algo que não tinha acontecido.

– Você trancou a porta? – perguntou ele.

– Sim, até passei a corrente.

– Quando Jimmy tiver terminado com os policiais, ele vai até aí contar a você o que aconteceu. Agora sente-se e relaxe. Ficarei conversando com você enquanto isso. Você vai ficar bem. Sei que está nervosa e assustada.

Ouvir a voz dele já me acalmava. Sentei-me no sofá e fiquei olhando as luzes que continuavam a piscar do lado de fora.

– Leia para mim, Reese. Vai te ajudar a não pensar nisso tudo.

Não tinha certeza se conseguiria. Minha visão se turvara completamente com

o nervosismo de minutos antes. Concentrar-se não funciona quando se está em pânico.

– Não sei se consigo – admiti.

– Vamos tentar – falou ele gentilmente.

Como eu queria agradar a ele, tentei.

Mase

Escutar a voz suave dela era a única coisa que poderia me acalmar. Eu estava de pé na varanda da frente, calçado com minhas botas e com as chaves na mão. Como ela não havia ligado de volta e não estava atendendo o telefone, eu me preparara para ir atrás dela.

Se ela não houvesse atendido aquele último toque, eu teria pedido a Grant ou Rush que fossem ver como ela estava, e depois pediria a meu pai que contratasse um jato privado imediatamente e me levasse até Rosemary Beach. Inferno, meus joelhos quase se dobraram de alívio quando ela finalmente atendeu o telefone. Queria que Jimmy fosse lá e contasse a ela o que tinha acontecido. Assim ela não ficaria sozinha.

Mas, até lá, eu não ia deixá-la desligar. Merda, eu não a deixaria desligar nem quando Jimmy chegasse lá. Estava quase ligando para Rush ou Grant e pedir que ficassem com ela até que eu pudesse chegar.

Esta noite ela estava com mais dificuldade para ler do que nas últimas semanas. Odiava pensar que ela estava lá, sozinha e assustada. Também odiava que morasse naquele apartamento sozinha. Não era seguro. Esta noite provava isso.

– Jimmy está batendo na porta – avisou ela.

– Quero ouvir o que ele tem a dizer – pedi.

Não queria que ela desligasse o telefone.

– Está bem. Vou deixar o telefone ligado.

Esperei enquanto ela abria a porta. Jimmy perguntou se ela estava bem e, pelo som, parecia que ele a estava abraçando. Ela deixou escapar um breve soluço e perguntou se ele estava bem. Ele garantiu que estava tudo bem.

– O que aconteceu? – perguntou Reese.

– Não sei a história toda. Quando fui para a escada, ouvi pneus cantando e então escutei Jacob xingando Melanie de vadia. Melanie começou a xingá-lo

também, e então ele simplesmente tirou um revólver da cintura e atirou nela. Ela saiu correndo e gritando, e eu estava tentando freneticamente ligar para a emergência quando começou a segunda série de disparos. Eu vi... – Jimmy fez uma pausa. – Preciso me sentar. Merda, vou precisar tomar um troço forte hoje.

– Você não precisa ficar sozinho – disse Reese a ele.

– Meu namorado está a caminho. Ele vai ficar comigo esta noite – contou Jimmy.

– Que bom.

Isso não me ajudava. Eu também não gostava da ideia de Reese ficar sozinha esta noite. Também detestava que ela estivesse no primeiro andar. Era perigoso lá embaixo.

– Eu a vi cair. Ela simplesmente desabou no chão. Havia uma poça de sangue em volta dela, e ela não se mexia. Não foi a coisa mais inteligente a fazer, mas eu fui correndo até ela. E então o cretino atirou em mim. Ele errou e fugiu, mas não sei se algum dia vou conseguir esquecer a imagem de um revólver apontado para mim.

Merda.

– Ah, não, Jimmy!

– O cara no apartamento deles, com quem Melanie estava tendo um caso, saiu correndo de cueca, feito um cagão. Mas os policiais o pegaram. Ele não foi longe. Ele estava se borrando de medo. Eles também pegaram Jacob. Ele demorou demais por aqui e acabou metendo o carro numa vala depois de fazer uma curva em alta velocidade. A polícia o pegou saindo do carro. Parecia um circo. Pessoas abrindo as portas, gritando e berrando. Ninguém tentava ajudar, só entrava em pânico. Ele simplesmente... a matou. Matou com tiros. Maldito psicopata. Eles estavam casados fazia três anos.

– Isso é horrível.

A voz de Reese saiu sem energia. Ela estava perturbada. E ele ia deixá-la sozinha, enquanto se aconchegava com o namorado?

– Preciso tomar uma ducha e umas tequilas. Qualquer coisa para tirar isso da cabeça. Fique em casa e deixe tudo trancado. Você vai ficar segura. Os policiais vão ficar por aqui a maior parte da noite. Vai ficar tudo bem. Mas, se precisar, é só me ligar.

Ouvi Reese se levantar e acompanhá-lo até a porta.

– Que bom que está bem – disse ela, com a voz engasgada.

– Ah, garota. Eu estou bem – garantiu. – Só estou meio transtornado depois de ver aquilo. Eu não era íntimo de Melanie. Nem a conhecia direito, mas, droga, isso não importa. Ver uma pessoa morrer é trágico. Trágico demais.

Eles se despediram, e pude escutar Reese fechando de novo a porta e recolocando a tranca.

– Oi. Você escutou tudo? – perguntou ela.

Havia uma tensão em sua voz. Como se estivesse tentando não chorar.

– Sim. Uma confusão, né? Mas não foi um ato aleatório de violência. Então ninguém vai voltar para atirar outra vez. Você está segura – garanti.

Ela não respondeu imediatamente. Perguntei-me se ela estaria com medo de dormir agora. Depois de tudo aquilo, precisava de alguém que estivesse lá e a abraçasse.

– Vá se aprontar para dormir. Deixe o telefone perto. Eu espero. Então me leve para a cama com você. Estarei lá, ao lado da sua orelha. Podemos conversar até você cair no sono. Tudo bem?

– Tudo bem... você não se importa de fazer isso?

Eu não ia conseguir dormir hoje. Estava preocupado com ela. Mas Reese não precisava saber disso.

– Eu quero fazer isso. Agora vá se aprontar para dormir. Eu espero.

– Obrigada – murmurou ela.

Enquanto ela se preparava para dormir, coloquei o telefone no viva-voz e o guardei no bolso, e então entrei em casa. Pus a latinha de cerveja no lixo reciclável e lavei umas poucas coisas na pia.

Quando terminei, fui para o quarto. Escovei os dentes e tirei a roupa que tinha vestido apressadamente na hora que me apavorei com o que estava acontecendo com Reese, me preparando para ir lá. Então me enfiei na cama. Em poucos minutos, a voz dela retornou à linha.

– Voltei – disse ela, e ouvi a roupa de cama farfalhando.

Botei uma mão embaixo da cabeça e me deitei de costas, olhando para o ventilador de teto do quarto. Imagens de Reese no quarto começaram a mexer comigo. Eu deveria me sentir muito culpado por isso, mas não conseguia evitar.

– Quer ler um pouco mais para mim? – perguntei, tentando pensar em qualquer coisa que tirasse da cabeça o que ela devia estar vestindo.

– Não... na verdade não. Meu cérebro está muito cansado para ler.

Ela estava se mexendo outra vez. Consegui escutar o som abafado dos lençóis.

– O que você usa para dormir? – perguntei antes que conseguisse me conter.

Eu precisava saber. Aquilo estava me enlouquecendo.

Ela soltou uma risadinha.

– Nada especial. Uma calça de moletom cortada e uma camiseta. Macias e velhas, adoro dormir com elas.

Eu queria muito ver aquela camiseta velha e macia nela. A imagem na minha cabeça estava fazendo miséria com meu pau. Ele havia despertado. Mas fora eu que havia perguntado o que ela estava vestindo, então a culpa era minha.

– De que cor é a camiseta? – perguntei, me encolhendo ao falar.

Droga, o que eu estava fazendo?

– Rosa... pelo menos foi um dia. Agora está desbotada – contou, hesitante.

– Parece confortável.

– Aham – foi sua única resposta.

Ia mudar o assunto para meu próprio bem, mas acabei não tendo chance.

– Você dorme só de cueca? – perguntou, tão baixinho que eu quase não ouvi.

Pensei que ela soubesse como eu dormia depois de eu aparecer na sala enrolado em um lençol na primeira vez que nos vimos.

– Não – respondi, surpreso que ela me perguntasse.

– Ah. Como você chegou ao salão de jogos de cueca boxer quando cortei a mão, supus que você dormisse assim.

Meus lábios se abriram em um sorriso. Eu pegara a cueca na mala e a vestira enquanto corria na direção do barulho naquela manhã.

– Eu a vesti antes de ir ver o que tinha acontecido com você – expliquei.

Um breve arquejo foi sua única resposta.

– Dormir nu não é tão ruim assim. Você devia tentar uma hora dessas – provoquei, tentando aliviar o clima, já que ela parecia ter perdido a fala.

Então ela deu uma risadinha. Missão cumprida.

– Não sei se conseguiria – disse ela, num tom divertido.

Tinha certeza de que sim. Minha mente brincava com imagens dela desse jeito. Então me juntei a ela em minha imaginação, e a coisa ficou ainda mais interessante. Aquelas pernas compridas e a pinta embaixo da bunda seriam as

primeiras coisas que eu exploraria. Uma imagem dela em minha cama, com a bunda para o alto, para que eu pudesse acariciar e beijar aquela pinta, fez meu pau latejar violentamente.

Então o apertei, tentando acalmá-lo. Ele estava quente e não ia esfriar tão cedo. Ainda mais com a voz de Reese me acendendo.

– Reese, me dê um minutinho. Já volto.

– Tudo bem.

Eu odiava ser tão fraco, mas precisava me controlar agora, se queria mantê-la ao telefone até que adormecesse. Ou eu entrava em uma ducha fria ou terminava com essa fantasia na privacidade do banheiro. Eu estava com pressa, e a imagem de Reese em minha cama, com sua bela bundinha redonda para cima, estava me provocando.

Fechei a porta do banheiro, fui até a parede, onde me apoiei, e então peguei meu pau latejante outra vez. Lentamente, comecei a acariciá-lo, enquanto lambia a bunda e a pinta de Reese, então abri as pernas dela, e senti sua fenda quente escorregadia ao meu toque. Minha outra mão acariciaria sua bunda e então deslizaria até sentir os mamilos duros e o peso de seus seios pendendo em direção ao colchão.

Ela gritaria quando eu passasse a língua sobre sua carne macia, e seus peitos dançariam e saltariam na minha mão. Pronto, foi o que bastou. Gemi quando o gozo foi bombeado para fora de mim e cobriu minha mão, ainda fechada firmemente em torno do meu pau.

Desde que conheci Reese, eu vinha fazendo isso cada vez mais. Já tinha tentado alguns banhos frios, mas eu os detestava. Essa era a solução mais fácil. E a menos dolorosa. Além disso, minhas fantasias com Reese estavam ficando cada vez melhores.

Reese

Jimmy apareceu na manhã seguinte para me dizer que avisara ao trabalho que estaria ausente por motivo de saúde pelo restante da semana e que, para escapar do horror da noite anterior, ia fazer uma viagem. Ele não tinha conseguido dormir e estava choroso. Sua preocupação principal era como eu ia chegar ao trabalho. Embora eu lhe garantisse que podia ir andando, ele disse que não seria capaz de relaxar e desligar a cabeça de tudo se estivesse preocupado com o fato de eu ter que ir a pé até as casas. Assim, havia combinado com um cara em quem confiava para ir me pegar e levar para o lugar em que eu trabalhasse no dia. Ele me garantiu que o conhecia desde sempre e que ele era um amigo de confiança do Sr. Kerrington. Tive que prometer a ele que pegaria carona com seu amigo, Thad, antes que ele partisse. Como estava preocupada com ele, concordei. Mas não era algo que eu quisesse fazer, de jeito nenhum. Preferia mil vezes pegar um táxi. Mas Jimmy se recusou a aceitar isso.

Portanto ali estava eu, diante do meu apartamento, esperando um “BMW preto com rodas prateadas reluzentes que você não terá como não ver”. Jimmy também disse que Thad tinha cabelo louro comprido, e que o lugar ideal para ele parecia ser em cima de uma prancha de surf.

Uma fita amarela do tipo que a polícia usa para isolar uma cena de crime cercava a porta e a calçada três portas adiante. Eu me encolhi ao pensar no horror que acontecera ali. Jimmy vira tudo. Eu também estava preocupada com ele. Como ele poderia esquecer aquilo e dar continuidade à vida?

Na noite anterior, eu havia adormecido quando Mase me deixara esperando. Aquilo realmente me surpreendeu. O simples fato de saber que ele estava ali e não ia me deixar foi suficiente para me fazer relaxar. E também houve a estranha conversa sobre o que vestíamos para dormir. Ele dormia nu. A imagem daquele homem nu me excitava. E ia ser estranho quando eu tivesse que vê-lo outra vez.

Era mesmo difícil de não reparar no sofisticado BMW preto que chegou ao

estacionamento. Mesmo sem ver as rodas ou o motorista louro no interior, eu sabia que era ele. Ninguém nesse condomínio tinha um carro como aquele. Botei minha mochila no ombro e respirei fundo. Jimmy não mandaria alguém perigoso para me pegar. Eu podia fazer isso. Podia, sim.

A porta do carona se abriu, e um cara alto, cujo cabelo louro encaracolava logo abaixo das orelhas, sorriu para mim. Ele usava óculos escuros, de modo que eu não podia ver seus olhos. No entanto, ele parecia seguro. Seu sorriso era amigável, e – tornei a me lembrar – Jimmy confiava nele.

– Você é Reese? – perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça e desci da calçada, indo para o carro.

– Só o Jimmy mesmo – disse Thad, balançando a cabeça e rindo.

Não perguntei o que aquilo queria dizer.

– Obrigada por me levar. Eu pago a gasolina – garanti, entrando no carro.

Thad franziu a testa.

– Ah, não vai pagar, não. Vou levar uma garota bonita para o trabalho e para casa.

Não fiquei tensa quando ele me elogiou. E isso era um bom sinal. Eu estava melhorando. Nem todos os homens eram maus. Jimmy, Mase e o Dr. Munroe tinham me ensinado isso. Também havia a maneira como Grant Carter adorava a mulher e a filha. Minha opinião sobre os homens estava mudando. Quanto mais tempo eu ficava em Rosemary Beach, mais via o lado bom da humanidade.

– Jimmy pediu a você que me levasse até o Kerrington Club? Posso andar a partir dali.

Ultimamente Jimmy estava me levando até as casas em que eu trabalhava em vez de me deixar ir a pé. Era algo que eu sabia que Mase tinha lhe pedido que fizesse.

– Pediram que eu a levasse à casa de Nan hoje. Ouvi dizer que ela estará de volta em duas semanas. Ah, que alegria – disse Thad, me olhando como se eu entendesse o que ele estava falando.

Eu nunca tinha visto Nan, mas pelo que todos, incluindo o irmão, diziam sobre ela, eu não estava certa se ia querer conhecê-la. Gostava de limpar a casa dela. Precisava daquele trabalho. Mas começava a ficar apavorada com ela. Teria que contar sobre o espelho quando ela retornasse. E temia esse momento.

– Acho que não estou ansiosa por conhecê-la – admiti para Thad. – Parece

que ninguém gosta muito dela.

Thad deixou escapar uma gargalhada.

– É o eufemismo do ano.

Ah, puxa. Desejei com toda força que ela pudesse simplesmente ficar em Paris para sempre.

– Você ouviu aqueles tiros na noite passada? – perguntou Thad, mudando de assunto. – Ver as fitas na cena de crime é assustador.

Concordei e afastei a lembrança da noite passada.

– Sim – foi minha única resposta.

Então concentrei a atenção no lado de fora. Não queria falar dos tiros.

– Desculpe se ela era sua amiga ou coisa assim. Não quis ser desrespeitoso.

Continuei olhando pela janela.

– Eu não a conhecia – falei.

Então ele ficou quieto. Provavelmente eu deveria ter falado alguma coisa e não deixado aquele silêncio constrangedor, mas eu não sabia o que dizer.

Quando ele passou pelo portão de Nan e seguiu o caminho que levava até a entrada da casa, eu me senti aliviada. Ansiava por fazer minha faxina e aproveitar aquele tempo sozinha e sossegada.

– Pego você aqui por volta das três.

– Obrigada.

Por mais estranho que fosse pegar carona com um desconhecido, era bom chegar ao trabalho mais rápido.

Thad me dirigiu um sorriso torto.

– Sem problemas.

◆ ◆ ◆

Naquela noite, contei a Mase sobre Jimmy ter viajado e Thad ter me dado carona. Ele não pareceu animado, mas não lhe perguntei por quê. Éramos amigos, nada mais. Em vez disso, li dois capítulos para ele. Pouco antes de desligarmos, ele perguntou se eu já estava de pijama.

– Sim – respondi, olhando para a calça de moletom cortada e a camiseta.

Ele suspirou e então riu.

– Desculpe. Não pude evitar. Boa noite, Reese.

– Boa noite, Mase.
– Bons sonhos.
Ele não tinha ideia de quanto seriam bons.

Mase

Meu café estava passando e eu não tinha vestido nada além do jeans quando uma batida na porta perturbou minha rotina matinal.

Contrariado, imaginando que fosse Major chegando uma hora mais cedo, fui lá e abri bruscamente a porta, pronto para fuzilá-lo com o olhar. Mas era Cordelia.

Ela não tinha telefonado nem aparecido desde que eu a mandara para casa fazia quase um mês. Não recuei para deixá-la entrar, porque no passado tudo o que fazíamos juntos tinha a ver com sexo e eu não ia mais transar com ela. Não quando meus sentimentos em relação a Reese estavam cada vez mais profundos.

– Estou apaixonada por você – despejou ela, os olhos se enchendo de lágrimas.

Santo Deus, eu não precisava disso hoje. Nem em qualquer outro dia. Cordelia não deveria jamais se apaixonar por mim. Tínhamos feito sexo. Só isso. Nada de carinhos e beijos, apenas trepávamos.

Cacete.

– Cordelia, eu sinto muito. Mas começamos isso sabendo que era só um lance de sexo. Não sabia que você tinha sentimentos mais profundos ou que estava começando a tê-los. Eu teria interrompido há muito tempo, se soubesse.

Ela fungou e seus ombros se curvaram, num gesto de derrota.

– Então você realmente não sente nada? Nada mesmo?

Caramba, eu sentia prazer quando gozava. E, sim, eu aproveitava o corpo dela, mas era isso. Nada de sentimentos. Neguei com a cabeça, odiando magoá-la.

– Não. Para mim era apenas sexo. Pensei que para você fosse só isso também.

– Tem outra pessoa? – perguntou. – É por isso que você não quer mais me ver?

Não sabia como responder. Reese não era da conta dela, mas era a razão para eu pôr um ponto final naquela história.

– Estou sentindo algo por outra pessoa, sim.

Pronto, falei. Ela cobriu a boca ao soluçar.

– Então você se envolveu com outra pessoa enquanto estava trepando comigo?

Fiz que não com a cabeça, deixei escapar um grunhido frustrado. Eu só queria um café. Não isso.

– Não me envolvi com ninguém... ainda – disse a ela. – Mas isso não importa. Eu quero me envolver. Estou esperando por ela.

Cordelia soltou uma risada seca e limpou as lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Então a mulher disposta a lhe dar tudo não é suficiente. Você quer a que resiste, é isso? Deus, eu odeio os homens! Vocês são todos uns babacas! – Cordelia gritou a frase final. E apontou para mim. – Você vai se arrepender. Quando precisar de mim, vai se arrepender. Todo aquele sexo ardente que a gente fez foi fantástico, e você sabe disso. Você vai me querer outra vez, e eu não vou dar para você. É isso, Mase. Você teve sua última chance.

Eu não tinha resposta para isso. Observei-a dar meia-volta, ir até sua caminhonete e entrar. Fechei a porta de casa e torci para que ela mantivesse a palavra e que esse fosse mesmo o fim. Não poderia passar por aquilo de novo e deixá-la agir assim. Odiava magoá-la, mas Cordelia estava forçando a barra.

Meu telefone começou a tocar e eu olhei cheio de vontade para o café na cafeteira. Eu queria muito aquele café. Frustrado, peguei o telefone. Por que não me deixavam em paz? Droga, eu só queria uma manhã tranquila.

O nome de Harlow se iluminou na tela.

– Você está bem? – perguntei, pensando que algo pudesse ter acontecido. Ela nunca ligava tão cedo.

– Imaginei que você já estivesse de pé. Grant acabou de me contar algo antes de ir para o trabalho, algo que ele escutou ontem e que eu achei interessante. Queria compartilhar com você.

Estava quase com medo de ouvir. Ela parecia tramar algo. Dava para perceber na voz dela. Qualquer que fosse a informação que tivesse, Harlow estava um pouquinho empenhada demais em me contar.

– São sete da manhã, Harlow. Acabei de levantar e preciso de um café – resmunguei enquanto me servia uma xícara.

– Beba seu café, rabugento. Posso contar o que sei enquanto você bebe.

– Tudo bem – concordei, ouvindo apenas parcialmente o que ela dizia. Estava mais concentrado no líquido escuro na caneca à minha frente.

– Sabe Thad, aquele amigo de Woods Kerrington? Ele levou e buscou Reese no trabalho esta semana.

Essa era a novidade? Revirando os olhos, fui lá fora desfrutar o café.

– Já sei disso – informei a ela.

– Ah. Bem, sabe que ontem ele a convidou para sair neste fim de semana e ela aceitou?

Minha mão parou em pleno ar, a caneca diante dos lábios. *Que merda era essa?*

– Reese vai *sair com Thad*? – perguntei, baixando a caneca, ainda sem ter certeza de que fora isso mesmo que eu ouvira.

Reese ficava nervosa com homens. Thad era um mulherengo. Já tinha visto o cara em ação. Era exatamente o tipo de sujeito que eu sabia que Reese não gostaria de ter por perto. *Como assim?*

– Quem contou isso a Grant? – perguntei, esperando o desfecho.

Tinha que ser piada.

– O próprio Thad. Ele a convidou quando a levou para o trabalho ontem de manhã e ela aceitou. Grant disse que ele parecia um garotinho que tinha acabado de ganhar um brinquedo novo. Ele queria que eu conversasse com Reese sobre Thad. Ele é um galinha, sabe, e Grant não quer que ele magoe Reese. Mas achei melhor contar para você. Já que você é amigo dela, talvez possa ligar para ela e avisá-la.

Ela estava sendo maliciosa. Sabia que isso ia me deixar puto. Harlow me conhecia bem demais. Sem chances de Reese sair com Thad. Se ela queria sair com alguém, então ia sair era comigo.

– Obrigado. Preciso ir. Falo com você mais tarde.

– Tudo bem, mas você vai falar com ela, não vai?

Quase ri de sua falsa preocupação. Ela sabia muito bem que eu não ia deixar aquele encontro acontecer.

– Vou falar com ela – respondi, desligando o telefone.

Engoli o café e deixei que ele queimasse minha garganta. Precisava comprar uma passagem e então chamar Major para que ele assumisse tudo que eu largaria para me assegurar de que Thad mantivesse suas mãos de playboy longe do que era meu.

Reese

Por que fui dizer sim a Thad? Ele me fazia rir e era legal, mas eu não queria sair com ele. Só não sabia como dizer não. Não queria ser grosseira. Ele foi tão prestativo a semana toda, e, depois do constrangimento do primeiro dia, parecíamos ter chegado a um bom termo.

Por sorte eu não precisava trabalhar hoje, assim não teria que vê-lo. Mas, amanhã à noite, quando ele aparecesse para sair comigo, não haveria como escapar. Quase contei a Mase, mas algo me segurou. Só porque eu tinha uma queda por Mase, não significava que o interesse fosse recíproco. Mesmo que ele gostasse de saber quando eu estava de pijama, isso não significava que quisesse me ver usando roupas íntimas.

A ideia fez minhas bochechas ficarem quentes.

Pare com isso, me repreendi. Eu tinha que pensar sobre o que havia combinado com Thad. Um encontro. Um encontro de verdade. Com um cara rico e atraente. Ah, não. Em que eu havia me metido? Não podia fazer isso.

Hoje era a noite em que Jimmy tinha planejado sair comigo, num encontro de casais, até que aconteceu o tiroteio. Então ele viajara e agora só voltaria no domingo. Eu havia falado com ele duas noites atrás. Quando percebi que ele não estaria de volta a tempo para esse encontro duplo, me senti aliviada por ter me livrado. Então me acontece essa.

Mase me ligaria hoje à noite. Será que eu devia comentar com ele? Provavelmente não. Ele não me falava de seus encontros. Será que ele tinha encontros? E se tivesse? Nesse caso, ele voltava para casa cedo, porque conversávamos todos os dias mais ou menos por volta das dez.

Olhei para minha camiseta e minha calça de moletom cortada e suspirei. Estavam mesmo muito surradas, mas eram macias e confortáveis. No mundo de Mase, as mulheres usavam sedas e rendas caras. Eu não tinha nada nem remotamente sexy para vestir na cama. Até Mase, eu nunca havia desejado algo

assim. Ele tinha mudado muitas coisas em mim. Talvez ele até tivesse sido o motivo de eu ter dito sim a Thad.

Uma batida forte e aguda na porta me assustou, e eu larguei o telefone no sofá e me levantei para ver quem era. Não estava esperando ninguém, e desejava sinceramente que não fosse Thad me fazendo uma visita. Não quando eu planejava conversar com Mase por telefone nessa noite.

Espiei pelo olho mágico e arquejei.

Como se fosse um sonho, lá estava ele diante de minha porta. Seu rosto parecia determinado, e o cabelo estava puxado para trás de modo que eu podia ver a linha firme de seu maxilar. Ele estava aqui. O choque foi substituído pela preocupação, enquanto eu destrancava e destravava a porta e finalmente a abria.

– Mase, está tudo bem? – perguntei.

Ele me encarou. Começou a se mover na minha direção, mas parou.

– Não. Posso entrar? – pediu, tenso.

Concordei com a cabeça e recuei um passo para que ele entrasse.

– O que aconteceu? – perguntei, com medo de escutar a resposta. Ele estava nervoso.

Mase entrou e seu olhar percorreu meu corpo de cima a baixo, e então tornou a subir. Muito lentamente. Quando retornou ao meu rosto, havia um brilho nele que me fez estremecer.

– É melhor do que imaginei. E acredite, gata, imaginei você nesta roupa muitas vezes.

Ele parecia acariciar as palavras em vez de pronunciá-las. Seu tom soturno me fez estremecer outra vez. Eu não conseguia falar. Não agora. Ele me roubara as palavras com aqueles olhares.

– Não quero que você saia com Thad – disse ele com firmeza, me arrancando de meu estranho torpor.

Seu maxilar estava cerrado com força outra vez, e aquele brilho estranho nos seus olhos havia voltado.

– Como você sabe? – perguntei a ele. *E por que se importa?*, pensei comigo mesma.

– Ele contou para Grant – respondeu ele.

Isso explicava tudo.

– Eu estava dando tempo a você. Você parecia assustada. Eu não queria

pressioná-la. Mas, se vai sair com alguém, vai ser comigo, Reese. Não com o playboy do Thad.

Ele disse a última frase num grunhido que me sobressaltou.

– Ele não conhece você. Não saberá interpretar suas expressões para entender se você gosta ou não de algo. Não saberá quando algo que ele fizer a deixar pouco à vontade ou quando você estiver precisando de ajuda para ler alguma coisa. Ele não saberá que você tem duas risadas diferentes. Uma é a real e a outra é de nervosismo. Ele não saberá nada. Mas eu sei.

Mase Manning estava mesmo tentando me convencer a sair com ele? Ele achava que precisava de "argumentos de venda" para que eu cedesse?

– E ele cometerá um erro. Ele fará alguma coisa que vai magoar você, e eu vou matá-lo. Não sou um cara violento, mas, se ele magoasse você, eu perderia a cabeça. Perderia mesmo. Assim, no meu entender, você precisa cancelar o encontro com ele e fazer novos planos. Comigo.

Antes que ele fizesse qualquer outra tentativa de me convencer, eu sorri.

– Tudo bem.

Ele abriu a boca e depois fechou. Em seus olhos passou um brilho que só podia ser entendido como prazer, então ele deu um passo na minha direção.

– Tudo bem? – perguntou.

Assenti com a cabeça.

– Sim. Tudo bem – repeti.

Um sorrisinho ergueu um canto de sua boca linda.

– Tudo bem quer dizer que você vai cancelar o encontro com Thad e fazer novos planos comigo? Para o fim de semana todo?

O fim de semana todo. Ele estava aqui para ficar o fim de semana todo? Assenti, incapaz de me segurar e não sorrir ainda mais intensamente. Eu ia passar o fim de semana inteiro com Mase. Ele tinha vindo para ficar comigo.

Comigo!

Mase eliminou a distância entre nós, ergueu as mãos e tomou meu rosto entre elas. Meu corpo se retesou, mas relaxou quase imediatamente. O cheiro dele chegou até o meu nariz e isso me tranquilizou.

– Vou beijar você agora, Reese. Não consigo mais me segurar – falou ele, e sua respiração foi um sopro sobre meus lábios antes que a maciez daquela boca carnuda tocasse a minha.

Ele foi delicado ao beijar de leve os cantos da minha boca, antes de a ponta de sua língua deslizar por meu lábio inferior, como se me pedisse para abri-los. Eu tinha visto pessoas se beijarem. Tinha noção de que se abria a boca, mas isso me parecia muito íntimo. Não sabia se estava pronta para isso. Ou se faria direito.

– Abra a boca para mim, por favor – pediu, e percebi que provavelmente eu faria qualquer coisa que ele me pedisse.

Abri a boca – e arquejei quando sua língua deslizou para dentro e roçou a minha, como num desafio para que eu correspondesse ao movimento. O gosto dele era de menta. Um gemido surdo veio de seu peito e uma de suas mãos foi até a base das minhas costas e pressionou, me trazendo mais para perto, enquanto ele entrelaçava os dedos em meu cabelo, chegando até minha nuca. A maneira como ele me segurava era diferente. Ele era cuidadoso comigo.

Sua língua continuou provocando a minha, então deslizei a língua pela dele e comecei a explorar o gosto de menta de sua boca. Quando minha língua correu sobre seu lábio inferior, a mão nas minhas costas se fechou. Mase soltou um arquejo e estremeceu.

Então repeti a dose.

Dessa vez, um murmúrio de prazer saiu de sua garganta. Ele então interrompeu o beijo e encostou a testa na minha.

– Eu sabia que você seria doce. Mas, caramba, gata, você tem o sabor do paraíso.

Meu peito se encheu de alegria e eu sorri. Não tinha feito nada errado. Ele gostara tanto quanto eu.

– Podemos repetir? – perguntei, descansando minhas mãos nos bíceps dele.

Um risinho fez vibrar o peito dele.

– Sim. Podemos nos beijar quanto você quiser.

Seus lábios roçaram os meus outra vez e aumentaram a pressão, fazendo os meus se abrirem. Saboreei a sensação de tocar nele com essa intimidade. As mãos dele descansavam em minha cintura e, sempre que eu brincava com sua língua ou seus lábios, elas me apertavam por breves segundos.

Meu corpo inteiro formigava, e eu queria subir no colo dele e ficar assim a noite inteira. Eu estava gostando, e fiquei impressionada por estar gostando

tanto. Meus seios doíam, e meu corpo instintivamente se apertava contra o dele para encontrar alívio.

No instante em que meu peito pressionou o dele, Mase se afastou alguns centímetros. O beijo tinha chegado ao fim.

Ele me observava como se não estivesse certo de como lidar comigo. E agora me mantinha afastada dele.

– Preciso saber onde posso e onde não posso tocar – disse ele, quase sem fôlego. – Sei que certas coisas a deixam hesitante e nervosa. Observei você bastante, sou bom em leitura corporal. Mas você está me confundindo, Reese.

Sem me perguntar sobre o meu passado, ele me mostrou que tinha percebido alguma coisa. Algo que me assombrava. E estava sendo cuidadoso para não me assustar. Aquela partezinha do meu coração sobre a qual eu ainda pensava ter domínio escapou. Mase Manning agora o possuía completamente.

– Gostei do que estávamos fazendo – falei, com a esperança de que todo o amor que eu sentia por aquele homem não estivesse reluzindo em meu rosto como o luminoso raio de sol que aquecia em mim tudo aquilo que há tempos estava frio.

Mase sorriu e então balançou a cabeça.

– É, percebi que você gostou de beijar. Mas ao chegar mais perto e apertar esses doces...

A voz falhou quando seu olhar se fixou no meu peito, e ele deixou escapar um breve gemido antes de me olhar nos olhos.

– Minhas mãos vão querer explorar o seu corpo. Faz algum tempo que venho fantasiando sobre ele. Preciso saber aonde minhas mãos podem e não podem ir.

Ele vinha fantasiando comigo? Ah, meu Deus.

Aonde ele podia ir? Meu coração o queria por toda parte, mas eu sabia que minha cabeça podia não concordar. O problema é que eu não tinha certeza sobre o que me descompensaria. Até ali, o que estávamos fazendo não era nada parecido com o pesadelo que eu vivera. Era maravilhoso. Ajudava a conter as lembranças horríveis. Eu queria mais na esperança de que enterrasse o passado.

– Que parte de mim você quer tocar? – perguntei.

Seus olhos voltaram ao meu peito.

– Queria começar aqui – disse ele num sussurro rouco.

Meus peitos começaram a formigar e os mamilos a doer, como se soubessem

que estavam chamando a atenção daquele homem lindo e gostassem dessa ideia. Estavam tão despudorados quanto eu. Assenti, e ele estreitou os olhos enquanto mantinha seu olhar quente fixo no meu peito, que agora arfava. Era difícil respirar de tão excitada que eu estava com a perspectiva de sentir as mãos de Mase em mim.

Ele deu um passo em minha direção e seu olhar expressivo tornou a encontrar o meu. Acho que parei de respirar no momento em que ele levantou o braço e eu senti o calor de sua pele quando sua mão cobriu meu seio, que clamava por contato.

Deixei escapar um arquejo, e ele me estudou com atenção, não se mexendo até que eu voltasse a respirar normalmente. Ou tão normalmente como se pode esperar quando seu peito está sendo acariciado pelo homem por quem você está apaixonada. Seu polegar roçou meu mamilo, e eu me agarrei aos seus bíceps para me equilibrar. Os olhos dele estavam agora fixos no meu peito. Com o polegar, ele descreveu círculos em torno do meu mamilo, provocando-o, me fazendo emitir uns ruídos que eu nunca havia feito antes.

Quando sua outra mão se moveu em minha direção, tive que fechar os olhos e respirar fundo, com medo de desmaiar. Assim como a primeira, essa mão cobriu delicadamente o outro seio e então começou a se concentrar no mamilo. De repente eu odiava aquela camiseta com a qual eu adorava dormir. Ela estava no meio do caminho. Mas a ideia de Mase tirá-la e olhar meus seios nus era tão assustadora quanto excitante.

– Está bom assim? – murmurou ele, quase reverente.

– Sim – respondi.

– Quero beijar você outra vez enquanto a toco – falou, estudando meus lábios. – Podemos nos deitar na sua cama?

Minha cama. Isso era mais. Muito mais. Mas eu tinha Mase na minha cama todas as noites. Mesmo que só pelo telefone.

– Sim – permiti, antes que surtasse e mudasse de ideia.

A mão esquerda dele deslizou pela minha barriga e pelo quadril, e então ele segurou a minha mão. Ele não disse mais nada ao me conduzir até a porta do quarto. A luminária ao lado da cama era a única luz do ambiente.

Ele soltou minha mão e se sentou na beirada da cama. Observei, fascinada, Mase tirar as botas e colocá-las no chão, sem nunca tirar os olhos de mim.

– Venha aqui – chamou, mexendo o indicador.

A essa altura, ele podia me mandar pular de uma ponte, e eu tinha certeza de que perguntaria a ele de qual.

Ele pegou minhas mãos e me puxou para seu colo.

Sentei-me em suas pernas, de frente para ele, com os joelhos apoiados na cama. Ele inclinou a boca para encaixar na minha, e todos os pensamentos sobre os meus bloqueios desapareceram quando ele me beijou novamente. Os milagres que ele podia produzir com a língua. Enlacei seu pescoço com os braços e relaxei de encontro ao seu corpo... até que a rigidez que eu recordava do passado começou a me pressionar. Então eu fiquei paralisada.

Sem aviso, as lembranças voltaram, me desafiando. Estremeci e saltei do colo dele, me afastando, com medo de que ele visse o horror nos meus olhos. Que ele soubesse exatamente quanto eu era suja. Eu não queria sujá-lo. O que eu estava pensando? Eu não podia fazer isso. Mase era tão bom, tão legal e gentil. Ele não me conhecia. Ele achava que sim. Mas não fazia ideia.

– Volte para mim, Reese. Não deixe seus pensamentos saírem daqui – pediu, pegando minhas mãos e me segurando. – Olhe para mim, gata.

Mase

A expressão destroçada e aterrorizada no rosto dela me deixou fisicamente mal. Eu nunca iria querer ser a razão para que uma sombra baixasse sobre ela.

– Por favor, Reese, olhe para mim. Nos meus olhos. Concentre-se em mim. Em nada mais – encorajei-a, enquanto segurava suas mãos com firmeza, permitindo que mantivesse certa distância entre nós.

Meu impulso inicial tinha sido apertá-la com força nos braços e ficar assim. Mas aquele olhar me deteve. Ela piscou várias vezes, e seu olhar foi clareando à medida que ela fazia o que pedi. Ela estava de volta para mim. Os demônios que a atormentavam tinham sido afastados.

– Desculpe – murmurou, com a voz cheia de emoção.

– Não. Nunca se desculpe. Nada é culpa sua. Comigo você não tem que pedir desculpas.

Seus ombros se curvaram, num gesto de derrota, e ela parecia estar à beira das lágrimas. Eu não ia deixar que isso acontecesse. Não agora. Não depois de ela ter me dado tanto, ter confiado tanto em mim.

– Posso só abraçar você? Nada além disso. Só me deixe abraçar você.

Era para ser uma pergunta, mas soou como uma súplica.

Ela assentiu e deu um passo em minha direção. Eu a puxei para mim e a abracei. Lentamente seus braços deslizaram pela minha cintura e ela se agarrou em mim com muita força.

Não falamos nem nos mexemos. Apenas ficamos ali, abraçados, por vários minutos enquanto eu me certificava de que ela estava aqui e ia ficar bem. Eu estaria ali, ao lado dela, até isso passar. O que quer que fosse isso.

Dei um beijo no topo de sua cabeça e então encostei minha bochecha em seus cachos sedosos. O cheiro doce de creme e canela que eu adorava me envolveu, e fechei os olhos, desejando poder apagar tudo de mau que já lhe acontecera.

– Eu o odeio. Não sei quem ele é, mas o abomino com todas as minhas forças – murmurei junto ao seu cabelo.

Ela ficou tensa em meus braços por um instante, e então seu corpo relaxou enquanto ela me agarrava mais forte, como se buscasse segurança e conforto em mim. Eu podia dar isso a Reese. Mesmo que ela não estivesse pronta para que eu lhe desse outras coisas, eu podia lhe dar paz.

– Está tarde. Você precisa ir para cama – falei, desejando apenas me deitar naquela cama com ela. Mesmo que fosse apenas para dormir.

– Você... você vai ficar comigo esta noite? – pediu contra o meu peito.

– Não há outro lugar em que eu queira estar.

Ela se afastou e eu a deixei ir. Ela foi até a cama, puxou as cobertas e enfiou-se embaixo delas. Então deu tapinhas no lugar ao lado dela.

– Durma aqui. Ao meu lado.

O desejo dela era uma ordem. Deitei-me ao seu lado, mas me mantive sobre as cobertas. Como estava totalmente vestido, não precisava mesmo me cobrir. Estendendo o braço, olhei para ela, deitada de lado, me observando.

– Venha aqui – chamei, e ela imediatamente se aninhou no meu braço.

Passei o braço em torno do ombro dela e a mantive junto a mim. Olhando para o teto, me perguntei como voltaria para casa no domingo de manhã. Deixá-la não seria fácil. Não gostava da ideia de ela ali sozinha.

A necessidade de protegê-la se tornara uma coisa arraigada e possessiva dentro de mim. Eu pensava nela o tempo todo e tudo o que eu desejava era que ela estivesse em segurança. Queria ela comigo. Não queria que mais ninguém a tocasse ou confortasse. Apenas eu.

Eu deveria resolver os problemas dela. Era eu quem deveria abraçá-la quando ela chorasse. Ficava louco só de pensar em outra pessoa fazendo por ela algo que eu deveria estar fazendo.

Essa garota estava me deixando maluco. Com ela, eu ficava sem chão. Eu não sabia por que tinha essa necessidade insana de pegá-la e fugir com ela. Isso não podia ser saudável. Eu sempre fora protetor com Harlow e minha mãe. Mas afora elas duas, ninguém era tão importante assim para mim.

Até agora. E Reese tinha um espaço só dela em minha vida.

Por que ela? Por que me afetava assim? Já tinha visto corpos sensuais e sorrisos lindos antes. Era mais que a aparência física. Mulheres bonitas só me

interessavam para uma coisa. Reese tinha alcançado algo mais profundo em mim e segurado com firmeza, desde o momento em que entrei na sala de jogos e a encontrei sentada no chão cercada de cacos de vidro.

Na verdade, eu ficara puto com o espelho, por tê-la machucado. Quem fica puto com um objeto?

– Mase? – Sua voz suave soou junto ao meu peito.

O sangue em minhas veias se aqueceu e correu mais rápido com o som do meu nome em seus lábios. Ao menos era a sensação que eu tinha. Meu corpo todo reagia a ela.

– Sim – respondi, enrolando delicadamente um cacho de seu cabelo sedoso no dedo.

– Foi meu padrasto – falou, tão baixinho que eu quase não escutei.

Tudo dentro do meu peito pareceu se revolver até formar nós. Doía respirar. Santo Deus, aquilo doía muito. Tive que forçar o ar para os pulmões enquanto a realidade do que ela acabara de admitir se assentava. Uma raiva diferente de tudo o que eu experimentara até então me tomou e pela primeira vez na vida eu desejei matar um ser humano. Não, queria torturá-lo lentamente antes. Ouvi-lo gritar em agonia. Depois, sim, ia assistir à morte dele.

– Mase? – A voz de Reese me chamou outra vez e eu inspirei profundamente, colocando de lado a vingança e o ódio que sentia por um homem que eu não conhecia.

Minha garota precisava de mim agora. Ela não precisava me ver perdendo a linha. Ela havia me confiado aquilo.

– Sim, gata – respondi.

– Eu odeio ele também.

Aquelas quatro palavras acabaram comigo.

– Vou fazer você esquecer isso tudo. Juro por Deus que vou, Reese. Um dia, tudo que você vai lembrar é de mim e de nós juntos. Eu juro.

Ela virou a cabeça e beijou meu peito, e então se aconchegou mais em mim.

– Eu acredito em você.

Reese

Levei alguns segundos para acordar completamente e lembrar que não estava sozinha em casa. Mas não precisei abrir os olhos para perceber que estava sozinha na cama. Pude sentir a ausência de Mase. O calor dele não estava mais ali.

Mas ele estava em outro cômodo. O cheiro do café tomava conta do pequeno apartamento. E a voz de Mase, embora estivesse falando baixinho, passava pela porta fechada.

Escovei os dentes e penteei o cabelo rapidamente antes de ir para a sala e encará-lo depois da noite passada. O fato de ele ainda estar ali me deixava impressionada. Ele viera para me impedir de sair com Thad. E, em troca, eu surtara com ele ao fazer algo tão simples como beijar e trocar carícias.

Abri a porta para entrar na sala, e meus olhos seguiram direto para a figura alta e perfeita de pé diante da janela, de costas para mim. Ele estava no telefone. Ainda vestia o jeans e a camiseta da noite anterior, mas sua bolsa de viagem estava no sofá. Ele tinha vindo preparado.

– Prefiro não ir, Harlow. Gosto de Tripp e tudo o mais, só que vir neste fim de semana não estava nos meus planos, e não vim por causa da festa dele. Prefiro fazer outras coisas esta noite – disse num tom de voz frustrado, ainda que continuasse falando baixinho.

Seu maxilar se mexia enquanto ele escutava o que a irmã estava dizendo. Parecia que ela realmente queria que ele fosse a uma festa nessa noite. Comecei a dizer que ele deveria ir.

– Tudo bem. Eu vou se Reese quiser ir. Mas, se ela não quiser, faremos outra coisa. Fim de papo. Eu te amo, mas agora preciso ir. Eu ia tentar fazer um café da manhã antes de ela acordar.

Fechei a boca e fiquei olhando, surpresa, para as costas dele. Ele queria me levar? A uma festa, com seus amigos? E ele estava fazendo café da manhã para

mim? Não gritar que eu o amava foi difícil, porque, depois de escutar essa conversa, eu queria abrir a janela e contar para todos os vizinhos que estava apaixonada por esse homem.

Ele se virou, e seu olhar se fixou no meu. Um sorriso sexy surgiu lentamente em seus lábios, e eu tive quase certeza de que poderia desmaiar ali mesmo.

– Preciso ir. Ela acordou – disse ele ao telefone, e pôs fim à ligação.

Fiquei exatamente onde estava, incapaz de me mover, com o brilho e o calor daquele olhar percorrendo meu corpo lentamente de cima a baixo e tornando a subir.

– Até acordando você é linda – disse ele num tom gentil.

– Obrigada. – Foi minha resposta boba. Não sabia o que dizer.

– Está com fome? Eu ia fazer um levantamento do que temos para preparar um café da manhã – disse ele, dirigindo-se para a cozinha. – Já fiz o café.

– Certo, mas eu posso preparar o restante. Faço waffles muito gostosos.

Eu o segui até a pequena área da cozinha. Ele me olhou por cima do ombro.

– Waffles? Você ganhou. Só sei fazer ovos e torradas.

– Então sente-se ali, porque nós dois não cabemos nesta cozinha.

Ele estava servindo mais café em sua caneca. Então se virou e saiu do cantinho que eu chamava de cozinha. Eu confesso que estava olhando seu traseiro naqueles jeans. Mas tive que levantar rapidamente a cabeça quando ele se virou para mim.

Um sorriso de quem sacou a situação iluminou seu rosto e ele voltou alguns passos na minha direção e colocou a caneca de café na bancada.

– Vou admitir algo que acho que você deveria saber. Sou um pouco troglodita. A ideia de você cozinhar para mim me excita.

A voz dele ficou mais baixa quando ele disse as últimas palavras, então ele inclinou a cabeça e me deu um selinho.

Eu estava pronta para uma nova rodada de beijos, se ele estivesse. Fiquei na ponta dos pés, ávida. Eu tinha 1,75 metro de altura, mas Mase tinha pelo menos 1,90 metro. Ele fazia com que eu me sentisse baixinha.

Sua mão deslizou para a base das minhas costas e me puxou para ele um segundo antes de sua boca se abrir e eu poder me deliciar com seu gosto de menta. Tirei as mãos dos braços dele e a pus no pescoço para me ajudar a ficar um pouco mais na ponta dos pés.

Mase colocou as mãos no meu traseiro e o segurou, e, por um momento, ficamos ambos imóveis. Ao notar que o pânico não veio, cheguei mais perto, e Mase arquejou, então me puxou mais para cima, segurando minha bunda.

Justamente quando eu me preparava para explorar mais seus lábios, ele interrompeu o beijo e respirou fundo.

– Reese, gatinha, eu tenho um fraco por essa sua bunda. Desde o primeiro dia. E agora que estou com as mãos nela, preciso de um minuto para me acalmar, sem essa sua boquinha quente me dando ainda mais tesão – disse ele numa voz rouca que me fez tremer.

Baixei a cabeça para esconder meu sorriso. Ele gostava da minha bunda. Ela era muito grande, mas ele gostava. Não pude deixar de sorrir.

– Estou vendo esse sorriso – provocou, apertando minha bunda e gemendo. – Caramba... isso é muito gostoso – disse na minha orelha. – Ou eu levo você para o sofá e continuo agarrando a bunda mais deliciosa do mundo enquanto a beijo ou deixo você fazer aqueles waffles. Você escolhe. Quero o que for confortável para você.

Esse homem e as palavras dele me faziam sentir derretida e dengosa por dentro. Além do mais, quem precisa de café da manhã?

– O sofá – murmurei e ele soltou um grunhido satisfeito ao me levantar do chão.

Enrolei as pernas na cintura dele e ele manteve as mãos na minha bunda. Em três longos passos estávamos afundando no sofá. Senti a pressão rígida sob a minha bunda, e ele ficou imóvel.

Eu não ia entrar em pânico. Era Mase. Era Mase.

Mantive os olhos vidrados naquele rosto bonito e observei fascinada quando seus olhos cintilaram de um jeito tão sexy e urgente que tremi nas bases.

– Você pode tirar as pernas e ficar de lado no meu colo, se sentir que o que você faz comigo a deixa nervosa.

A voz dele era tensa, como se ele estivesse sentindo dor.

Mudei de posição, montando nas pernas dele como se eu cavalgasse. Como na noite anterior. Se eu reclinasse, sentiria a ereção dele. Mas eu sentia um formigamento ali que não havia antes. A ideia de pressionar esse ponto me excitou.

As mãos de Mase apertaram a minha bunda e ele soltou o ar pesadamente

pelo nariz, enquanto mantínhamos os olhos fixos um no outro. Lentamente deixei meu peso cair sobre o colo dele. A haste rija do pênis dele se encaixou direitinho no espaço entre minhas pernas e eu arfei bem alto quando uma fagulha tão gostosa que quase chegava a doer disparou pelo meu corpo a partir do meio das minhas pernas.

Mase engoliu em seco com tanta força que pude escutar. Sua respiração agora estava pesada e as mãos dele seguravam com mais força o meu traseiro.

– Você está bem? – perguntou ele, numa voz que fazia parecer que ele estava sentindo dor.

– Estou machucando você? – perguntei, horrorizada.

Eu nem havia pensado se aquilo seria gostoso para ele. Comecei a me levantar, e as mãos dele imediatamente foram para minhas coxas, me mantendo onde eu estava.

– Não. Não. Não faça isso. É... cacete, gata. Não sei explicar com palavras – disse ele, e em seguida soltou uma gargalhada forte, enquanto recostava a cabeça no sofá e olhava para o teto. – Preciso de outro minuto.

As mãos dele apertaram minhas coxas enquanto ele ficava ali sentado. Admirei a espessura do pescoço dele. Ele parecia musculoso. Pescoços tinham músculos?

Sentindo-me encorajada, me inclinei para a frente e beijei seu pescoço. Suas mãos pressionaram minhas coxas, mas esse foi o único movimento que ele fez. Então o beijei novamente e inspirei seu perfume, que me lembrava couro e natureza. Meu corpo devia gostar desses dois cheiros, porque eu tive que fazer força para baixo para me aliviar da dor pulsante entre minhas pernas.

– Gata... – murmurou baixinho.

– O que foi? – perguntei, provando o gosto da pele dele com a ponta da língua.

– Cacete – grunhiu, e então eu me vi sendo afastada dele.

Suas mãos estavam na minha cintura, e ele me colocou no sofá enquanto se levantava e afastava o mais rápido que podia.

Eu estivera tão perdida nele que não percebi o que estava acontecendo até que o vi parar e pôr as mãos nos joelhos. Observei enquanto ele respirava fundo várias vezes antes de voltar a ficar de pé. Tive medo de fazer perguntas. Esperei que ele dissesse algo antes.

Pareceu transcorrer uma eternidade até ele finalmente se virar e olhar para mim. Eu havia juntado os joelhos à minha frente e abraçado minhas pernas. Alguma coisa estava errada. Fiquei esperando que ele me dissesse o que era exatamente.

– Eu sinto muito. Eu... Você é... – Ele parou e começou a rir de si mesmo, então sacudiu a cabeça, frustrado. – Eu quero você nua, Reese. Quero minhas mãos e minha boca nesse seu corpinho lindo. Quero fazer você se dobrar para que eu possa beijar aquela pinta que eu sei que está bem embaixo da sua nádega esquerda, a que eu vi no dia em que nos conhecemos. Fui brindado com sua bunda perfeita voltada para cima, à mostra, e sonho com essa sua bundinha desde aquele dia. Mais do que isso, porém, quero que você sempre se sinta segura ao meu lado. Quero ir bem devagar com você, para nunca mais ter que ver aquela expressão assombrada nem aquele horror nos seus olhos novamente. Então devemos ter mais momentos em que você esfrega essa... – Ele fechou os olhos e respirou pelo nariz – ... quando você se aperta de encontro a mim e me toca de um jeito que me deixa tão doido que fico com medo de perder o controle e tocá-la onde você ainda não está pronta para ser tocada.

Ouvi-lo dizer que queria me beijar e tocar em mim nua fez meu coração disparar outra vez, num misto de medo e excitação. A sensação entre minhas pernas ainda estava lá. Havia uma espécie de dor urgente que me fez lembrar de uma vez, quando eu era bem mais nova e um garoto de quem eu gostava na escola me levou para um canto e me tocou, dizendo que eu era linda.

Depois que ele me ignorou e deixou que a namorada me xingasse de coisas horríveis no dia seguinte, aquela sensação nunca mais voltou. Então aconteceram outras coisas que fizeram qualquer excitação naquela parte do meu corpo morrer. Só de lembrar o passado, a sensação dos braços de Mase em mim já se apagava.

Quando levantei, estava aliviada por aquela sensação ter ido embora e triste porque a sessão de beijos com Mase tinha acabado.

– Então acho que é hora do café da manhã – concluí, forçando um sorriso.

Mase estava me estudando cuidadosamente, e eu não queria que ele pensasse, nem por um minuto, que eu estava aborrecida com ele. Ele estava fazendo isso por mim. Ele se importava o suficiente para deixar de lado as próprias necessidades e ser gentil comigo. Isso me fazia amá-lo ainda mais.

– Você entende? – perguntou ele, a voz cheia de preocupação.

Um sorriso verdadeiro formou-se em meus lábios quando olhei para ele.
– Eu entendo. Obrigada. Coisas assim só me fazem confiar mais em você.

Mase

Não era assim que eu queria passar minha última noite com Reese. Eu não sabia dizer quando teria outro fim de semana para ficar com ela. Havia passado a maior parte da manhã olhando para o teto, abraçado com ela, pensando em meios de convencê-la a ir comigo para o Texas. Estava pronto para levá-la para minha casa. Eu tinha chegado a esse ponto, e a gente nem sequer havia transado ainda.

Por sorte, a noiva de Tripp Newark Montgomery, Bethy, não era uma das garotas formais de Rosemary Beach que exigiam black-tie em todas as festas. Ela trabalhara por anos no Kerrington Club com a tia. Ela tinha organizado um evento cujo tema era festa na praia.

Olhei para Reese, que segurava meu braço com firmeza. Ela estava de biquíni por baixo do vestido de verão, e eu podia ver as tiras aparecendo. Roupas de banho eram o traje recomendado.

Depois da cerimônia arrojada que inaugurou o novíssimo hotel cinco estrelas de Tripp, todos estavam indo para a piscina do Kerrington Club, que mais parecia uma ilha tropical com quedas-d'água e palmeiras.

– Parece que minha esposa também consegue fazer você obedecer a suas ordens – disse Grant com um sorriso, vindo até nós. – Olá, Reese. Fico contente que meu cunhado tenha bom gosto.

– Olá, Sr. Carter – cumprimentou, com uma voz que denunciava quanto ela estava nervosa.

Grant franziu a testa.

– Você está saindo com Mase e lanchando com minha mulher. Pode me chamar de Grant. Por favor. – Ele voltou a atenção para mim. – Vai ficar mais tempo por aqui?

Reese ficou tensa ao meu lado, mas apenas por um segundo. Se não estivesse tão ligado em cada reação dela, eu não teria percebido.

– Preciso ir embora amanhã. Deixei as coisas meio bagunçadas por lá – admiti.

Grant riu, e os olhos dele se voltaram para a minha esquerda.

– Sim, soube que você foi rápido e tomou o lugar de Thad esta noite. No momento ele está bebendo sofregamente e tem uma mulher em cada braço. Sinal de que está se recuperando.

Nem me dei o trabalho de olhar. Não duvidei de Grant.

– Onde está Harlow? – perguntei, mudando de assunto.

– Está dando mamadeira para Lila Kate. Eu me ofereci, mas ela disse que eu é que precisava estar aqui, mostrando a cara, não ela.

– Tenho que dizer que gosto deste clima descontraído. Acho que Harlow não conseguiria me trazer aqui se fosse uma ocasião formal.

Grant riu como se não acreditasse em mim.

Uma atendente apareceu com uma bandeja de taças de champanhe. Peguei duas e entreguei uma a Reese.

– Está com sede?

Ela sorriu e olhou para a taça e depois para mim.

– O que é isso?

– Champanhe – respondi, incapaz de desviar os olhos do rosto dela.

Cada nova expressão de Reese era para mim algo a ser gravado na memória.

– Nunca tomei champanhe – falou baixinho.

– Acho que você vai gostar. Experimente.

Ela colocou a taça nos lábios e seus olhos continuaram fixos nos meus enquanto ela provava a bebida rosada. Seus olhos se acenderam de prazer e excitação. Ela gostou. E observar sua experiência era maravilhoso. Era só uma bebida, mas Reese fazia tudo ser uma aventura.

– É bom mesmo. Me dá cócegas no nariz.

Havia vários lugares dela em que eu queria provocar cócegas. Mas guardei esse pensamento para mim. Olhando para o lado, percebi que tinha me esquecido de Grant, mas ele já se afastara de nós.

– Oi, eu sou Della. Você deve ser Reese.

Virei-me para ver Della Kerrington, esposa de Woods, sorrindo para Reese. Della era uma boa pessoa. Eu me senti seguro com ela se aproximando de Reese.

Ela também não vinha daquele mundo ali, embora agora fosse a esposa do dono do Kerrington Club.

– Sim, sou eu. É um prazer conhecê-la – disse Reese, menos nervosa dessa vez.

Parecia que apenas os homens a faziam se retrair.

– É um prazer conhecê-la também. Ouvi Harlow falar muito bem de você.

Os olhos de Reese se arregalaram, e ela olhou para mim rapidamente antes de sorrir para Della.

– Ah, bem, eu adoro trabalhar para a Sra. Carter. Eles são realmente uma família linda.

Harlow detestaria o fato de Reese ainda achar que deveria chamá-la de Sra. Carter. Mas eu não a corrigi, embora tenha notado uma faísca de confusão nos olhos de Della. Ela não esperava que Reese fosse tão formal sobre sua relação com minha irmã.

– Sim, eles são – disse Della, sorrindo. – Espero encontrar você em outras oportunidades. – Ela me dirigiu um olhar repleto de cumplicidade. – Divirtam-se, vocês dois. Preciso resgatar meu marido do Sr. Hobes. Com licença.

Ela dirigiu-se apressadamente até Woods, que escutava um velho senhor falar e parecia desejar estar em outro lugar.

– Ela é linda – disse Reese, observando Della se afastar.

– Não reparei – respondi, e então a puxei para mais perto.

Thad vinha em nossa direção com suas duas garotas, uma de cada lado. Não sei o que ele queria, mas não deixaria que dissesse ou fizesse qualquer coisa que embaraçasse Reese.

Ele também precisava entender: ela era minha.

O cabelo de Thad estava preso atrás das orelhas, e seus olhos não estavam vidrados ou vermelhos pelo excesso de bebida. As garotas ao lado dele já tinham abdicado de vestidos ou cangas, diferentemente de todos os outros e estavam de biquíni.

A mão de Reese pegou meu braço mais firme no segundo em que notou a presença dele. Eu a apertei contra mim e dirigi um olhar de advertência para Thad. Ele só sorriu para mim, como se eu estivesse exagerando.

– Reese, Mase, espero que estejam se divertindo – disse Thad, mostrando seu sorriso de idiota com covinhas.

Desejei que Reese não tivesse uma queda por covinhas.

– Sim, obrigada. É um lindo lugar para um hotel – disse Reese, com sinceridade.

– Eu não pensei em vir, mas, já que meus planos para a noite fracassaram, pensei em trazer uma dupla para me entreter – disse ele, com uma piscadela, então fez algo com a garota à sua direita que a fez dar um gritinho e rir.

– Dá para ver que você está arrasado com esses planos fracassados. Se nos dão licença, quero apresentar Reese a Blaire e Rush – falei, colocando uma mão possessiva na base das costas dela.

Não esperei que ele respondesse. Eu vira Rush e Blaire chegando fazia alguns minutos e sabia que Blaire seria uma pessoa tranquila de se conversar; além disso, ela era praticamente parte da família. O pai de Rush e o meu eram da banda de rock Slacker Demon. Ainda que Rush tenha crescido mais naquele mundo do que eu, sabíamos o que era ter pais idolatrados pelo mundo todo.

Rush também não olharia para Reese como se quisesse tirar uma casquinha. Porque eu esganaria Thad se tivesse que vê-lo cobiçando Reese mais um segundo sequer.

Reese

Quando Mase me apresentou a Rush Finlay, as coisas se encaixaram. Manning e Finlay. Rush era o filho de Dean Finlay. Era por isso que Mase o conhecia. Os pais deles. Uau! Se Mase não parecia ser filho de um deus do rock, Rush definitivamente parecia. Do piercing na língua, que brilhava quando ele falava, às tatuagens nos braços e no pescoço, passando pela absoluta confiança que irradiava, tudo em Rush Finlay gritava a quem quisesse ouvir que ele era um dos filhos do Slacker Demon.

Sua mulher, Blaire, era o tipo de beldade que deixava você sem fala por um instante, sem ter certeza se ela era real. Seu cabelo louro quase branco a deixava angelical. Havia uma gentileza em seu sorriso que a tornava ainda mais celestial, mas, quando abria a boca, ouvia-se um sotaque anasalado sulista mais forte que o de Harlow. Não pude deixar de sorrir. Ela não era modelo nem estrela de cinema – e era linda o suficiente para ser qualquer uma dessas coisas, isso era inquestionável –, mesmo assim era o tipo de garota que eu esperava ver nos braços possessivos de Rush Finlay. Ela combinava com ele. Mais do que qualquer outra pessoa.

Conversei com Blaire sobre Harlow e Lila Kate. Ela também me perguntou sobre Jimmy, que me dera o telefone dos Finlays depois que a faxineira deles se aposentara, mas em nenhum momento Blaire falou sobre a possibilidade de eu fazer faxina para eles. De certo modo, fiquei feliz, pois isso só me lembraria de quanto eu não me encaixava naquele ambiente. Mas, por outro lado, eu me perguntava se ela já teria contratado outra pessoa. O dinheiro de mais um trabalho não me faria mal.

Uma coisa que estava ficando mais difícil ignorar eram as mulheres dando em cima de Mase. Ele parecia não notar, mas mesmo as garçonetes lançavam a ele olhares dando a entender que estavam disponíveis.

Se Mase podia ficar com qualquer uma... por que estava comigo?

◆ ◆ ◆

Duas horas mais tarde, a inovadora cerimônia estava terminada, e a festa havia se mudado para o Kerrington Club. E infelizmente, agora que as mulheres estavam circulando de biquíni, pareciam se atirar ainda mais em cima de Mase. Várias tinham ido abertamente até ele e o convidado para nadar ou dançar. Ele havia casualmente declinado das ofertas, mas era como se eu não estivesse ali. Eu ainda não tinha tirado meu vestido, porque não me sentiria à vontade de biquíni na frente de tanta gente. Mas comecei a pensar que talvez devesse fazer isso se quisesse manter a atenção de Mase.

Vi Blaire do outro lado da piscina, e ela ainda estava com a blusa e a saia de antes. Não estava se exibindo em seu traje de banho. Também não parecia preocupada com as mulheres que lançavam olhares de cobiça para o seu marido.

Mas ela era casada com Rush.

E esse era o meu primeiro encontro com Mase.

– Quer beber alguma coisa? – ofereceu Mase.

A mão deslizou por minha cintura enquanto ele se curvava e murmurava em meu ouvido.

– Sim, por favor – respondi, precisando de algo para me distrair.

– Fique aqui. Vou encarar o bar. Mais champanhe? Ou outra coisa?

Eu não queria ficar ali. Não podíamos esperar um garçom passar com uma bandeja? Mas acho que ele não queria os drinques frutados que eram servidos assim.

– Champanhe está ótimo – respondi.

Ele apertou a lateral do meu corpo.

– Já volto.

Como eu temia, as mulheres aproveitaram a oportunidade e se aproximaram dele no momento em que se afastou de mim. Ele era educado e não parecia interessado, mas ainda assim era difícil ver aquilo. Afinal, aquelas garotas não ficariam nervosas quando ele as tocasse. Elas transariam com ele atrás de uma palmeira lá fora se ele quisesse. Era com isso que eu precisava competir.

Além disso, eu tinha um lado sombrio e feio em meu passado, que eu nunca seria capaz de contar totalmente para Mase. Elas não tinham esse tipo de

problema. Eram livres para usufruir de seus corpos e fazer os homens felizes. Eu me senti enjoada.

Uma loira se pendurou em Mase e beijou a bochecha dele. Ele a afastou gentilmente, mas continuou a falar com ela enquanto pegava nossas bebidas. Eu não conseguia olhar aquilo. Procurei voltar a atenção para qualquer outro lugar. Harlow e Grant já tinham ido embora com Lila Kate; não ficaram muito tempo na festa. Não havia ninguém mais ali que eu conhecesse. Mase me apresentara a várias pessoas, mas eu não as conhecia de fato.

Eu não queria olhar para Mase. Também estava pensando em tirar meu vestido. Mas aquelas mulheres tinham corpos muito mais bonitos que o meu. Eram magras, sem nenhum recheio extra nos traseiros. E seus seios eram bonitos, redondos e perfeitamente posicionados. Nem muito grandes, nem muito pequenos.

Tirar meu vestido talvez fosse uma má ideia. Pelo menos se eu ficasse de roupa, Mase não teria a chance de ver exatamente como meu corpo era imperfeito. Meu Deus, eu detestava pensar assim. Eu nunca me comparava com outras mulheres. Pelo menos não no passado. Agora eu estava fazendo isso.

Meu olhar voltou para Mase. Ele segurava duas bebidas e vinha na minha direção. A loira tinha sumido. Ele parecia incomodado. Torci para que não fosse por estar ali comigo, podendo transar nesse momento com várias mulheres lindas e dispostas.

Eu podia perdê-lo.

Tão facilmente.

E tinha acabado de conquistá-lo.

Ao chegar, me entregou o champanhe e disse:

– Quando terminar, vamos embora? Queria ficar a sós com você. Já cumpri meu dever e mostrei a cara por aqui.

Tive a tentação de virar o copo e sorver toda aquela bebida rosada e borbulhante de uma vez. Também estava pronta para ir – antes que ele recebesse uma oferta irrecusável. Estava feliz por seu rancho ficar no Texas. Não imaginava que houvesse herdeiras lindas e magras como modelos se jogando em cima dele por lá.

– Sim. Quero ir quando você quiser – admiti.

Mase estudou meu rosto por um momento, e então pegou o champanhe da

minha mão.

– Compro uma garrafa no caminho se você quiser mais. Vamos embora – disse ele, colocando a taça na mesa mais próxima e deixando sua bebida ali, também intacta.

A mão dele pousou na base das minhas costas e ele me guiou através da multidão até onde os manobristas estavam.

Quando entramos em sua caminhonete, Mase pegou minha mão, entrelaçando os dedos aos meus.

– Obrigado por me acompanhar hoje à noite. Só vim porque Harlow achou que eu devia dar as caras, já que estava na cidade. Ela é amiga de Bethy e Tripp. Que bom que tive você comigo. Tornou a noite suportável.

Esse homem e suas palavras. Quase me fez esquecer de como era difícil observar as mulheres flertarem com ele toda vez que ele respirava. No entanto, ele não dava bola para elas. Eu não via nele um paquerador. Não era seu estilo. Mas isso não significava que ele não gostasse da atenção delas. Como não gostaria? Eram lindas e disponíveis.

– Gostei de conhecer seus amigos – falei.

Ele apertou minha mão.

– Eles gostaram de conhecer você.

Quis perguntar de onde ele conhecia a loira que o abraçou e beijou. Mas mantive a boca fechada.

– Quer que eu pare e compre mais champanhe? – perguntou ele, com um tom divertido na voz.

Sacudi a cabeça negativamente e ri.

– Gosto de ouvir você rir. Isso não aconteceu muito esta noite – disse ele, acariciando minha mão com o polegar. – Você riu mais hoje quando estávamos só nós dois.

– Eu estava ocupada demais assimilando aquilo tudo.

– Obrigado por não ter tirado o vestido.

Por que ele disse isso? Estava preocupado com minha aparência sem o vestido?

– Se você tivesse tirado, acho que sairíamos ainda mais cedo, porque eu teria perdido as estribeiras. Não gosto da ideia de outros homens olhando o que é meu.

Opa. Ok. Eu era dele? Ah... nossa.

– Pensei em como reagiria se você tivesse querido nadar. Fiquei tentando inventar desculpas para manter essa bundinha linda coberta.

A sensação entre as minhas pernas recomeçou. Ouvi-lo chamar meu traseiro de bundinha linda me excitava, pelo visto. Gostava de senti-lo tocando minha bunda. Eu me contorci no assento quando a mão dele apertou a minha.

Não dissemos mais nada. No momento em que ele estacionou a caminhonete perto do meu apartamento, o ar estava quente, e eu respirava pesadamente. Olhando para Mase, vi sua mandíbula cerrada com firmeza. Sua mão ainda segurava forte a minha.

Quando ele desligou o motor e finalmente soltou minha mão, abriu a porta e saiu tão rápido que pareceria que o carro estava pegando fogo. Observei-o vir com passos largos até o meu lado da caminhonete para abrir a porta. Eu ia sair, mas ele me impediu, me encurralando.

Suas narinas inflaram quando ele se aproximou mais de mim e em seu rosto cintilou um olhar sedento que compreendi na hora. Meu corpo inteiro parecia febril, mas suas mãos tocavam apenas meus quadris. Sua cabeça baixou até meu ouvido, e ele correu o nariz de cima a baixo por meu pescoço.

– Meu Deus, seu cheiro é tão bom... Eu poderia cheirar você para sempre e ficar feliz com isso.

Agarrei-me aos ombros dele. Palavras assim, vindas de Mase Manning, faziam uma garota perder a cabeça.

– Quando a gente entrar, quero tirar esse vestido. Quero ver você de biquíni. Por favor. Não vou pedir mais nada. Só me deixe olhar e tocar você... Só um pouquinho.

Meu corpo parecia tão quente que eu estava pronta para tirar tudo ali mesmo para ele, mas sabia que, no momento que fizesse isso, entraria em pânico. A realidade viria à tona. Consegui concordar com a cabeça e deixei que me ajudasse a descer do veículo. Ele beijou minha boca de uma forma ardente e impetuosa, mais agressiva que das outras vezes. Retribuí aquele beijo. Não era um de seus doces e suaves, mas era excitante.

Quando afastou a boca, ele praguejou e então me levou até o apartamento, abriu a porta e me conduziu rapidamente para dentro.

Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, suas mãos agarraram a barra do

meu vestido.

– Só vou tirar isso aqui. Só isso. Só preciso te ver – murmurou no meu ouvido, mas não se mexeu até eu concordar com a cabeça.

Quando dei o sinal verde, ele levantou o vestido lentamente. Quando estava na altura da minha bunda, ele gemeu. Levantei os braços, e ele o tirou. Não me mexi. Sabia o que ele estava olhando e fechei os olhos com força. Não olhava minha bunda no espelho fazia muito tempo. Havia uma boa chance de que estivesse com celulite. Desejei profundamente que não estivesse. Eu ainda caminhava bastante. Tinha certeza de que ter caminhado a vida inteira era uma razão para minha bunda não ter ficado imensa.

A ponta do seu dedo roçou a parte inferior da minha nádega esquerda, e eu arquejei, mas não me mexi. Ele estava me tocando. Muito levemente.

– Você tem uma pinta bem aqui. Adoro essa pinta. A pinta mais linda do mundo – disse ele, com voz rouca.

Então ouvi um movimento e olhei para trás, vendo-o se ajoelhar. Comecei a me virar, mas suas mãos me seguraram pela cintura e me mantiveram parada.

– Por favor, Reese. Não. Ainda não – implorou.

Então fiquei quieta.

Seu hálito quente pairou sobre a minha pele, e eu estremeci. Saber que o rosto dele estava tão perto de qualquer parte do meu corpo era excitante, mas aquilo era quase demais. Então seus lábios roçaram o ponto que ele tocara, e eu soltei um grito sufocado de choque e prazer.

– Eu tinha que beijá-la – disse ele, pressionando os lábios naquele ponto da pele novamente. Então sua mão deslizou pela minha bunda, e ele a apertou, delicadamente. – Juro, Reese, essa bunda é a perfeição – disse ele num tom reverente. – Estou muito feliz que você não tenha ficado de biquíni na frente de outros homens esta noite. Essa bunda é minha. Não quero que outras pessoas vejam este suculento pedacinho do céu.

Fechei os olhos bem apertados. Eu estava mesmo deixando-o se ajoelhar atrás de mim e brincar com a minha bunda? Meu coração estava disparado, e o calor que se espalhava pelo meu corpo estava no ápice.

Mase deslocou uma parte da calcinha, para que uma extensão maior da minha bunda estivesse exposta, e me beijou ali. Ah, meu Deus, ele estava beijando o meu traseiro.

– Até aqui seu cheiro é delicioso. Posso sentir quanto você está excitada. É uma boa mistura com o cheiro de creme e canela que você exala.

Eu precisava me agarrar a alguma coisa para não derreter e me transformar numa poça. Meus joelhos se dobraram um pouco e as mãos de Mase seguraram com mais firmeza minha cintura enquanto ele se punha de pé, ainda atrás de mim. Sem recolocar minha calcinha no lugar, ele deslizou o corpo pelo meu.

Mase beijou meu ombro, então afastou o cabelo do meu pescoço e correu o nariz pela curva da minha orelha.

– Não quero fazer nada para o que você não esteja pronta. Mas quero tocá-la. Só isso. Nada mais. Você está pronta para isso? Se não estiver, tudo bem. Posso ficar só olhando.

A última parte pareceu ter sido arrancada dele, contra a sua vontade.

Todas aquelas mulheres se jogando em cima dele, e ele queria a mim. Ele me escolheu. Eu podia deixar que ele me tocasse. Eu ainda não havia entrado em pânico, e, nesse momento, tudo em que eu conseguia pensar era em Mase e em como ele se sentia. Como ele fazia com que eu me sentisse.

– Sim – respondi, parecendo sem ar.

Ele correu um dedo pelo meu pescoço e o enrolou com um cacho do meu cabelo.

– Obrigado. Por confiar em mim. Você não é obrigada a isso, e saber que você gosta do meu toque é a coisa mais bonita que alguém já me deu.

Ele não começou a tocar meu corpo. Em vez disso, ficamos ali, com ele brincando com meu cabelo e continuando a explorar meu pescoço e minha orelha com os lábios e o nariz. Lentamente, fui me recostando nele à medida que meu corpo relaxava com suas carícias.

– Seu cabelo parece seda – murmurou. – E sua pele. – Ele correu a mão pelo meu braço e pela nádega que deixou descoberta. – Acho que estou obcecado por seda – acrescentou.

Comecei a me contorcer quando sua mão voltou a subir, vindo até a frente e parando na minha barriga.

– Vire para mim e me deixe ver você – disse ele, dando um passo para trás.

Eu respirava pesadamente e sabia que ele podia perceber isso. Mas ficar de frente para ele tornava esse momento mais real. Eu poderia vê-lo enquanto ele me olhava.

Seu olhar varreu meu corpo de cima a baixo, lentamente, e depois tornou a subir. Havia no rosto dele uma veneração que me fez sentir querida. Importante. Protegida.

Três coisas que eu jamais havia sentido.

Eu não ia chorar.

Ele se aproximou e pousou a ponta dos dedos na minha barriga, traçando o contorno do umbigo. Então suas mãos estavam em mim, subindo vagarosamente até roçarem a parte inferior dos meus seios. Com um dedo ele mergulhou no decote, explorando o espaço entre os seios.

– Quero vê-los nus e nas minhas mãos – disse ele, erguendo os olhos até os meus, num pedido mudo.

Arquejei, mas não de medo. Eu também queria aquilo. Meus mamilos doíam muito e a área ao redor dos dois formigava.

– Ok – respondi, sabendo que ele não faria nada até que eu dissesse que podia.

Ele deslizou as mãos até minha nuca e soltou o nó de cima do biquíni, e depois o de trás. O sutiã caiu no chão, e meus peitos saltaram, livres.

– Uau, eles são incríveis – sussurrou ele, tomando os dois seios nas mãos, os polegares brincando com meus mamilos. – Posso sentir o gosto deles? – Mais uma vez sua voz parecia implorar.

– Sim – sussurrei, agarrando seus braços para o caso de meus joelhos fraquejarem por completo.

Mase grunhiu e baixou a cabeça. Então sua língua roçou meu seio direito. De seu peito veio um gemido prazeroso antes que ele colocasse o mamilo inteiro na boca e o sugasse.

Minhas pernas amoleceram e eu gritei quando um raio de prazer atravessou meu corpo.

Mase me segurou antes que eu caísse e me carregou para o sofá, afundando nele comigo em seu colo. Ele beijou meus lábios enquanto eu ofegava, ainda tonta de sentir sua boca em meu peito.

Uma de suas mãos ainda apertava meu seio, e eu queria sua boca neles outra vez.

– Posso sentir o gosto deles de novo?

Assenti, desejando empurrar a cabeça dele para meus seios e nunca mais

deixá-lo tirá-la de lá.

A boca quente de Mase sugou o outro mamilo e gritei de novo, agarrando o cabelo dele com as mãos. Temi machucá-lo, mas eu precisava me segurar em algo. Suas mãos seguravam meus seios enquanto ele os beijava e até mordiscava. Gemi e gritei seu nome, segurando a cabeça dele contra o meu corpo. Queria que aquilo durasse para sempre.

A aflição era tão intensa agora que eu não podia evitar me contorcer e contrair as pernas. Queria algo que parasse aquilo. Eu precisava fazer parar.

– Abra as pernas. Vou fazer com que melhore – disse ele num tom exigente que me surpreendeu.

Não estava certa de que queria aquilo. Se abrisse minhas pernas, sabia que ele iria me tocar ali. Meu corpo pedia aquilo, mas minha cabeça me dizia que iria doer. Eu estava suja ali.

– Por favor, Reese. Me deixe cuidar de você. Você está tão molhada que eu posso sentir seu cheiro, gata. Isso está me enlouquecendo. Vou beijá-la lá, se você deixar. Qualquer coisa, gata. Faço qualquer coisa por você. Qualquer coisa mesmo.

Ele parecia desesperado.

Eu o amava.

Não queria perdê-lo para alguma mulher a quem ele não precisasse implorar.

Queria fazê-lo feliz.

Empurrei o medo para o fundo da mente e abri as pernas apenas o suficiente para que sua mão passasse. Delicadamente ele as abriu um pouco mais, e prendi a respiração quando sua mão deslizou pela minha coxa.

Lutei contra o pânico. Tentei contê-lo. Quem estava ali era Mase. Ele era bom para mim. Eu o amava.

Então um dedo deslizou para dentro da calcinha do biquíni, e a sensação de desejo desapareceu no momento em que as memórias desabaram sobre mim. Eu ia vomitar.

Não conseguia fazer aquilo. Ah, meu Deus, eu não conseguia.

Empurrei a mão dele, levantei-me de um salto e corri para o banheiro. Eu não podia vomitar.

Abrindo a torneira, joguei água fria no rosto várias vezes e fiquei dizendo a mim mesma repetidamente que estava tudo bem.

Mase

Nunca odiei ninguém tanto quanto a mim mesmo naquele momento. O único homem que eu odiava mais era o maldito padrasto dela. Com medo de tocá-la, fiquei parado atrás dela enquanto ela jogava água fria no rosto e dizia em voz baixa: “Você está bem. Está tudo bem. Você está bem. Está tudo bem.”

A cada “bem”, eu tinha a sensação de que meu peito estava sendo dilacerado.

Minha cabeça me dissera diversas vezes para parar. Eu estava indo longe demais. Mas não conseguia parar de tocá-la. Ela era tão gostosa. Ver o rosto dela enquanto eu lhe dava prazer era como usar uma droga. Eu queria mais e mais.

No fim, porém, eu a assustara. Eu estava pedindo demais.

Mas não estava disposto a perdê-la. Faria qualquer coisa que ela quisesse. Só não podia perdê-la.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela fechou a torneira e pegou uma toalha para secar o rosto. Respirou fundo várias vezes antes de largar a toalha e se virar para mim.

Eu tinha começado a me desculpar quando sua boca formou um biquinho e ela irrompeu em lágrimas. *Merda!*

Sem esperar, puxei-a para os meus braços. Eu não sabia o que dizer. Não sabia se ela estava chorando por minha causa e pelo que eu fiz ou se estava chorando por causa da sua reação.

– Está tudo bem, querida. Estou aqui com você. Está tudo bem – garanti, tentando confortá-la.

Odiava os soluços que faziam seu corpo tremer nos meus braços.

– Me descu-u-u-ulpe. – Ela chorou alto.

Droga. Peguei-a no colo, levei-a até a cama e me sentei com ela ainda nos braços. Recostei-me na cabeceira da cama e a segurei como se fosse um bebê, aninhando-a junto ao peito.

– Eu disse para não pedir desculpa. Nunca. Sou eu quem deve se desculpar,

Reese.

Ela agarrou minha camiseta e chorou ainda mais forte.

– Sou problem-m-má-á-á-á-tica – soluçou. – Você nã-ã-ão te-e-em que fica-a-a-ar com uma garota com proble-e-e-ma. – Ela soltou um uivo, como se estivesse chorando por uma morte.

Por Deus, jurei, se um dia eu encontrasse o homem que fez isso com ela, ele ia pagar.

Aninhei a cabeça dela sob meu queixo e a envolvi em um abraço ainda mais forte.

– Você é perfeita. Tão perfeita que eu chego a ficar sem ar. Estou completamente obcecado por você. Você é tudo que me interessa, Reese. Não há nenhum problema em você. Por favor, nunca mais quero ouvir você dizer uma coisa dessas. Quero que veja a si mesma do mesmo jeito que eu a vejo. Essa beleza deslumbrante que me deixa completamente fascinado. Uma sobrevivente. Forte. Divertida, gentil e honesta. Uma pessoa que não julga os outros. Que aceita as pessoas como elas são. Que nunca espera nada em troca, mas distribui beleza de graça ao mundo à sua volta. É essa pessoa que eu vejo, Reese. Essa é você. Veja-se assim também, querida. Por favor, veja-se assim também.

Seu choro diluiu-se em fungadelas, mas sua mão em minha camiseta apertou ainda mais. Observei-a finalmente reclinar a cabeça para trás para me encarar, com os olhos vermelhos e inchados. Mesmo nesse momento, ela estava maravilhosa.

– Você acha isso... de mim?

Dei um beijo em sua testa.

– Sim, eu acho.

Ela começou a dizer alguma coisa, mas de repente seu corpo se retesou. Só então ela percebera que ainda estava sem sutiã. Com um movimento rápido, tirei a camiseta e a deslizei por sua cabeça. Não queria que ela saísse de onde estava. Ainda não.

Ela me ajudou, passando os braços pelas mangas. A camiseta era grande demais para ela, mas vê-la vestida com minha roupa ativou minha natureza possessiva.

– Obrigada – disse ela, cruzando os braços sobre a barriga, como se estivesse se aninhando na camiseta.

Gostei disso também.

– Pedi demais esta noite. Foi culpa minha. Vou ser mais cuidadoso no futuro. Juro. Por favor, não deixe de confiar em mim – supliquei, precisando que ela acreditasse em mim.

Ela franziu a testa.

– Você me perguntou, pediu permissão a cada gesto. Eu poderia ter dito não. Não foi culpa sua.

Mas foi.

– Da próxima vez que você quiser mais, vai ter que pedir. Não vou forçar outra vez. Eu juro.

Assim nós dois saberíamos que ela queria.

Ela suspirou e cobriu o rosto com as mãos.

– Queria não ser assim.

Eu também. Mas por razões diferentes. Queria que ela não tivesse pesadelos com o passado. Odiava o fato de ela sofrer com algo tão horrível. Caramba, eu odiava o fato de ela sofrer, e ponto.

– Você vai dormir abraçado comigo esta noite, como da outra vez?

– Nem precisa perguntar, Reese. Minha resposta para você será sempre sim.

◆ ◆ ◆

No fim da manhã seguinte, deixei Reese de pé, na porta, vestindo minha camiseta. Foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Não queria deixá-la. Eu a queria comigo.

– Use a minha camiseta à noite. Gosto de saber que você estará com alguma coisa minha quando eu não estiver aqui.

Ela assentira e me deixara beijá-la antes de eu pegar minha bolsa e voltar para o Texas.

Reese

Na manhã de segunda-feira, Jimmy estava na minha porta com dois cappuccinos. Fiquei tão contente de vê-lo que o abracei forte antes de pegar minha deliciosa dose de cafeína.

– Você voltou. Está melhor? Já está conseguindo dormir?

Ele abriu um sorriso para mim. Adorava atenção.

– Sim, estou bem. Tive algumas noites difíceis, mas estou melhor. Vi que tiraram a fita de isolamento.

Confirmei com a cabeça. Tentava não pensar nos tiros. Do pouco que vira no noticiário, soube que Jacob estava detido sem direito a fiança. Seria julgado por homicídio. E os pais de Melanie tinham vindo buscar o corpo para enterrá-la em Iowa.

– Estou feliz que você esteja de volta.

– Sentiu minha falta, é? Ótimo. Soube que você partiu o coração de Thad enquanto eu estava fora. Mas como o motivo foi Mase Manning, devo dizer que foi uma jogada inteligente, gracinha. Thad pode ser bonito e ter a bunda mais dura que eu já vi, mas ele gosta de mergulhar o pinto numa mulher diferente a cada noite. Nada a ver com você.

Franzi a testa, e então ri de como Jimmy descreveu Thad.

– Mais informação do que eu preciso, mas tudo bem.

– Beba esse cappuccino, querida, porque você vai precisar. Soube que a bruxa louca está de volta. Chegou de Paris ontem à noite. Prepare-se. Nannette é uma megera, uma megera diabólica. Ela vai olhar para você e ficar puta. Não reage bem quando há uma mulher mais gostosa do que ela por perto, e, gata, você é imbatível.

Eu estaria mentindo se dissesse que não tinha curiosidade de conhecer Nan. Ela era irmã de Mase. Mas eu também precisava contar a ela sobre o espelho. Mase não havia mais tocado no assunto, mas eu sabia que devia contar a Nan o

que acontecera. Sempre que limpava aquele salão, via o espaço vazio e temia o momento de contar a ela o que tinha feito.

Havia uma boa chance de Nan me demitir. Estava me preparando para isso também. Mas eu ia ligar para Blaire Finlay essa tarde e ver se ficava com a faxina da casa dela. Se eu fosse despedida da casa de Nan, ao menos não sofreria um corte na minha renda.

Peguei minha mochila e segui Jimmy até o carro dele.

– Como é que você ficou sabendo sobre Thad? – perguntei.

Jimmy sorriu, como se soubesse dos segredos mais guardados do mundo.

– Recebi uma ligação de Mase ontem à noite. Ele queria ter certeza de que eu estava em casa e que ia levar você ao trabalho. Ele também me explicou que precisava saber da próxima vez que eu saísse da cidade ou quando não pudesse levar você. Ele não queria que Thad fosse minha primeira opção. Disse que faria os arranjos. – Jimmy ergueu as sobrancelhas. – Claro que, depois desse telefonema bastante intimidador, liguei para Blaire e perguntei a ela o que tinha acontecido. Ela não sabia detalhes, então ligou para Harlow, que obviamente sabia. Então Blaire me ligou de volta e me deu o serviço.

Não pude deixar de rir.

– Não acredito que você ligou para Blaire Finlay e perguntou o que ela sabia.

Jimmy riu e ligou o carro.

– Blaire já era minha garota antes de se tornar uma Finlay. Mesmo casada com o gostoso, supersexy e fodão Rush Finlay, ela ainda é minha garota.

Pela maneira como Rush olhava para a mulher, imagino que ele não gostaria de ouvir ninguém chamá-la de “minha garota” – nem mesmo Jimmy, que aparentemente cobiçava o corpo de Rush, apesar de ele ser marido de sua amiga.

– Agora me conte: tem algum detalhe saboroso sobre Mase que você possa compartilhar?

Pensei na noite passada e no quanto ele me fez sentir prazer. Mesmo depois de eu surtar e estragar o momento, ele fora muito suave e doce.

– Eu o amo.

Pronto, falei. Precisava dizer isso a alguém.

Jimmy meteu o pé no freio e olhou para mim. Ainda bem que ainda não tínhamos saído do estacionamento.

– Você não acabou de dizer isso.

Dei de ombros.

– Não posso evitar. Não vou dizer a ele. Mas ele torna impossível não amá-lo. Ele é exatamente... exatamente o que toda garota sonha. Ele faz com que tudo que parece errado fique perfeito.

Jimmy inclinou a cabeça para trás, apoiando-a no encosto, e gemeu, frustrado.

– Gatinha, o que você está pensando? Você não pode se apaixonar por Mase Manning. Para começar, ele nem sequer mora aqui. Relacionamentos a distância não funcionam. Ele é um homem adulto, muito saudável. Vai precisar se divertir, e certamente terá mulheres se jogando em cima dele no Texas. Você não pode se apaixonar por ele. Ele é daquele tipo para se aproveitar e apreciar. Não para amar.

Meu bom humor evaporou. Senti um nó de náusea se formar em meu estômago.

Jimmy tinha razão? Provavelmente. Ele sabia muito mais sobre relacionamentos do que eu.

Mase precisava de sexo? Eu não dera isso a ele. Ah, Deus.

– Ele provavelmente tem uma mulher no Texas, talvez até duas ou três, de quem ele consegue o que quer. Você precisa saber disso, docinho. E eu aposto que você não transou com ele, não é? Não precisa responder, eu sei que não. Teria visto em seu rosto se tivesse. Isso significa que ele voltou para o Texas com tesão. Ele vai extravasar isso em algum lugar, Reese. Estes são os fatos, e eu não quero que você se machuque.

Machucar? Eu estava arrasada.

– Mas eu o amo. – Foi tudo que consegui dizer.

Jimmy estendeu a mão e apertou minha coxa.

– Eu sinto muito. Não quero que você fique chateada. Mas não precisa se manter cega a respeito disso. Ele disse que ama você?

Balancei a cabeça negativamente.

Jimmy suspirou.

– Garota, o que eu faço com você? O amor é uma das coisas com as quais é preciso ter cuidado. Proteja-se. Ainda tenho aquele amigo com quem podemos marcar o encontro.

Mase tinha dito que eu era dele. Não queria que ninguém mais me visse de

biquíni. Não sabia se aquilo significava que nós éramos exclusivamente um do outro; afinal, eu não sabia de muita coisa. Mas eu não queria sair com outro cara. E achava que Mase não quisesse que eu saísse.

Se eu era dele, ele não dormiria com outra pessoa... Dormiria?

O Mase que eu conhecia não faria isso. Não acredito que ele transaria com outra pessoa. Ele não dissera que me amava, mas dissera coisas que me fizeram sentir que eu pertencia a ele... e ele pertencia a mim. Que ele queria ser meu.

– Ele disse que eu era dele – contei a Jimmy.

As sobrancelhas de Jimmy se levantaram.

– Sério? Ele disse isso? Como foi exatamente? Me diga palavra por palavra. Quer dizer, já sei que ele não queria que Thad levasse você por aí, mas imaginei que ele quisesse proteger você daquele galinha, não que estivesse reivindicando sua posse.

Não queria compartilhar com ninguém meus momentos privados com Mase. Mas também não queria cometer um erro e terminar tão completamente destroçada que não fosse capaz de me recuperar.

– Ele disse que estava feliz por eu não ter usado meu biquíni na frente de todo mundo na festa, porque ele não queria outro homem olhando para o que era dele.

Jimmy soltou um assovio baixinho.

– Talvez seja melhor você não sair com outros caras no momento. Pode ser que eu esteja equivocado. Enfim, não quero um caubói furioso vindo para Rosemary Beach pronto para matar alguém. Vamos apenas ser cautelosos, ok? Tente não se apaixonar demais. Proteja o seu coração, se puder.

Já tinha dado meu coração a Mase Manning. Não me restava nada para guardar. Mas não disse isso a Jimmy.

Mase

Quando voltei do almoço com meus pais, a caminhonete de Cordelia estava na entrada de carros da minha casa. Não era algo com que eu quisesse lidar naquele momento, nem depois. Precisava pegar minha carteira e ir para os estábulos. Já estava atrasado.

Abri a porta da casa e me xinguei por não tê-la trancado. Aparentemente, eu teria que começar a fazer isso, porque minha vizinha estava se recusando a me escutar e ficar longe.

– Cord, onde você está? – chamei ao entrar na sala e encontrá-la vazia.

– Me procure – disse ela, provocando.

Merda. Mau sinal.

Joguei minhas luvas de trabalho de lado e tirei as botas para evitar sujar a cama de lama. Então segui para o quarto, a fim de expulsar minha visitante.

De fato, lá estava ela, nua, na minha cama. Ia ter que lavar os lençóis para livrá-los do cheiro dela. Eu estava cansado dessa merda. Dessa vez Cordelia tinha ido longe demais.

– Vista suas roupas e saia.

– Não, Mase. Olhe para mim. Você já quis isso. A gente combinava tão bem. Eu quero você. Muito – disse ela, abrindo as pernas, deslizando a mão entre elas e se tocando.

– Você foi longe demais. Quero que saia da minha casa. Se eu precisar chamar minha mãe para vir tirar você, vou fazer isso – ameacei.

Imaginei que a ideia de minha mãe encontrá-la nua em minha cama seria suficiente para fazer qualquer mulher levantar e ir embora.

– Mase, não faça isso. Por favor. Estou com saudade. Preciso tanto de você. Quero que me foda, do jeito que quiser. Eu faço o que você quiser. Venha aqui, vou chupar seu pau. Você pode me sufocar com ele. Eu sei que você gosta.

– Pare com isso! – Meu grito furioso finalmente a fez calar a boca. – Estou

apaixonado por outra pessoa. Ela é tudo o que eu quero. Tudo o que sempre vou querer. Então preciso que você vista suas roupas e saia da minha casa, Cord. Agora.

Eu me virei e a deixei ali, incomodado com a visão dela em minha cama. Era Reese quem devia estar ali. A doce e sexy Reese.

Eu precisaria de novos lençóis e um novo colchão antes de trazer Reese aqui. Tinha que me livrar daquelas coisas onde transei com Cordelia e com algumas outras. Reese era boa demais para estar onde elas tinham estado. Ela era especial.

Os passos de Cordelia finalmente me informaram que ela havia desistido. Quando ergui os olhos, ela estava carregando as roupas e desfilando nua pela minha casa. Caramba, será que ela não tinha nem um pouquinho de vergonha? Virei-me de costas, para que ela não pensasse que de alguma maneira eu estava olhando para ela e curtindo aquela besteira.

Quando ela bateu a porta ao sair e escutei o motor da caminhonete, finalmente deixei escapar um suspiro de alívio e fui para o quarto tirar os malditos lençóis. Por sorte, minha mãe cuidava para que eu sempre tivesse dois jogos de lençóis. Ela dizia que é bom ter um de reserva. Como sempre, minha mãe tinha razão.

Quando terminei, sabia que tinha perdido muito tempo. Teria que ir aos estábulos na primeira hora do dia seguinte. Um sujeito viria às quatro olhar um cavalo que eu estava vendendo. Precisava limpar tudo antes de ele chegar.

Major chegou da casa dos meus pais quando tornei a sair.

– Você não vai aos estábulos? – ele gritou do pé da colina.

– Não, vou esperar até amanhã de manhã. Tenho que limpar aquele quarto de milha que estou vendendo. Não fiz isso depois da corrida matinal.

Major assentiu.

– Vou indo então. Tenho que estar em San Antonio amanhã. Meu pai quer me encontrar.

Eu não o invejava. Seu relacionamento com o pai estava uma merda desde que ele dormira com a madrasta no ano passado.

– Boa sorte. – Foi minha única resposta.

Ele me mostrou o dedo do meio e seguiu para a casa dos meus pais.

Rindo, entrei na minha caminhonete.

Ainda não conseguia acreditar que o imbecil tinha transado com a madrasta. Mesmo que ela fosse só três anos mais velha que ele. Segundo as últimas notícias que tive, ela não era mais sua madrasta. E o contrato pré-nupcial que havia assinado a deixara sem nada.

Reese

Eu havia tomado o cuidado de ficar no primeiro andar e me manter em silêncio enquanto limpava. Não queria acordar a mulher que toda a Rosemary Beach me ensinara a temer. Por outro lado, hoje eu realmente tinha algo para limpar. Ela era bem bagunceira.

Passei mais de uma hora limpando o que parecia ser uma garrafa de vinho que explodira sobre o piso da cozinha. Estilhaços de vidro se espalharam pelo chão e havia bebida seca e grudada por todo lado. Armários, piso, bancadas – tudo. Quando consegui limpar aquela bagunça, pude lavar os pratos e os copos que encontrei espalhados pelo andar.

Então encontrei pilhas de roupas no chão da lavanderia. A maioria delas parecia limpa e eu tinha certeza de que quase todas as sujas precisava ser lavada a seco. Pelo visto ela tinha simplesmente despejado o conteúdo das malas no chão. Precisei de outra hora para separar as de lavagem a seco das outras e então coloquei as brancas na máquina.

Quando o primeiro andar estava brilhando e eu conseguira organizar a lavanderia, já passava do meio-dia. Decidi que podia continuar sem fazer barulho e trabalhar nos quartos mais distantes do dela no segundo andar. Ela estaria dormindo no terceiro piso. Eu sabia qual era o quarto dela.

Os quartos intocados foram fáceis. Só tive que aspirar, varrer e esfregar. A rotina de sempre. Quando cheguei ao salão de jogos, tremi, pensando no espelho que eu teria que contar que quebrara. Havia copos vazios por lá também. Aparentemente ela já sabia que o espelho desaparecera. Ela devia ter recebido convidados. Sobras de comida estavam espalhadas pelos pratos e ainda havia restos de diferentes bebidas nos copos. O chão estava cheio de lixo.

A pior parte foi a camisinha usada num canto ao lado do sofá de couro. *Nojento.* Coloquei as luvas que comprara quando estava com a mão machucada e fiz um chumaço com uma grande quantidade de papel higiênico antes de pegar

a camisinha e colocá-la no lixo. Pelo menos quem a usara dera um nó antes de descartá-la.

Quando terminei o salão de jogos, já eram quase três horas. Normalmente essa era a hora em que eu ia embora, mas ainda tinha o terceiro andar para limpar. E ela continuava dormindo.

Voltei ao térreo, levei o lixo para fora e separei o lixo reciclável nos coletores corretos. Então tornei a entrar e pensei em reorganizar a despensa quando ouvi passos na escada. Finalmente.

Ajeitei minha roupa e prendi o cabelo solto atrás das orelhas. Quando Nannette entrou na cozinha, ela me viu e fez cara feia, então jogou o cabelo por cima do ombro. Como previra, ela era deslumbrante. Longos cabelos louro-avermelhados desciam até as costas. Ela mal estava vestida, com uma camisola preta curta e sedosa que expunha a pele clara perfeita.

– Você é a faxineira? – perguntou ela, parecendo irritada.

– Sim, senhora – respondi.

– Por que ainda está aqui? Já passa das três. Você sempre demora assim?

– Já terminei tudo, exceto o último andar. Estava esperando a senhora acordar.

Ela torceu o nariz para mim.

– Bem, então vá limpar. Estou acordada. Não fique aí parada, me olhando de boca aberta.

Eu precisava contar sobre o espelho, mas ela não parecia nem um pouco a fim de conversa. Então subi a escada rapidamente e me concentrei em limpar tudo o que podia. Não queria que ela tivesse uma única queixa. Além do espelho.

Levei mais duas horas no último andar. Ela havia deixado o quarto em uma situação calamitosa. O resto da casa parecia decididamente imaculado.

Quando fiquei satisfeita, desci e a encontrei enroscada no sofá com o controle remoto na mão e uma xícara de café na mesa ao lado dela. Parecia mais acordada agora.

– Você demorou muito. É lenta. É bom ser mais rápida, ou não continua – disparou.

– Eu sinto muito. Farei isso – repliquei, pensando que era injusto ela supor que eu pudesse fazer mais rápido.

Ela revirou os olhos e me dispensou com um gesto da mão. No entanto, eu precisava contar a ela sobre o espelho. Aquilo me manteria acordada por várias noites até eu falar.

– Durante a sua ausência, houve um acidente quando eu limpava as janelas no salão de jogos. Eu caí e o espelho ao lado da janela que dá para o golfo caiu comigo. Ele se estilhaçou e a moldura quebrou. Eu pago por ele com o que receberia pelo trabalho. Eu sinto muito...

– Uma ova. Você vai me pagar agora mesmo. Aquele espelho custou mais de 5 mil dólares. Ele veio de Paris, como a maior parte da mobília desta casa.

Eu não tinha 5 mil dólares. Tinha economizado 2 mil, mas só. Como um espelho podia custar tanto? Eu não esperava por isso.

– Eu sinto muito. Não tenho isso tudo. Posso lhe dar 2 mil agora e trabalhar até que tudo esteja pago. É o melhor que posso oferecer – expliquei, esperando que a mulher possuísse algum tipo de empatia.

Ela me fuzilou com o olhar; aqueles olhos verdes eram implacáveis. Eu estava encrencada. Muito encrencada.

– Não, não. Vou contatar a agência e eles vão me ressarcir. Eles me mandaram uma idiota, então têm que pagar por isso.

Eu assinara um termo ao começar a trabalhar para eles de que qualquer dano ocorrido seria minha responsabilidade. Mas nunca imaginara que quebraria um espelho de 5 mil dólares.

– Eles não vão pagar. Vão me fazer pagar. É minha responsabilidade. Tudo o que tenho é...

– Nem mesmo a metade. Já ouvi isso. Vá se lamuriar com outra pessoa. Quero meu dinheiro, então se vire ou eu chamo a polícia e deixo que eles resolvam esse roubo.

A polícia. Ah, meu Deus, eu iria para a cadeia por isso.

– Eu não o roubei. Ele quebrou – comecei a explicar.

– Cale a boca! Saia da minha casa. Não há nenhuma prova de que ele tenha quebrado. Ele não está aqui. Eu quero meus 5 mil dólares por ele ou você pode explicar aos policiais que não o roubou. Agora saia da minha casa.

Eu não disse mais nada. Ela parecia pronta para explodir se eu lhe dirigisse a palavra outra vez. Não fora assim que eu imaginara essa conversa. De jeito

nenhum. Já imaginava que ela fosse louca, mas pensei que ela fosse ao menos me deixar pagar o espelho.

Fui rapidamente até a porta e peguei minha mochila antes de correr para a rua principal. Para fora da propriedade dela. Eu tinha aula com o Dr. Munroe essa noite, mas não poderia ir. Precisava ir para casa e pensar no que fazer. Liguei para o professor e disse que não estava me sentindo bem, então fui andando para casa devagar.

Mase

Deu dez e meia e Reese ainda não tinha ligado, então resolvi ligar. Alguma coisa estava errada. Ela teria me ligado se estivesse tudo bem. O telefone tocou até entrar a mensagem de voz. Desliguei e tentei de novo. A mesma coisa.

Tentei dizer a mim mesmo para não entrar em pânico e liguei para Jimmy.

Ele atendeu ao terceiro toque.

– Alô...

– Você viu Reese? – perguntei, sem deixá-lo terminar.

– Sim, ela estava indo para casa a pé mais tarde do que de costume e eu dei carona para ela. Ela disse que estava com dor de cabeça e que ia tomar um banho e dormir.

Dor de cabeça era normal. Eu não precisava entrar em pânico, mas, caramba, eu queria saber se ela estava bem. Não ouvir a voz dela não era aceitável para mim.

– Vá ver como ela está. Ela não está atendendo o telefone e eu preciso saber se ela está bem. Ela pode estar doente.

Jimmy suspirou.

– Suponho que esta ordem também me obrigue a continuar ao telefone enquanto cumpro a missão.

Não me importei que ele estivesse bancando o espertinho. Eu só queria saber se ela estava bem.

– Sim, exatamente isso.

– Maravilha. Mas, se ela estiver dormindo, isso vai acordá-la.

Eu havia pensado nisso, mas não podia ficar sem saber. Fiquei imaginando ela doente no banheiro, fraca demais para chamar alguém ou desmaiada no chão. Meus medos iam ficando mais exagerados a cada segundo.

– Você é mesmo bastante protetor com ela. Daria para imaginar que os dois estão numa relação séria – provocou.

– Estamos numa relação séria e muito exclusiva. Ela não contou para você?

Jimmy pigarreou.

– Ela não estava segura sobre o que você pretendia, mas disse que não poderia me acompanhar num encontro a quatro porque achava que você não gostaria disso.

É claro que eu não gostaria. O que Reese achava que tinha sido tudo aquilo no fim de semana? Fui até lá apenas para impedi-la de sair com outra pessoa. Deixei meu interesse muito claro, repetidas vezes.

– Ela achou certo. – Foi minha única resposta.

Essa não era uma conversa que eu precisasse ter com Jimmy.

– Acho que se você não está com nenhuma outra por aí, então...

– Jimmy, você está tentando descobrir se eu estou trepando com outras mulheres aqui no Texas? Porque, se for isso e você estiver tentando proteger Reese, então saiba do seguinte: não quero ninguém mais, apenas Reese. Jamais. Então pare de me perturbar e vá checar se a minha garota está bem. Agora.

Jimmy deu uma risadinha.

– Bem, então está certo. Posso fazer isso.

Soltei um suspiro de alívio. Ela não estava pensando em encontrar outras pessoas. Jimmy só queria ver se eu estava. Eu ficaria furioso com ele, não fosse o fato de ele se importar com ela. Jimmy só estava tentando cuidar de Reese. Gostei disso.

Esperei enquanto Jimmy caminhava até o apartamento de Reese e batia na porta.

– Reese, querida. Se estiver acordada, pode abrir a porta? Estou com um caubói furioso no telefone, me impedindo de ver novela.

Esperei enquanto ouvia Jimmy bater outra vez.

– Estou ouvindo a tranca – disse Jimmy, e o pânico lentamente começou a se dissipar.

– Oi – disse a voz baixinha dela dentro do apartamento.

– Quer falar com ele? – perguntou Jimmy.

Escutei o som abafado deles sussurrando com uma mão tapando o microfone do celular. Detestei isso. Alguma coisa estava mesmo errada. Eu ia ter que largar tudo outra vez e voltar para Rosemary Beach.

– Oi, desculpe. Eu estava dormindo. Foi um longo dia. – Era a voz de Reese

ao telefone, pesada de sono.

Ela não estava mentindo. Estava na cama. E ela estava bem.

– Você está se sentindo mal? Peça ao Jimmy para medir sua temperatura – sugeri, ansioso.

– Eu estou bem. Sem febre, juro. Ligo para você amanhã. Só preciso dormir esta noite. Mas não estou doente. Não me sinto doente.

Tinha alguma coisa errada. Eu podia sentir.

– Está bem. Durma então, gata. Mas vou querer ouvir sua voz pela manhã. Não vou conseguir me concentrar até saber que você está melhor.

– Eu vou ligar – garantiu.

– Boa noite. Bons sonhos – sussurrei antes de desligar.

Merda, eu não ia conseguir dormir agora. Alguma coisa estava errada e ela não ia me dizer o que era. Tinha vendido o cavalo, mas precisaria estar aqui quando o comprador viesse buscá-lo, amanhã. Ele também ia trazer o cheque para que pudéssemos terminar os trâmites burocráticos. Depois eu precisava ir aos estábulos e pegar algumas reses. Devia ter ido ontem. Agora eu estava atrasado.

Mas Reese precisava de mim, e eu não podia estar lá. Outra razão para eu querê-la aqui. Caramba, eu não podia dizer isso para ela ainda. Ela não estava pronta nem sequer para me deixar tocá-la.

Larguei o telefone e fui ao refrigerador pegar uma cerveja. Tinha uma longa noite pela frente e, se começasse a pensar em Reese daquele jeito, só ia ficar ainda mais longa.

Reese

Eu não tinha dormido um só segundo depois de Jimmy bater na minha porta. Escutar a voz de Mase e sua preocupação me provocou uma crise de choro. Então me sentei e pensei em todas as possibilidades de ganhar dinheiro, e rápido. Quando recebesse meu pagamento esta semana, teria 2.800 dólares líquidos. Ainda precisaria de mais 2.200 dólares.

Tinha medo de tentar um trabalho noturno como garçonete. Quando me estressava, ou ficava em pânico, eu ainda tinha dificuldade em decifrar as palavras. E minha escrita não era tão boa ainda. Tinha dúvidas se eu sequer conseguiria preencher o formulário. Assisti ao nascer do sol sabendo que inevitavelmente teria que esperar para ver como tudo isso se desdobraria. Se ela dissesse que o espelho havia sido roubado, eles não poderiam me prender sem prova. E eu tinha a mão cortada para confirmar minha versão da história.

O máximo que um juiz faria seria me obrigar a pagá-la pelo prejuízo, o que eu já dissera a ela que faria. Eu sabia que teria que ligar para Mase naquela manhã. Ele estava preocupado na noite passada, mas eu simplesmente não conseguia falar com ele ainda.

Essa confusão toda era muito perturbadora. Se eu dissesse a ele o que a irmã estava ameaçando fazer, ele pensaria que eu queria que ele pagasse o espelho por mim, e eu temia isso. Não poderia deixá-lo fazer isso nem pensar que eu quisesse. Esse era um problema meu, não dele.

Digitei o número dele e mal tocou uma vez antes que ele atendesse.

– Bom dia. Você está melhor? – A voz dele fez toda aquela situação que me afligia desaparecer.

Eu sentia falta dele. Adorava nossas conversas noturnas. Na noite anterior, eu queria falar com ele, mas sabia que não podia. Ele sabia quando eu estava preocupada; eu não conseguiria esconder dele.

– Sim. Muito melhor. Obrigada. Desculpe por ontem.

– Você estar bem é tudo que me interessa. Mas não vou mentir: senti falta de escutar sua voz lendo para mim. Foi difícil dormir sem isso.

Sorri pela primeira vez desde aquele encontro horroroso com Nan. Ele me fazia feliz, mesmo quando as coisas estavam ruins.

– Isso não costuma acontecer comigo. Mas, se acontecer de novo, prometo que ligo antes de dormir. Devia ter pensado em ligar para você mais cedo e contar. Tentar parecer normal não estava sendo fácil. Mas eu estava fazendo o melhor possível.

– Vou deixar você trabalhar. Tenha um bom dia, gata.

Eu me despedi e desliguei, mantendo em mim por quase a manhã toda aquela sensação gostosa que me envolvia quando ele me chamava de “gata”.

◆ ◆ ◆

Já era quase meio-dia quando recebi um telefonema da agência de limpeza. Eu havia sido despedida. Nan ligara para eles, e eles não queriam ter mais nenhuma ligação comigo. Eu devia passar lá para pegar meu cheque e não comparecer nas outras duas casas para as quais estava agendada naquela semana. Consegui terminar a limpeza no resto da casa dos Carters naquela manhã sem desabar.

Eu ia ficar bem. Ligaria para Blaire Finlay. Duas casas pagariam minhas contas. Como não sobraria nada para poupar, pagar Nan seria difícil. Precisava encontrar mais uma casa, pelo menos, ou então outro trabalho.

Antes de voltar para casa hoje, eu ia entregar a Nan um cheque de 2.400 dólares. Era tudo o que eu tinha no momento. Não pensaria no aluguel agora, ia me preocupar com isso na próxima semana. Naquele momento, eu precisava mostrar que estava tentando pagar o espelho. Não queria a polícia atrás de mim.

A ideia de encarar Nan outra vez era apavorante. Quando, porém, cheguei à casa dela, havia dois carros estacionados do lado de fora: o pequeno e caro carro esportivo de Nan e um utilitário preto. Ela estar acompanhada podia ser melhor para mim. Ela certamente não seria desagradável na frente de visitas.

Depois de tomar coragem, subi os degraus da frente e toquei a campainha. Entregaria o cheque, me desculparia outra vez e prometeria mais dinheiro assim que possível. Então iria embora. Eu conseguiria fazer isso.

A porta se abriu mais cedo do que eu esperava e a expressão de Nan imediatamente se transformou em uma careta desdenhosa.

– O que está fazendo aqui? Liguei para a agência e exigi que a demitissem. Preciso chamar a polícia também?

Segui o que tinha planejado mentalmente.

– Aqui está um cheque com tudo o que tenho no momento. A senhora receberá mais assim que eu puder. Lamento sinceramente pelo espelho – falei, minha voz falhando uma única vez por causa do nervosismo.

Rush Finlay surgiu por trás de Nan. Ele não sorria. O que estava fazendo ali?

– Nan? O que está acontecendo? Você disse que acabou de... – Ele parou e olhou para mim. – É Reese, certo?

Assenti com a cabeça.

– Você fez Reese ser demitida?

– Ela roubou um espelho de 5 mil dólares da minha casa! Sim, eu exigi que a demitissem. Esse cheque não cobre sequer metade do espelho, e ela acha que isso resolve – disparou Nan.

Rush não parecia acreditar nela. Ele se virou para mim.

– Reese, você roubou um espelho?

Neguei com a cabeça.

– Não. Mas eu o quebrei. Eu caí. Foi um acidente. Já expliquei, mas...

– Ela está mentindo! Ela é a faxineira, Rush, pelo amor de Deus! Você sempre tem que tomar o partido dos outros contra mim? Estive fora por meses, e essas são as boas-vindas que recebo? Uma faxineira ladra e meu irmão mais uma vez tomando o partido de terceiros contra mim?

Agora ela estava gritando. Mas o fato de ela se referir a Rush como irmão me confundiu. Como Rush seria irmão dela? Mase era irmão dela, mas Rush e Mase não eram irmãos.

– Ela trouxe um cheque e prometeu trazer mais quando puder. Isso parece a atitude de alguém que roubou seu espelho? Não parece. Acalme-se e pense um pouco. Você não tem mais 10 anos, Nan. Cresça.

Rush estava claramente aborrecido.

– Eu vou indo. Volto com o restante do dinheiro assim que puder – garanti outra vez e desci os degraus da entrada correndo.

Eu provavelmente deveria ter ficado um pouco mais e continuado a me

defender. Havia uma boa chance de Rush começar a acreditar nela, e então eu não conseguiria a faxina na casa dele. Teria que esperar para ligar para Blaire e falar sobre a faxina. Pelo menos havia uma testemunha que me vira pagar parte do valor do espelho e prometer pagar mais em breve.

A caminhada dali até em casa era de mais de dez quilômetros. Eu teria tempo suficiente para pensar no que fazer com o restante da semana, já que não tinha mais casas para limpar.

Mase

O telefone tocou quando eu estava chegando em casa, depois de um longo dia nos estábulos.

Era Rush.

– Olá – atendi, curioso, pois não recebia muitas ligações dele.

– Nan voltou – disse ele, não parecendo contente com isso.

Não podia culpá-lo, mas pensei que ele gostasse da irmã.

– Sim – falei, imaginando o que isso teria a ver comigo.

– Você sabe alguma coisa sobre um espelho na casa de Nan?

Merda! Eu havia me esquecido do espelho. E de que Nan poderia voltar para casa. *Puta que pariu*. Ontem fora dia de Reese fazer faxina lá. De repente sua dor de cabeça fazia muito mais sentido.

– No dia em que conheci Reese, ela caiu limpando a janela e o maldito espelho caiu com ela. Fez um corte feio na mão dela. Tive que acompanhá-la até o hospital para tomar uns pontos.

Tinha me esquecido dessa porcaria. Achei que Nan nem fosse notar. Mas agora sabia que notara. Porque Rush estava ligando para mim. Se ela tivesse sido cruel com Reese, eu iria visitá-la, e não ia ser uma visita de que ela gostaria.

– Provavelmente não teria notado. Só que Reese contou e prometeu pagar pelo espelho – disse Rush, ainda parecendo aborrecido com alguma coisa.

– Merda! Eu devia ter comprado outra porcaria daquelas. É que eu fiquei... ocupado e esqueci.

– É, você deveria ter feito isso. Reese levou para Nan um cheque de 2.400 dólares hoje, depois que ela exigiu que a agência a demitisse. Meu palpite é de que Reese perdeu todos os empregos. E está dura. Eu ia tomar o cheque de Nan, mas tive medo de que ela denunciasse Reese para a polícia ou fizesse alguma outra estupidez. Acho que Reese está precisando de ajuda neste momento.

– Dois mil? Mas que merda! Quanto Nan quer pelo maldito espelho?

Ela era a mulher mais mesquinha e vingativa que eu já tinha visto em toda a minha vida. Quando se ofereceu para doar sangue para a transfusão de Harlow, depois do nascimento de Lila Kate, pensei por um instante que ela possuía um coração. Mas parece que não.

– Ela alega que o espelho custou 5 mil dólares e que veio de Paris. Não acredito nisso, mas ela está determinada a receber a grana. Pensei em pagar e acabar com essa merda, caso você não faça isso. Só que, se fosse Blaire nessa situação, eu ia querer ser o cara a resolver o problema. E não outra pessoa.

– Estarei aí pela manhã. Não deixe Nan chegar perto de Reese outra vez. Vou resolver essa história e trazer Reese comigo para o Texas. Não consigo fazer nada direito, porque minha cabeça está sempre nela. Eu a quero aqui.

– Nan vai deixá-la em paz por ora. Eu não fiquei feliz, e ela sabe disso. Também avisei que a garota era sua namorada. Ela não recebeu bem essa informação. Quando saí, acho que ela estava resmungando algo como “Isso não pode ser verdade”.

Rush deu uma risadinha. Mas minha cabeça já estava em outro lugar. Eu tinha planos para fazer e uma garota para convencer a vir morar comigo no Texas.

Depois de desligar, comecei a fazer as malas e liguei para meu padrasto e para Major. Disse que tinha uns negócios para resolver fora da cidade e passei a eles a lista de coisas que precisariam fazer por mim enquanto eu estivesse fora.

Então fui para o aeroporto e peguei o primeiro voo.

◆ ◆ ◆

Não ir direto ver Reese foi difícil. Mas eu precisava lidar com minha “querida irmã” primeiro. O avião aterrissou perto da meia-noite. Rush ficaria de enviar para o aeroporto a caminhonete que eu normalmente pegava emprestada quando estava na cidade.

Passava um pouco das duas da manhã quando estacionei no portão de Nan, depois de digitar o código na portaria. As luzes estavam acesas na casa. Ela ainda estava de pé. Ótimo. Não precisaria acordá-la.

Não me dei o trabalho de bater na porta, usei o código e entrei. Pude ouvir a televisão e risadas na sala de TV. Cruzei o hall e fui direto naquela direção.

Nan estava no sofá com uma taça de vinho na mão, contando a uma garota sentada na frente dela algo que aparentemente era hilário. Eu não via Nan como uma pessoa divertida. Nem uma boa contadora de histórias.

Os olhos dela encontraram os meus, e ela deu um pulo antes que a raiva surgisse em seu olhar.

– Você não pode invadir a minha casa assim, Mase. Vou chamar a polícia – disparou.

– Por favor, faça isso. Eu vou só ligar para o nosso pai e deixar que ele resolva com os policiais, já que a casa é dele. E ele me disse mais de uma vez que posso usá-la sempre que quiser.

Como eu sabia que aconteceria, minhas palavras a detiveram. Ela detestava qualquer envolvimento de Kiro em sua vida. E ela também sabia que eu tinha razão. Aquela casa não era dela. Ela não comprara nada que havia ali dentro. Descobri essa última parte quando liguei para Kiro enquanto esperava meu voo. Ele comprara a casa já mobiliada. Aquele espelho não era algo por que ela tivesse pagado. *Vaca.*

Vaca mesquinha.

– Não acredito que você esteja aqui por causa dela. Ela é faxineira, Mase. Você certamente pode conseguir algo melhor. Parece meio inferior para o filho de Kiro. Será que o papaizinho querido sabe que você andou comendo as empregadas enquanto estava aqui?

Havia uma amargura em Nan que eu jamais vira em alguém da idade dela. Aquilo a corroía. Tornava-a cruel e desalmada. E muito superficial.

– Este será seu único aviso, irmãzinha. Fale mais uma palavra negativa sobre Reese, e vou garantir que você se arrependa dela por muitos anos. Está me entendendo? Porque, juro por Deus, eu estou falando muito sério.

Seu lábio se retorceu num rosnado, e ela se virou para a amiga.

– Desculpe por isso, Laney. Tenho certeza de que ele vai embora assim que terminar o sermão.

Mal olhei para a ruiva, mas vi o suficiente para saber que estava mais interessada na minha presença ali do que Nan.

– Liguei para Kiro. Esta casa foi comprada mobiliada. Aquele maldito espelho não custou 5 mil dólares. Além disso, soube de outras coisas. Reese caiu e cortou a mão na sua casa, trabalhando para você. Então foi demitida por isso.

Sou testemunha dela, porque estava aqui e fui eu quem correu com ela para o hospital para tratar o ferimento. Há um registro médico do atendimento. Na minha opinião, Reese precisa de um advogado, porque ela tem uma ótima causa. Ela sofreu um acidente de trabalho e então foi demitida. Ela pode processar a agência e você. Não seria uma ótima manchete?

Os olhos de Nan se arregalaram e eu saboreei cada segundo enquanto minhas palavras eram digeridas.

– Eu até vou sugerir que ela processe você pelo dinheiro que ela já lhe pagou, mais 1 milhão de dólares por danos morais e físicos. Afinal, você é filha de Kiro Manning. Ela pode pedir uma boa grana. Você pode pagar.

Nan soltou uma risada claramente forçada.

– Ela não pode pagar um advogado. Isso não vai acontecer.

– Ela não precisará pagar. Já chamei o meu.

Nan pousou a taça de vinho com violência numa mesinha e então se levantou.

– É mesmo, Mase? Você também? Toda essa maldita família me odeia. Agora você vai tomar o partido de uma garota qualquer com quem está trepando?

Dei um passo na direção dela, me lembrando de que eu não batia em mulheres. Mas, maldição, foi difícil. Eu queria torcer o pescoço dela.

– Nunca. Jamais. Refira-se. A Reese. Assim. Ela é mais do que você jamais conseguirá imaginar. Ela nem sequer sabe que estou aqui, porque ela não me contou nada disso. Foi Rush.

Esperei que ela assimilasse mais essa informação. Então acrescentei outra coisa:

– Você atrai ódio para si mesma, Nan. Deixe de ser filha da puta.

Eu já tinha dito o que viera dizer. Dei as costas e segui em direção à porta.

– Rush ligou para você? – A voz dela soou mais aguda.

Até o irmão que ela adorava, que gostava dela quando ninguém mais a suportava, estava farto das suas besteiras. Ela estava percebendo isso, finalmente.

– Sim. Ele ligou. Ele também detestou ver Reese sofrer nas suas mãos doentias – garanti, olhando para ela.

Ela já não parecia tão furiosa. Abatida era uma descrição mais exata. Pena

que não houvesse uma única partezinha de mim que se importasse. Nós tínhamos o mesmo pai, mas eu odiava aquela mulher. Não só pelo que ela havia feito com Reese, mas também pelo modo como tratara Harlow, então recém-chegada a Rosemary Beach. Eu não odiava facilmente as pessoas, mas Nan fazia questão de despertar esse sentimento nos outros.

– Espere. Pegue, leve esse maldito cheque. Não quero mais dinheiro nenhum. Mas também não quero vê-la nunca mais. Ela não vai voltar a trabalhar aqui.

Virei e peguei o cheque de sua mão. Ela deixara tudo o que Reese tinha economizado na vida na mesinha de centro, embaixo de um vaso de frutas, como se fosse um guardanapo.

Colocando o cheque no bolso, lancei a Nan um último olhar de pena.

– Espero que você se dê conta um dia de que essa maldade só a atrapalha. Depois de um tempo, vai acabar afastando todo mundo para sempre. Livre-se dessa coisa que controla a sua cabeça e mude. Porque você já perdeu todo mundo. Não perca Rush também.

A dor que atravessou a expressão dela era suficiente. Fui embora.

Estava pronto para cuidar da minha garota.

Reese

Uma campainha longínqua interrompeu meus sonhos, e eu me virei para descobrir de onde ela vinha. Tudo o que eu via ao meu redor eram nuvens. A campainha parou, mas logo recomeçou. Frustrada, bati o pé no chão, mas então me dei conta. Eu estava sonhando.

Abri os olhos, e a campainha era o meu celular. Esfregando o rosto, sentei-me e olhei o aparelho desorientada. O sol não havia nascido e ainda estava muito escuro lá fora. Eu havia levado uma eternidade para cair no sono.

Meu celular continuou tocando até que finalmente vi a tela brilhando no escuro. Saí da cama e o apanhei no chão, onde tinha caído. Botas de caubói. Mase.

– Alô – respondi num sussurro rouco.

– Tem alguém na sua porta. Pode abrir para que vocês dois possam cair na cama e dormir? – disse ele, naquele seu tom profundo e sexy, do outro lado da linha.

Franzi o cenho e então ouvi a batida. Levei alguns segundos para perceber que Mase estava na minha porta. Larguei o telefone na cama e fui correndo abrir. Por que ele estava aqui? Sua ligação no início da noite tinha sido tão curta que eu havia ficado preocupada. Ele nem sequer me pediu que lesse para ele.

Era por isso. Ele estava vindo me ver.

Abri a porta, e ele entrou lindo como sempre no apartamento. Nesse momento percebi que meu cabelo provavelmente estava todo desgrenhado. Eu nem sequer havia me olhado no espelho.

Mas ele estava aqui. Nada mais importava.

– Desculpe acordar você, mas eu não iria querer dormir na caminhonete a noite inteira se podia ficar na sua cama e dormir com você nos meus braços.

Era de desmaiar. Esse homem e suas palavras.

Sorri. Estava tão feliz de vê-lo que não conseguia esconder. Sabia que estava

com um sorriso bobo no rosto. Eu sempre ficava assim quando estava eufórica. Ter Mase aqui me deixava eufórica. Não esperava vê-lo de novo tão rápido e, depois da semana que eu tinha tido, eu precisava disso.

O simples fato de estar com ele já resolvia tudo.

Ele cobriu a distância entre a gente e sua mão correu pelo meu cabelo, com um sorriso divertido nos lábios.

– Gosto disso. De ver você assim.

Eu queria me fundir a ele.

– Você está aqui. – Foi tudo o que consegui dizer.

Ele assentiu com a cabeça.

– Estou. Podemos falar disso amanhã. Deixe-me levá-la de volta para a cama.

Ele ia se deitar comigo. Isso era... Ah, droga. Eu estava sonhando. Teria apostado que era um sonho. Era a única explicação que fazia sentido. Eu não queria que fosse um sonho. Eu queria que ele estivesse aqui, caramba.

– Me belisque – pedi a ele, enquanto a mão dele deslizava até quase a minha cintura.

Ele franziu a testa.

– Por que eu faria isso?

– Para provar que não estou sonhando – expliquei.

Sua risada grave fez meu corpo todo formigar.

– Que tal se eu fizer isso, então? – disse ele antes de cobrir minha boca com a dele.

Comecei a abrir minha boca para ele quando ele mordeu levemente meu lábio inferior, o que me fez pular.

– Viu só, gata? Você está acordada – brincou, deslizando a mão até meu traseiro e apertando uma vez antes de retornar a mão para a base das minhas costas.

Queria mais, mas ele estava me conduzindo de volta ao quarto.

– Por que você está aqui? – perguntei, depois que ele arrumou a bagunça das cobertas e as puxou de volta para mim.

Aninhei-me ali, obediente.

– Porque eu precisava ver você.

Fiquei observando-o tirar as botas e desabotoar a camisa de flanela e jogar

tudo na cadeira. A camiseta que ele vestia por baixo era tão justa que se via a beleza de cada linha de seu peito e de suas costas. Quando se virou para subir na cama ao meu lado, puxei as cobertas para ele entrar. Não queria que ele pensasse que ainda tinha que dormir em cima delas. Ele ainda estava de jeans. Não conseguiria dormir bem assim.

– Pode tirar a calça. Vai dormir melhor – falei, antes de ele afundar na cama ao meu lado.

Ele parou um instante e então começou a desabotoar o jeans. Senti seu olhar em mim enquanto se despia, mas eu estava hipnotizada demais para olhar para o rosto dele. Suas mãos grandes rapidamente abriram o zíper da calça, que deslizou por suas coxas grossas e musculosas. Tive que sorver o ar bruscamente. Tinha me esquecido de respirar.

– Tem certeza de que está tudo bem para você? Posso dormir de calça, gata.

Ele estava preocupado com a possibilidade de que eu surtasse por ele estar de cueca. Bem, eu estava surtando, mas por outra razão. Mase Manning realmente fazia uma cueca boxer branca parecer deliciosa. Eu estava em pânico depois da história do espelho, então aproveitar aquela visão não estivera em meus planos aquele dia. Mas agora...

– Eu estou bem. Não, você está bem. Quero dizer, tudo bem e... Ah, venha logo para a cama – chamei, confusa.

Mase sorriu dessa vez. Então ele se deitou ao meu lado, mas tomando cuidado para não me tocar. Reagi tão mal aos beijos e carícias da última vez que agora ele estava apreensivo. Mas eu também não estava segura de que teria coragem de tomar a iniciativa ou pedir para ele fazer alguma coisa. A ideia de tomar todas essas decisões era muito estressante.

Mas isso não interessava. Não agora. Mase estava ali naquela noite, não importava o motivo. Então me enrosquei ao seu lado, e ele me puxou mais para perto, mas não fez nada além disso. Olhando para ele, notei seus longos cílios quase batendo nas maçãs do rosto. Ele já tinha fechado os olhos. Sorrindo, feliz, fechei os meus também.

◆ ◆ ◆

Quando tornei a abrir os olhos, o sol atravessava as persianas, e Mase estava

deitado de lado, comigo aninhada em seus braços. Inclinei a cabeça para trás para ver se ele estava acordado. Seus olhos ainda estavam fechados, mas seus braços me apertaram e um sorrisinho esticou seus lábios.

– Acordada? – perguntou ele, ainda meio grogue, e então lentamente abriu os olhos e me fitou.

– Sim – respondi, me sentindo estranhamente bem para uma garota sem emprego nem dinheiro.

– Hummm... você quer me contar sobre a sua semana agora ou enquanto comemos waffles e tomamos café?

Sorrindo, beijei o braço dele.

– Esse é o seu jeito de me pedir para fazer waffles?

Ele deu de ombros, sorrindo como se soubesse que eu faria qualquer coisa para ele.

– Talvez.

Beijei o braço dele de novo.

– Você vai ter que me deixar levantar para eu poder fazer isso.

Ele baixou a cabeça e passou os lábios suavemente na minha testa.

– Mas você está tão gostosa aconchegada nos meus braços.

Eu tinha que admitir que aquele era mesmo o meu lugar preferido. Em todo o planeta.

– Por que não me conta sobre a sua semana agora? – perguntou ele, num tom mais sério.

Ele falava da minha semana como se já soubesse.

– Conversamos ontem à noite por telefone. Você sabe da minha semana – respondi, testando-o.

– Não... Só sei o que você me contou. Quero a história completa. Sem deixar nada de fora. – O tom de brincadeira em sua voz tinha sumido agora.

Ele sabia. Era por isso que estava ali.

– Quem contou? – perguntei, deslizando um pouco para trás, ou ao menos tentando.

Seu abraço não afrouxou.

– *Você* devia ter me contado. – Foi a resposta dele.

– Não era problema seu.

Isso chamou a atenção dele. Seus olhos se abriram totalmente, e ele se

mexeu com rapidez. Pensei por um segundo que ele ia se levantar, mas o que fez foi me deitar de costas e colocar uma mão de cada lado da minha cabeça, pairando acima de mim.

– Qualquer coisa que afete você é problema meu. Você é minha. Mesmo que eu não soubesse o que havia acontecido naquele dia. Mesmo que Nan não fosse minha irmã. Seria meu problema, porque aflige você. Faz você sofrer. – Sua voz suavizou-se na última frase. Ele baixou o corpo, sem fazer pressão sobre mim. Seu nariz acariciou meu pescoço por um instante, e meu corpo inteiro despertou. Uma sensação de calor se espalhou por mim. – Quando você sofre, isso me dilacera. Quando você está feliz, eu me sinto como se fosse dono do mundo inteiro.

Que homem incrível!

– Você tem um rancho para cuidar e uma vida no Texas. Não quis incomodá-lo com isso.

Mase suspirou e beijou meu rosto antes de voltar a me fitar de cima.

– Eu tenho um rancho para cuidar e ele fica no Texas. Mas você vem antes de qualquer coisa. Se precisar de mim, você vem primeiro.

Eu te amo estava bem ali, na ponta da minha língua. Queria que Mase soubesse. Mas ele não estava me dizendo essas palavras. Tive medo de que ele pensasse que eu era ingênua e que estava confusa quanto ao que estávamos fazendo. Então guardei-as para mim. Mas as gritei na minha cabeça e na minha alma. Eu amava esse homem.

– Seu cheque está no bolso da minha calça. Nan o devolveu ontem à noite. Você não deve nada a ela. Ela não comprou aquele espelho. Kiro comprou a casa mobiliada. É tudo dele, e ele não dá a mínima para aquele espelho.

Fiquei apenas olhando para ele. Não sabia o que responder. Eu vira a fúria no rosto de Nan. Não estava certa de que ela concordaria com isso. Quando Mase saísse, era provável que os policiais viessem me prender. O dinheiro que eu dera a ela era minha prova de que pretendia ressarci-la.

– Preciso que ela fique com aquele dinheiro, Mase.

Ele fez que não com a cabeça.

– Está resolvido. Ela não vai incomodar você outra vez.

Quando ele estivesse longe, ela incomodaria.

– Você não pode me proteger de tudo.

– Posso protegê-la da minha irmã. E, sim, posso proteger você de tudo. É só você me dizer qual é o problema. Eu resolvo.

Ele estava sorrindo, mas eu podia ver a seriedade em seus olhos.

– Mase – comecei, mas ele pôs o dedo sobre meus lábios.

– Já cuidei disso. Ela está com medo que você a processe. Você se machucou na casa dela, trabalhando, e ela a demitiu por isso. Nan não vai voltar a entrar em contato com você. Ela provavelmente não vai respirar o mesmo ar que você por um tempo. Fui muito claro ao explicar o que eu faria se ela se metesse com você outra vez.

– Eu não a processaria porque caí e quebrei um espelho.

– Ela não sabe disso, gata. E isso é o que interessa.

Ele me soltou e se levantou. Fui abençoada com uma vista de sua bunda naquela cueca. A bunda de Mase Manning era perfeita.

– Você vai levantar daí e fazer waffles para mim? Porque, gata, se você continuar me olhando como se eu fosse a refeição, posso ficar tentado a voltar para a cama e conferir exatamente o que você está pensando.

Adoraria se ele voltasse para aquela cama e ficasse ali comigo. Fazendo o que eu estava pensando. Mas eu não queria ter que pedir. Não sabia como faria isso. Eu sabia por que ele queria que fosse eu a pedir, mas, ainda assim... a ideia era embaraçosa demais.

Como pedir a um homem que toque sua vagina?

Agarrando-me àquele pensamento, eu me levantei e abri um sorriso para ele.

– Vou fazer waffles para você. Vista a calça para eu não me distrair.

Mase riu enquanto eu corria para o banheiro e escovava os dentes e penteava o cabelo.

Então fui preparar o café da manhã do meu gato enquanto ele ficava do outro lado do balcão, me observando.

Mase

Se ela se abaixasse mais uma vez e me mostrasse aquela pinta, eu ia perder a cabeça. Eu já tinha comido os waffles e resistido enquanto ela batia a massa sem sutiã sob a camiseta. Aquela já fora uma visão extasiante. Mas agora ela estava limpando a cozinha e ficava se abaixando a todo momento.

Eu havia me oferecido para limpar, mas Reese me empurrara daquele cantinho e disse que seria mais rápida, pois sabia onde tudo ficava. Então agora eu estava sendo premiado com uma vista de sua bunda e daquela pinta. A minha pinta.

Eu adorava aquela manchinha.

Merda, eu estava com tesão. Eu estava me esforçando tanto para ser bonzinho, mas ela me deixava louco. Eu conhecia a sensação de ter aquela bunda nas mãos e aqueles mamilos doces se retesando em minha língua.

Gemendo, dei as costas à visão mais bela que eu já tivera na vida e fui me sentar no sofá.

Afundei ali e tive que ajeitar meu maldito pau. De repente o jeans estava apertado demais e o zíper ia deixar uma marca nele se eu não me controlasse. Precisava pensar em algo que não fosse o corpo de Reese.

Primeiro exterminador de tesão que eu pude imaginar: minha mãe. Ela ia querer saber aonde eu tinha ido. Precisava ligar para ela e explicar. Eu só havia avisado ao meu padrasto. Não tinha me explicado para ela. O que significava que ela ia me fazer um monte de perguntas. Estava pronto para contar a ela sobre Reese. Queria falar sobre ela. Minha mãe provavelmente era a pessoa que gostaria de me ouvir falar dela.

– Você está bem?

A voz de Reese interrompeu meus pensamentos e me virei para vê-la vindo em minha direção. Aquelas pernas longas e... cacete, aqueles peitos estavam

balançando. Ela precisava de um sutiã. Eu precisava que ela vestisse um sutiã. A ereção que eu conseguira inibir estava de volta... e com toda força. Caralho.

– Estou bem – afirmei, e ela veio e se sentou ao meu lado, recolhendo as pernas e enroscando-se em mim.

A carne macia pressionou meu corpo e eu comecei a latejar. O cheiro doce de canela chegou ao meu nariz e eu estiquei as pernas na esperança de me dar um pouco mais de espaço naquele jeans.

– Você não parece bem. Você está fazendo caretas – disse ela, esticando a mão e segurando meu rosto. Tão doce.

– Estou tentando ser um bom rapaz, gata. Mas olhando para você fica difícil – admiti.

– Ah – disse ela baixinho, quase num sussurro.

Então seus olhos pousaram no meu colo e ela arquejou. Não havia como esconder o fato de que eu estava duro feito uma pedra. Não lidava com uma situação dessas desde a adolescência. Não tinha ereções assim exceto quando estava na hora certa. No entanto, um olhar para Reese e meu pau ficava em posição de sentido.

– Parece que está apertado aí dentro – disse ela, sussurrando, como se outra pessoa, além de mim, pudesse escutá-la.

– Está mesmo.

Ela arfou novamente e então tocou minha perna. Eu estava quase implorando para que ela me tocasse. Todo o sangue do meu cérebro estava fluindo para baixo.

– Você pode tirá-lo e me deixar... quer dizer, posso tocar nele?

Claro que sim!

Minhas mãos voaram para o zíper e o abriram em tempo recorde, então baixei o jeans o suficiente para que meu pau pudesse saltar, livre. Ela me observava com tanta intensidade que, juro, estava prestes a explodir só com o olhar dela.

As pontas dos dedos dela traçaram o volume rígido sob a cueca, que eu não baixara. Não tinha certeza se ela estava pronta para vê-lo ao vivo.

– Você pode tirá-lo? – perguntou ela, erguendo os olhos para mim e depois voltando-os novamente para o meu colo.

Essa garota estava me perguntando como se eu pudesse dizer não para ela.

Meu pau já tinha decidido mais de um mês atrás que só queria se excitar com ela. Ela era dona dele tanto quanto era dona de mim.

Parei e observei o rosto dela para ter certeza de que ela estava pronta para isso antes de tirar a cueca e deixá-la ver o que estava pedindo. Não queria de jeito nenhum vê-la levantando num pulo e ir correndo jogar água no rosto por ter visto meu pau. A ideia de assustá-la assim acabaria comigo.

A mão dela se moveu quase em câmera lenta até que uma ponta de dedo desceu pela cabeça dura e inchada, seguindo pelas veias ao longo do corpo. Eu não estava conseguindo respirar. O oxigênio se recusava a entrar nos meus pulmões.

– Me diga como tocá-lo – pediu ela, correndo um dedo para cima, em direção à cabeça.

Ela queria que eu falasse... agora?

– Feche... – disse, e arquejei em busca de um pouco de ar. – Feche a mão em torno dele, depois deslize para cima e para baixo.

Ela fez exatamente o que eu disse, e estrelas tomaram toda a minha visão. Precisei piscar várias vezes para enxergar alguma coisa. Olhei para sua mãozinha em torno do meu pau, e vi que ele estava vertendo um pouco de fluido. Ela fez uma pausa. Seus olhos se ergueram para mim.

– Você gosta assim? – perguntou, a respiração pesada.

Isso a estava deixando excitada. Cacete, os mamilos dela estavam duros e se projetando sob a camiseta fininha.

– Você nem imagina – respondi, tenso.

Ela apertou a mão ao subir e seus olhos se arregalaram quando o líquido incolor surgiu na ponta.

– Caraaaalho – gemi, e deitei a cabeça para trás no sofá.

Eu estava em alguma forma de nirvana e não queria sair de lá.

– Apertei demais? – perguntou, inocentemente.

– Ahh, gata, não. Está muito bom – garanti, ofegante.

Sua mão manteve a pressão, e ela começou a deslizar para cima e para baixo com mais vigor. Minha boca se abriu e agarrei o braço do sofá.

– Isso foi um gozo ou você vai... gozar mais? – perguntou ela, enquanto o líquido cristalino cobria meu pau sob sua mão.

Ela não se intimidou; em vez disso, passou a usá-lo como lubrificante.

– Se continuar assim, eu vou... explodir.

A safadinha sorriu. Ela estava se divertindo. Caralho, eu não estava aguentando. Eu queria me segurar para aproveitar mais. Não ia assustá-la e gozar na sua mão. Mas fazê-la soltar para que eu terminasse o serviço não era nada convidativo.

Virei a cabeça para olhá-la, e esse foi o erro. Ela mordia o lábio inferior, e, a cada movimento de sua mão, seus peitos balançavam. Pronto.

– Vou gozar – avisei, tirando a mão dela.

– Espere, não – disse ela, me pegando outra vez.

– Gata, eu vou...

A puxada para cima e o cheiro dela me pegaram de uma vez só. Gritei o nome dela quando aconteceu exatamente o que eu tinha avisado. Ela continuou movendo a mão no meu pau e eu continuei gozando feito louco. Desabando de volta no sofá, achei que talvez até tivesse gemido. Não tinha mais certeza. Meu cérebro estava nebuloso e meu corpo zumbia com um prazer tão intenso que eu não sabia se conseguiria caminhar outra vez.

Então a mão dela parou de se mexer, e eu respirei fundo.

– Puta merda, isso foi... incrível – falei, fitando sua mãozinha coberta com meu gozo.

Só de ver isso, meu pau acordou novamente. Caramba, ela estava me transformando num animal. Eu tinha acabado de ter o melhor orgasmo da minha vida na mão dela.

– Deixe-me limpar você – falei, puxando minha cueca e me levantando para tornar a vestir o jeans. – Vou pegar uma toalha.

Mas ela se levantou, sorrindo.

– Vou lavar as mãos – afirmou. E então me fez sentar de novo. – Parece que você está precisando respirar.

Minha garota era uma gaiata. Eu ri, e ela olhou para trás e piscou para mim. Puta que pariu, ela *piscou* para mim.

Reese

Lavei as mãos na água morna e olhei pelo espelho o sorriso bobo em meu rosto. Eu tinha conseguido. Fizera Mase gemer e gritar e inclusive se agarrar no sofá – como se sua vida dependesse disso – até gozar. Eu. Eu fiz isso. E sem ir nenhuma vez àquele lugar sombrio da minha mente. Eu ficara completamente absorta observando Mase, sabendo que era eu quem estava dando prazer a ele. Entrei num transe maluco com aquilo.

E teve a maneira como ele olhava para mim, em êxtase, como se eu fosse algum presente divino. Ele sempre fazia com que me sentisse especial, mas naquele momento me senti como uma deusa. A deusa dele.

– Você está se sentindo totalmente realizada – disse a voz grave dele, e eu o vi pelo espelho se aproximar de mim por trás.

Ele tinha um sorriso preguiçoso e satisfeito, e fora eu quem colocara aquele sorriso ali. Eu *estava* satisfeita comigo mesma.

– Estou – admiti.

Ele afastou meu cabelo e deu um beijo em meu pescoço.

– Hummm, isso é fofo e sexy – disse ele num sussurro. – Mas também me dá muito tesão.

Senti minha pele se arrepiar quando ele lambeu meu pescoço.

– Só tenho um probleminha com isso – falou, mordiscando minha orelha.

– É?

A mão dele fez pressão em minha barriga, puxando-me ao encontro do seu corpo.

– É. Tenho. Você me viu gozar na sua mão. Agora eu quero ver você gozar na minha – disse ele, enquanto seus dedos brincavam na cintura do meu short.

Já tínhamos tentado isso antes. E eu entrara em pânico. Não queria estragar a manhã.

– E se eu não estiver pronta? – perguntei, incapaz de negar que o modo como

os dedos dele deslizavam para dentro do short me fazia tremer de excitação.

Ele parou para pensar só por um momento e então sua boca começou a deixar um rastro de beijos pelo meu corpo, descendo por meu pescoço e percorrendo o ombro.

– Pensei nisso. Tenho pensado nisso. Preciso manter você comigo enquanto a toco. Quero tentar outra vez, mas não vou parar de falar com você. Vou assegurá-la o tempo todo de que sou eu quem está aqui com você. Podemos tentar?

Meus seios estavam doendo, mas a área entre as minhas pernas estava pegando fogo. Eu queria. Meu corpo queria. E eu amava Mase. E era o que ele queria.

– Está bem – respondi.

– Obrigado – gemeu ele.

Então me pegou no colo e me levou para a cama, deitando-se ao meu lado.

– Seu cheiro é tão bom. Quando estou em casa, me deito à noite na cama e posso sentir vestígios do seu cheiro. Fico excitado. Quero você lá. Comigo – disse ele no meu ouvido, começando a deslizar a mão lentamente para dentro do meu short.

Eu não tinha vestido calcinha, e em breve ele ia descobrir isso.

Quando ele avançou a mão o suficiente para se dar conta, parou.

– Gata, você está sem calcinha – disse numa voz grave.

Virei a cabeça para vê-lo.

Seus olhos tinham a mesma expressão de quando eu o estava acariciando. De *tanto* que isso o excitava. A umidade entre as minhas pernas aumentou, e fiquei constrangida porque ele descobriria como eu estava excitada.

– Abra as pernas. Por favor, para mim. Deixe-me tocar você. Quero ver você gozar para mim. E sentir sua umidade na minha mão. Pode me dar isso, Reese? Eu quero tanto, tanto.

Engoli em seco, nervosa.

– Já estou molhada – confessei, me sentindo mortificada só de dizer aquilo.

Os olhos dele brilharam com tanta intensidade que meu coração quase parou. Seus dedos deslizaram pelo meu monte de vênus e então penetraram nas dobras abaixo. A sensação que eu experimentara ali por toda a manhã agora latejava e eu precisei me agarrar no braço dele para não cair da cama.

– Ah, meu Deus – gemeu ele, enterrando a cabeça no meu pescoço. – A bocetinha mais doce do mundo está encharcada por mim.

Ele estava feliz com isso. Eu teria soltado um suspiro de alívio, mas seus dedos começaram a se mover e eu só consegui emitir uns ruídos e agarrar o braço dele e os lençóis.

– Sou eu aqui. Minha mão no meio das suas pernas. Meus dedos tocando sua bocetinha. Eu, gata. Eu. Tudo isso é meu. Eu sempre vou cuidar de você. Nada nem ninguém vai machucá-la. – Sua voz era baixa e ele falava no meu ouvido.

Eu estava tremendo e me agarrava nele.

Ele queria me manter ali, junto dele, naquele momento, e estava fazendo um trabalho maravilhoso. Dificilmente minha cabeça conseguiria estar em algum outro lugar.

– Quando você estiver pronta, vou pôr minha boca bem aqui – disse ele, correndo o dedo sobre meu ponto mais sensível. – Vou lamber esse botão até você gritar e cravar as unhas nas minhas costas enquanto goza na minha cara. Você vai adorar. Juro que vai. Você vai segurar minha cabeça ali e implorar para que eu não pare. Porque serei eu.

A sensação crescente dentro de mim estava acelerando, e eu sabia o que era. Eu havia me masturbado antes de acontecerem... aquelas coisas. Em minha cabeça eu criava fantasias com os garotos da escola quando estava na cama, à noite. Mas isso agora era algo mais forte. Parecido, porém maior. E eu queria que acontecesse. Com Mase, eu queria.

– Isso, gata. Me deixe dar prazer a você. Faça isso por mim. Quero ver você gozar para mim. Quero ver minha garota extasiada nos meus braços. Você é tão linda...

Com aquelas palavras, eu me entreguei, gritando o nome dele enquanto meu corpo estremecia e ele me apertava em seus braços. Sua mão permaneceu em mim, me cobrindo e navegando as ondas do êxtase comigo. Eu entoava o nome dele. E o ouvia a distância.

Ele me chamava de gata e dizia que eu era incrível.

Eu não queria voltar. Poderia viver essa viagem para sempre.

Mas por fim ela se dissipou e lentamente eu desci de volta à terra. Os braços de Mase ainda estavam à minha volta, me apertando de encontro a ele, e sua mão

continuava no ponto em que me dera prazer. Ele respirava pesadamente, e seus olhos estavam escuros e quentes enquanto ele me olhava de cima.

– Meu Deus, você é deslumbrante – sussurrou ele, enquanto eu piscava e finalmente conseguia focar em seu rosto.

Eu não podia falar ainda. Aquilo não fora nada parecido com o que eu tinha experimentado na cama quando era mais jovem. Meus dedos não conseguiam fazer isso comigo mesma. Será que aquilo era saudável? Era tão bom que tinha que ser perigoso. E eu queria repetir. Imediatamente.

– Não quero tirar a mão daqui. Ela está coberta de você, quero que continue assim – disse ele, movendo a cabeça para dar um beijo no meu nariz. – Foi a coisa mais erótica que eu já vi. Juro por Deus, você me deixou tão enfeitiçado que eu nem consigo enxergar direito. Se você me deixasse, ficaria aqui nesta cama e faria você gozar sem parar.

Eu deixaria. Estava gostando da ideia. Muito.

Mase

Eu poderia morrer feliz. Senti pena dos outros homens, porque eles nunca saberiam como era Reese quando gozava. Eu sabia. Ela era minha. A vontade de bater no peito era enorme. Tive que me segurar. Mas, por Deus, era o que eu queria fazer.

Reese saiu do quarto vestindo short jeans e uma blusa amarelo-clara com um nó na cintura. Ela parecia jovem e pura. Queria levá-la de volta para a cama e começar tudo de novo. Vê-la toda sexy, cavalgando minha mão como se sua vida dependesse daquilo.

Mas ela já havia me dado o suficiente por hoje. Não ia forçá-la outra vez. Não quando tínhamos ido tão bem pela manhã. Falar com ela e mantê-la comigo o tempo todo não apenas tinha funcionado, como também a excitara ainda mais. Quanto mais eu falava, com mais tesão ela ficava.

Era o suficiente por enquanto.

– Quando você tem que ir embora? – perguntou ela, interrompendo os meus pensamentos e me lembrando de que eu teria que deixá-la.

– Queria conversar com você sobre isso – falei, imaginando como pedir que ela se mudasse para a minha casa, que ficava em outro estado, tão distante dali.

Pareceria maluquice, mas, sinceramente, eu não ligava. Ela era a mulher da minha vida.

Suas sobrancelhas se ergueram, e ela inclinou a cabeça, como se esperasse por mim.

– Quero que você se mude para o... Texas... comigo... para... a minha casa.

Isso não fora nada sutil.

A maneira como seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram provava que eu tinha feito tudo errado. *Merda.*

– Co... como? – balbuciou.

Passei as mãos no rosto e reprimi um grunhido de frustração. Ela me fazia

dizer besteiras. Eu ficava tão atrapalhado perto dela que não conseguia pensar direito. Falava sem pensar. Eu nunca quis tanto uma coisa quanto que essa mulher estivesse na minha cama, todas as noites, pelo resto da minha vida.

– Você não tem emprego, exceto pelo arranjo com Harlow, e não tem família aqui. Não há razão para ficar. Posso conseguir outro professor para você em Fort Worth. Essa é a única coisa que prende você aqui. Quero você comigo, Reese. Detesto não ter você perto de mim.

Aqueles olhos expressivos a entregaram. Ela gostou da ideia, mas também se assustou. Estávamos juntos havia pouco tempo. Nossa amizade tinha quase dois meses, mas nosso relacionamento era muito recente.

– Você me quer lá... com você – falou, como se estivesse perdida numa confusão.

– Sim – respondi com firmeza.

Ela agarrou uma mecha de cabelos e olhou em torno da sala, cheia de nervosismo. Então começou a andar de um lado para outro.

Esperei. Ela estava pensando, e eu queria que ela pensasse seriamente naquilo. Então queria que ela dissesse sim e fizesse as malas.

– Você não... Há tanta coisa. Preciso de tempo. Nós precisamos de tempo. Estou bem instalada aqui e tenho amigos. Tenho Jimmy. Tenho um lugar meu. Você não... Não podemos simplesmente ir morar juntos assim. Também detesto quando você vai embora, mas... Mase...

Ela parou de andar e pôs as mãos na cintura, como se estivesse carregando o mundo nos ombros.

– Tem tanta coisa que você não sabe. E não estou pronta para contar. Tanta coisa dentro de mim. É tenebroso e... não é um lugar para onde eu queira levar você. Mas preciso de tempo. Nós precisamos de tempo. Assim. Quando você vier aqui, podemos ficar juntos. E temos nossas conversas noturnas e minhas leituras para você. E eu gosto do Dr. Munroe. Ele está me ajudando e me sinto bem com ele. Não posso simplesmente ir porque quero estar perto de você.

Argumentar com ela era minha reação automática. Eu era bom em convencer as pessoas. Poderia apresentar uma razão que lhe mostrasse que tudo aquilo não importava.

O que me deteve foi seu olhar suplicante. Ela não queria que eu argumentasse. Ela queria que eu deixasse o assunto de lado.

Eu deixaria. Por ela. Por enquanto.

– Está bem. Mas saiba que, quando você estiver pronta, eu também estarei – garanti, por fim.

Ela soltou um suspiro profundo, então sorriu debilmente para mim.

– Obrigada por me querer.

Palavras que eu levaria comigo para o Texas, que eu guardaria no peito e me machucariam toda vez que eu as tocasse.

Minha garota não deveria jamais ter que agradecer alguém por desejá-la. Em algum lugar de sua mente, ela acreditava que não era digna. Isso era o que mais me doía.

◆ ◆ ◆

Parado na porta do apartamento, depois de levá-la para almoçar e beijá-la por mais de uma hora, eu sabia que tinha que deixá-la. Outra vez. Meu mundo lá no Texas estava chamando. Eu tinha que ir cuidar do rancho e da vida que eu construíra para mim.

Abracei-a apertado mais uma vez e sussurrei em seu ouvido:

– Cuide-se bem. E sinta saudades enquanto eu estiver longe.

Reese

Peguei a colher que Jimmy me estendeu e mergulhei fundo no sorvete de caramelo. Precisava de comida antidepressiva. Estava arrasada desde que Mase fora embora naquela manhã. Eu poderia ter ido com ele. Ele me convidara.

Se tivesse dito sim, eu o perderia muito mais cedo. Ele não estava comigo tempo suficiente para me conhecer de verdade. Ele só tivera pequenas doses de mim. Como seria quando as lembranças vazassem e eu me enfiasse embaixo da ducha quente gritando e me esfregando? Ele não tinha visto isso. Pensaria que eu era louca. Porque eu tinha certeza de que era.

De vez em quando, o passado irrompia e, quando acontecia, eu ficava meio maluca.

Não contei nada disso para ele. Ele conhecia o que estava na superfície, e mesmo assim nem tudo. Sabia apenas o suficiente. Meu passado me marcara.

Esse passado havia destruído a minha habilidade de ter intimidade com qualquer pessoa.

Exceto com Mase. Eu o estava deixando entrar. O dia de hoje era a prova disso.

– Quer falar sobre esse assunto? Ou só comer? – perguntou Jimmy, com um olhar preocupado.

– Não quero falar nada agora, só comer essa delícia – respondi, e enchi a boca de sorvete.

– O homem veio do Texas numa noite de terça-feira para pegar seu dinheiro de volta com a bruxa malvada, devolvê-lo e ter certeza de que você estava bem antes de voltar para o trabalho no dia seguinte. Eu acho que você deveria ser só sorrisos. E não estar aí pê da vida e decidida a comer meio quilo de sorvete.

Eu não ia contar para Jimmy. Se contasse, teria que revelar mais, e eu não ia deixar meu passado entrar. Não nesta noite.

– É que detesto quando ele vai embora. Só isso. – Foi o que eu disse.

– Aham, garota, você e o resto do mundo. Ele é um colírio para os olhos – concordou Jimmy.

Aquilo arrancou de mim uma risada que morreu quase instantaneamente. As garotas em Fort Worth não tinham que vê-lo partir. Ele estava lá. Com elas. Elas podiam vê-lo e falar com ele. Ele não precisava atravessar fronteiras estaduais de avião para resolver os problemas delas.

– Para onde quer que sua cabeça tenha voado, traga-a de volta, por favor – disse Jimmy, apontando sua colher para mim. – O homem veio do Texas até aqui por sua causa ontem à noite. Ele não está fazendo mais nada com ninguém. Caramba, duvido que ele sequer sorria no Texas. Ele está sorrindo demais para você. Ele precisa descansar aquela boca sexy um pouco.

Dei uma risada. Alta.

Jimmy se recostou e deu um sorrisinho maroto. Estava satisfeito consigo mesmo.

O som do meu telefone tocando o fez se levantar e se despedir.

– Olha aí seu gato texano ligando. Falo com você amanhã.

Olhei para o telefone, esperando ver as botas de caubói, mas era um número desconhecido. Não contei para Jimmy.

– Tchau, Jimmy. E obrigada – gritei.

Ele me mandou um beijo e fechou a porta ao sair.

Esperei um momento até ele estar mais longe da porta antes de atender.

– Alô?

– Você acha que ele é seu, mas não é. Ele estava transando comigo antes de você e vai voltar a transar depois de você.

Fiquei segurando o telefone por muito tempo depois de a mulher ter desligado.

Uma hora depois, Mase ligou para me dizer que tinha chegado bem, mas que estava exausto. Ele me telefonaria amanhã.

◆ ◆ ◆

Na manhã seguinte, me recusei a pensar naquela estranha ligação. Poderia ter sido um engano. Ela não mencionou o nome de Mase. Tirei aquilo da cabeça e finalmente liguei para Blaire Finlay para marcar um encontro com ela na semana

seguinte e combinar a faxina. Então fui ao mercado e paguei minhas contas daquela semana.

Voltei para o apartamento e o limpei de cima a baixo. Na hora da consulta com o Dr. Munroe, já estava melhor. Tinha conseguido me controlar e sabia que, quando ligasse para Mase naquela noite, tudo estaria certo.

Eu só estava com saudades dele.

Isso era tudo.

Mase

Tirei a roupa e fiquei deitado na cama escutando Reese ler para mim seu novo livro. Ela parecia desligada naquela noite, ou nervosa. Eu não sabia exatamente o que era. Tive que ajudá-la algumas vezes. Assim que ela chegasse ao fim do capítulo dois, eu ia deixá-la parar. O livro era mais difícil, e ela parecia cansada.

– Quer que eu continue? – perguntou ela.

– Está bem assim. Você está se saindo muito melhor, gata. Estou orgulhoso.

E estava. Seu nível de leitura já era o do quarto ano. O Dr. Munroe atribuía o fato ao grande esforço dela para aprender na escola – tanto é que havia aprendido. Ela só não foi treinada para lidar com sua dificuldade. Agora que estava trabalhando isso, recuperava terreno rapidamente e utilizava o aprendizado do passado.

– Minha redação ainda não é boa, mas escrevi uma carta hoje. Não era uma carta de verdade. Como exercício, eu deveria escrever uma carta para alguém, agradecendo um presente. Só errei duas palavras. O Dr. Munroe ficou satisfeito.

O orgulho em sua voz fez meu peito se inflar. Adorava saber que ela sentia orgulho de suas realizações. Tinha que sentir mesmo.

– Estou esperando você me escrever uma carta – disse a ela.

Poderia guardá-la no bolso durante o dia e tirar quando precisasse de um pouco de Reese no meu dia.

Ela riu baixinho.

– Não estou pronta ainda. Espere eu melhorar um pouco. Não quero que o Dr. Munroe corrija uma carta que eu tenha escrito para você. Então ela terá que seguir para você sem revisão.

Nada que ela me desse seria menos que perfeito. Porque seria dela. Escrito por ela. Se misturasse todas as letras e palavras, então era assim que deveria ser. Porque ela teria escrito aquilo para mim.

– Não se preocupe com quantos erros estarão na carta, Reese. Seria uma carta sua. Isso é tudo que importa para mim.

Ela deixou escapar um leve suspiro.

– Você diz as coisas mais doces do mundo.

Eu poderia dizer coisas ainda mais doces se ela me deixasse. Estava tentado a fazer isso. Eu ainda podia sentir seu cheiro em minha mão. Eu havia levado aqueles dedos ao nariz e inalado o dia todo.

– O que você está vestindo, Reese? – perguntei.

– A sua camiseta, exatamente como combinamos.

Pude perceber o tom divertido em sua voz.

– Deite-se na cama para mim.

Eu a estava testando. Pararia se ela hesitasse.

– Está bem – respondeu ela. – Estou na cama.

Porra. Sim. Ela estava entrando na brincadeira.

– Você está deitada de costas?

Eu a queria deitada de costas, com as pernas abertas para mim.

– Sim. – Sua resposta foi rápida e ansiosa. Ela sabia o que eu queria.

– Você vai abrir essas pernas lindas para mim, gata?

Esperei, sem saber se ela iria assim tão longe.

Depois de apenas uns poucos segundos, ela respondeu:

– Sim.

Tirei meu pau, que já começava a ficar duro na cueca, e o envolvi com a mão. A imagem de Reese deitada de costas na cama dela com minha camiseta e as pernas abertas para mim era o bastante para me fazer voltar para aquele maldito avião.

– Você sabe o que eu quero que você faça, não sabe?

– Sei – murmurou ela.

– Você pode fazer isso? Posso ouvir você se dando prazer?

Ela estava respirando pesadamente.

– Você também?

– Eu também o quê, gata?

– Você vai fazer isso também?

Sorrindo, acariciei a extensão do meu pau.

– Já estou fazendo. O fato de você estar na cama, com as pernas abertas e

vestindo minha camiseta já me deixou com tanto tesão que chega a doer.

– Ahhh – disse ela, soltando um gemido.

Caralho... ela estava... se masturbando.

– Onde estão seus dedos?

– Na minha... lá embaixo.

Ah. Fechei os olhos e deixei a voz dela e a imagem do que estava fazendo dominar meus pensamentos.

– Está molhadinha por mim?

– Siiiiim – disse ela, com a respiração entrecortada.

– Brinca gostoso com ela para mim. Dê prazer a essa doce bocetinha. Não estou aí para cuidar dela. Preciso que você faça e me deixe ouvir. Quero ouvir aqueles sons que você faz.

– Ahhhhh! – gritou.

Ela estava adorando.

– Esfregue forte esse botão duro e inchado. Quero beijá-lo. Muito... Lamber todos os pontos sensíveis e então sugar esse botão quente até você puxar meu cabelo e gritar meu nome.

– Ahhhh, meu Deus – gemeu.

– Isso. Pense na minha cabeça entre as suas pernas. Bem abertas para mim. Eu posso lamber essa doçura toda. Só eu. Com você. Só nós, gata. Suas mãos agarrando meu cabelo e as minhas... as *minhas* mãos nas suas coxas macias, mantendo você aberta. Respirando você.

– Mase! Ah... aaaaah!

O gozo dela desencadeou o meu. Fiquei ouvindo enquanto ela gemia em sua viagem e desejei profundamente estar lá para ver aquilo.

Reese

Na semana seguinte, não me limitei a ler para Mase à noite. Terminávamos nossas noites fazendo outras coisas...

Sorrindo ao pensar no meu segredo, passei mais tempo escovando o cabelo. Eu tinha limpado a casa de Harlow duas vezes e encontrado Blaire Finlay. Ela ia precisar de alguém três dias por semana. Eu precisava conversar com Harlow sobre trabalhar na casa dela dois dias e três na de Blaire, para assim atender as necessidades das duas. A faxineira atual de Blaire ainda não tinha se aposentado, então havia tempo para acertar isso. Ela ficaria mais duas semanas.

Jimmy descobrira no início da semana que hoje era meu aniversário. E decidira que ia sair comigo. Eu tinha comemorado essa data sozinha a maior parte da minha vida. Lembrei-me de que, aos sete anos, ganhei um bolo. Minha mãe o fizera e convidara as crianças da vizinhança. Eu havia pensado que ela tinha feito aquilo para mim e, por pouco tempo, me sentira muito especial.

Então, mais tarde naquele dia, eu a encontrara no banheiro de joelhos diante de um pai que levara os filhos à festa. Ele dizia coisas que eu fazia questão de não lembrar enquanto ela se agarrava às coxas dele e chupava seu pau. O homem morava do outro lado da rua com a mulher e dois filhos.

Naquele momento eu percebera não só que havia algo errado no que minha mãe estava fazendo, como também que ela tinha dado a festa apenas para se aproximar daquele homem. Não por minha causa. Aquele foi meu primeiro e último bolo de aniversário.

Hoje eu ia construir novas memórias. Jimmy queria que fôssemos dançar e comer bolo. Então era o que iríamos fazer. Eu celebraria meus 23 anos com alguém que se importava comigo.

Dando um passo para trás e olhando no espelho, achei que estava bonita. O vestido que eu usava era laranja-claro e me lembrava do pôr do sol. Era um tomara que caia marcado na cintura por um cinto marrom trançado que ía até a

metade da coxa. Coloquei as botas de caubói que tinha comprado para agradar Mase. Ele não as tinha visto ainda, mas usei um pouco do dinheiro da minha poupança para comprá-las. Estavam em promoção pela metade do preço.

A batida na porta foi seguida de um:

– Abra, aniversariante!

Sorri e fui abrir para Jimmy.

Ele assoviou e girou o dedo no ar para que eu desse uma voltinha para ele ver.

– Vou ter de bancar o hétero para manter os homens longe de você. Caramba, mulher, você está um arraso.

Rindo, peguei uma bolsinha que havia comprado no ano passado numa liquidação, mas ainda não tinha tido a chance de usar. Era dourada, mas simples, com uma alça de mão.

– Vamos dançar – falei quando ele pegou a minha mão e a pôs em seu braço.

– Eu sou bom nisso, garota. Espere só para ver.

Eu não tinha dúvida.

◆ ◆ ◆

Seguimos para a cidade, a direção oposta da que eu esperava, pois eu sabia que não havia nenhum lugar para dançar em Rosemary Beach. Franzindo a testa, olhei para Jimmy, que cantava “Born in the USA” batucando no volante.

– Onde vamos dançar? – perguntei.

– Ah, num lugar chamado FloraBama – respondeu ele, me dirigindo um sorriso grande demais.

Algo não estava fazendo sentido.

– Mas não estamos saindo da cidade – observei.

Ele confirmou com a cabeça.

– Sim. Antes, preciso entregar um negócio no clube.

Bem, isso fazia sentido. Me recostei e observei a cidadezinha passar por nós até virarmos na entrada dos fundos do clube, onde os empregados estacionavam. Jimmy seguiu até um caminho coberto de conchas que parecia levar ao mar.

Ele ia entregar alguma coisa na praia?

– Aqui estamos – disse ele, sorrindo ao abrir a porta para mim.

Tínhamos ido de carro até onde dava.

– Siga por essa passarela de madeira na direção daquela luz adiante – recomendou Jimmy, apontando o que dali parecia ser o topo de uma pequena tenda, encoberta pelas palmeiras no caminho.

– Você precisa que eu entregue algo lá? – perguntei, tentando entender o que ele queria de mim.

– Isso. Só você pode entregar. Feliz aniversário, Reese. Você está maravilhosa. Agora siga esse caminho – falou ele, com uma piscadela, então subiu de novo no carro e partiu.

Fiquei ali olhando do caminho para o ponto onde Jimmy tinha sumido.

Foi então que a ficha começou a cair. Jimmy havia me entregado ali. A mim. Virei-me e segui o caminho de madeira. Na metade, não aguentei mais e comecei a correr. Já sabia quem estaria no fim. Já sabia para quem ele tinha vindo me entregar. E eu queria chegar lá.

Assim que deixei para trás o caminho das palmeiras, eu o vi.

Estava usando uma camisa branca de botões, com mangas arregaçadas e bermuda cáqui. Estava de pé, dentro de uma tenda branca, iluminada com velas, ao lado de um bolo de aniversário de três andares. Era de um rosa-claro bonito e cintilava sob a luz suave. Balões prateados completavam o ambiente.

– Feliz aniversário, Reese – disse Mase, sorrindo.

Soltei uma risada surpresa e então caí no choro ao correr para ele.

Ele me encontrou na metade do caminho, me pegou nos braços e afundou o rosto no meu pescoço.

– Surpresa.

Inclinei-me para trás e o beijei com força. Não sabia de que outra forma expressar a emoção que se concentrava dentro de mim. Era tão avassaladora que eu tinha a sensação de que poderia me consumir de tanta felicidade. Ele havia feito tudo aquilo para mim. Bolo e balões. E, mais importante, ele.

– Como você sabia que era meu aniversário? – perguntei, embora a resposta fosse óbvia: Jimmy.

Eu havia pensado em comentar, mas tive receio de que Mase pensasse que eu estava pedindo para ele voltar. Não queria isso, então não toquei no assunto.

– Era você quem deveria ter me contado, não Jimmy. Não quero nunca perder o seu aniversário. Jamais.

Enxuguei as lágrimas e sorri para esse homem maravilhoso que, por alguma razão, queria estar comigo.

– Você e as suas palavras – falei, beijando-o outra vez.

Suas mãos grandes e fortes enlaçaram minha cintura e me mantiveram ali, enquanto nos alimentávamos um do outro. Ter ele comigo era o melhor presente de aniversário do mundo. Mesmo sem bolo e balões. Ele era perfeito.

– Venha, você tem que apagar as velinhas, e então vou servir o bolo para você – murmurou ele, entre beijos.

– É um bolo grande demais só para nós dois – disse a ele, nem mesmo tentando fingir que não havia adorado que ele tivesse me dado um bolo tão imenso.

Ele riu.

– Comeremos o que pudermos, você pode levar um pouco para casa e depois mandamos o restante para os amigos.

Gostei da ideia.

– Talvez eu coma muito – comentei, olhando o glacê cremoso e já lambendo os lábios.

Teria que caminhar por dias sem parar para queimar todas aquelas calorias.

Mase piscou para mim.

– Ótimo. Gosto da ideia dessa bunda gostosa aumentando e rebolando um pouco mais.

Eu realmente estava precisando me abanar.

Ele colocou uma velinha no andar mais alto do bolo e então deu de ombros.

– Eu ia trazer 23 velas, mas Harlow comentou que aqui ventava muito. Não conseguiria mantê-las todas acesas. Então trouxe uma só.

Ele riscou um fósforo e protegeu a chama com a mão.

– Faça um pedido, gata.

Não podia imaginar nada que eu já não possuísse agora... exceto uma coisa. Mas eu sabia que desejos não mudam o passado. Não podiam mudar o que já tinha acontecido. Então mentalizei um pequeno agradecimento pelo que recebi e soprei a vela.

Mase começou a cortar uma fatia muito grande de bolo, pegou um garfo e olhou para mim.

– Venha se sentar comigo.

Ele apontou para a espreguiçadeira branca que dava para o golfo.

Sentou-se e abriu os braços para que eu afundasse neles. Quando cheguei perto, me senti envolvida.

– Esta fatia é grande demais – falei, olhando o recheio vermelho.

– Vamos dividir – disse ele. – Abra a boca.

Fiz o que Mase disse e ele levou o pedaço até minha boca. O glacê e o recheio de framboesa eram deliciosos.

– Hummm – murmurei, em tom de aprovação.

– Gosto de ver você comer. E de alimentar você – disse Mase, dando mais uma garfada no bolo.

Ele fez menção de levar o garfo à minha boca, mas fiz que não com a cabeça.

– Sua vez – falei.

– Ver sua língua se projetar para lamber os lábios e ouvir você gemer é muito melhor que comer o bolo – disse ele, esfregando um pouco glacê nos meus lábios.

Abri a boca, tentando não rir enquanto ele me dava outro pedaço.

– Isso, lá vem a língua – disse ele, parecendo fascinado em me ver comendo o bolo.

Terminei de mastigar, engoli e então sacudi a cabeça de novo.

– Preciso de uma pausa entre as garfadas – disse, rindo, enquanto ele levava mais um pedaço até minha boca.

– Gostei das botas – disse ele, sem discutir comigo. – Quero ver você com elas e mais nada.

Minha compra tinha valido a pena.

– Por favor, coma mais para mim. É tão sexy – implorou ele, passando o nariz no meu pescoço.

Rindo, virei-me para fitá-lo.

– Como posso ser sexy comendo?

Mase sorriu, passou a mão por minhas costas e depois apertou minha bunda.

– Por muitas razões.

– Agora é a sua vez – anunciei, pegando o garfo e levando-o à boca dele.

Obediente, ele comeu, e eu beijei o glacê nos lábios dele.

– Agora estou vendo a vantagem em comer também – disse ele, quando afastei a cabeça.

Sorrindo, recostei-me em seu peito e desfrutei a vista das ondas quebrando na minha frente. Minhas pernas se enroscaram às dele, e ele continuou me dando bolo. Eu deixei.

Porque eu amava esse homem.

Mase

Reese recusou mais um pedaço de bolo, e finalmente eu o deixei de lado. Tinha que admitir que só de olhar para ela aproveitando um bolo de aniversário que eu escolhera e dera para ela, eu já ficava satisfeito.

Mudei de posição para que ela pudesse se acomodar entre as minhas pernas. Então a puxei para mim antes de lhe dar o primeiro presente.

– Feliz aniversário – falei, pegando a maior caixa ao meu lado.

Ela arfou ao pegar a caixa. E olhou para mim antes de se voltar para o presente outra vez.

– Você me trouxe um presente?! – exclamou, encantada. – Quer dizer, pensei que você já era o meu presente, mas isso...

Sorrindo, beijei sua têmpora.

– Não, esta é a sua festa de aniversário e eu sou seu único convidado, porque sou egoísta e queria você todinha para mim. E este é seu primeiro presente.

– Primeiro?

Assenti. Então ela me surpreendeu. Rasgou ansiosamente o papel, como uma criança empolgada. Vê-la abrindo aquele presente foi mais legal do que lhe dar o bolo, e olha que aquilo já tinha sido o máximo.

Quando levantou a tampa da caixa, ela pegou a bolsa azul-bebê Michael Kors que eu pedira a Blaire para escolher.

– Dentro tem uma carteira que faz par com ela.

Ela tocou a bolsa com reverência, como se fosse feita de ouro em vez de couro.

– Isso é caro, não é?

Não tanto. Podia ter sido pior. Mas eu dissera a Blaire que fosse prática. Reese precisava de uma bolsa para o dia a dia, não algo que a deixasse nervosa demais para usar.

– É uma bela bolsa para você usar no lugar da mochila – expliquei.

Ela riu e colocou tudo de volta na caixa, virou-se para mim e me beijou levemente nos lábios.

– Obrigada. É o presente mais bonito que eu já ganhei.

Mas eu não havia terminado. Então me estiquei e peguei o próximo presente.

– Tem mais? Pensei que você estivesse brincando.

– Veja você mesma.

De novo, ela rasgou o pacote como se fosse uma criança, e eu desejei ter gravado aquilo para assistir várias vezes.

Ela abriu a caixa e encontrou três pijamas de seda franceses. Pegou um dos shorts, examinou-o e então o levou ao rosto. Devolvendo-o à caixa, pegou a camisola. Escolheu a peça rosa-clara com acabamento de renda branca.

– São tão macios – disse ela, extasiada.

Tinham que ser. Eram os melhores.

– Gosto da ideia de você com a minha camiseta. Mas também sei que você gosta do seu short e da camiseta porque são macios. Então pensei em outras coisas macias para você usar quando for dormir. Porque, quando estiver comigo, você não vai precisar da minha camiseta para abraçá-la.

Ela guardou a peça no pacote sofisticado e soltou um suspiro feliz.

– Eles vão me deixar mal-acostumada em matéria de pijamas pelo resto da vida.

Por mim tudo bem. Eu a manteria vestida com seda francesa se ela quisesse, pelo tempo que quisesse.

Mais uma vez ela me beijou e sussurrou um obrigada junto aos meus lábios.

Então peguei a terceira caixa. A menor de todas. Era mais um presente para mim do que para ela.

– O último – anunciei, entregando-lhe a caixinha retangular.

Essa ela abriu com mais cuidado, como se tivesse medo de perder o que estava ali dentro.

O conteúdo era uma única chave, aninhada em veludo.

– É a chave da minha casa. Quando estiver pronta, pode se mudar.

Ela a pegou e ficou segurando por algum tempo sem dizer nada. Finalmente, levantou os olhos para me encarar.

– Um dia, quando souber tudo de mim, você pode me dar isso de novo. Mas, neste momento, você não sabe tudo. Não posso ficar com isso.

Ela pensava que seu passado sombrio mudaria o que eu sentia. Nada do que ela pudesse me dizer mudaria aquilo. Eu a amava.

Mas eu não usaria aquelas palavras para convencê-la. Reese teria que decidir isso no tempo dela. Eu não ia pressioná-la. Eu a queria na minha cama, na minha casa. Queria que fosse a nossa casa. Mas não antes de ela estar pronta. Não antes que ela quisesse.

Que quisesse que fosse para sempre.

Reese

Ele agia como se o fato de eu recusar a chave não fosse grande coisa. Mas não era o que eu sentia. Meu peito não havia parado de doer desde que eu a devolvera. Mase, porém, não voltou a tocar no assunto nem pareceu aborrecido.

Ele me pegara pela mão e caminhamos pela praia. Ele havia me convencido a comer mais um pouco do bolo, e então tínhamos nos aninhado na espreguiçadeira, olhando o luar refletido no mar.

A única coisa errada foi ele não ter me beijado outra vez. Ele não me olhou mais com aqueles olhos misteriosos e cheios de desejo. Era como se ele me mantivesse a distância, mesmo estando ali, ao meu lado. Antes, ele estava sedutor e brincalhão.

Depois da chave, tudo mudou. Ele mudou.

Quando voltamos para casa, ele disse para eu usar o banheiro primeiro. Ele se prepararia para dormir depois de mim. Não se mostrara dominado pelo desejo nem me tomara em seus braços assim que chegamos à privacidade do meu apartamento. Ele havia sido gentil e educado, mas só isso. Nada mais.

Vesti um dos novos pijamas que ele havia me dado. Era branco com debrum prata. Também achei que fosse o mais sexy. Naquele momento, queria ver a fagulha nos olhos dele e saber que não o havia perdido por não ter aceitado a chave.

Por que eu não aceitei? Pegar a chave não significava que ia usá-la. Ele não me deu pensando que eu ia me mudar no momento seguinte. Ele tinha dito isso. Aquele fora seu jeito de me mostrar que a oferta continuava de pé para quando eu estivesse pronta.

Eu precisava conversar com ele.

Eu havia agido mal.

Abri a porta do banheiro e me encaminhei para o quarto.

– Não, Cordelia. Não estou aí. Estou fora da cidade. Voltarei no domingo,

provavelmente. Talvez antes. Não sei ainda.

Fiquei parada diante da porta. Quem era Cordelia? Meu estômago deu um nó e meu coração se apertou ao ouvi-lo dizer que poderia voltar para casa antes. Eu tinha mesmo estragado tudo.

– Não é minha culpa se você a deixou. E, não, você não pode entrar na minha casa sem mim lá. Eu a deixei trancada... Cord, pare com isso. Pare de fazer esse jogo comigo. Não seja assim.

Ele estava aborrecido. E a chamara de Cord.

– Como já disse, estarei em casa no domingo.

Ele desligou e enfiou o telefone no bolso com um suspiro.

Afastei-me da porta e respirei fundo várias vezes para me acalmar. Aquilo não significava nada. Cordelia podia ser alguém que trabalhava com ele ou uma parente. Ou só uma amiga.

– Quem era? – perguntei ao abrir a porta.

Eu não queria ter perguntado, mas precisava saber.

Mase voltou seu olhar do chão para mim. E seus olhos me devoraram ao examinar meu pijama novo. Quando finalmente chegaram ao meu rosto, seus olhos estavam iluminados pelo calor do qual eu sentira falta antes.

– Eu gosto muuuito de seda francesa – disse ele, vindo até mim.

Quase chorei de alívio.

Sua mão pousou em meu quadril e então deslizou para cobrir minha bunda.

– Você não gosta de dormir de calcinha, não é, gata?

– Não.

Vi seus olhos ficarem escuros e ardentes.

– Seda cobrindo essa bundinha é mais do que qualquer homem pode suportar. Quero beijar minha pinta. E vê-la escapar por baixo da renda. – Ele me fez dar uma voltinha. – Bote as mãos no encosto do sofá e mostre essa bundinha linda para mim, só um pouquinho. Por favor, Reese. – Ele sussurrou meu nome tão perto da minha orelha que sua respiração fez cócegas na minha pele.

Fiz exatamente o que ele pediu, e seu grunhido de prazer fez com que valesse a pena.

Suas mãos escorregaram pelas minhas coxas quando ele ficou de joelhos atrás de mim. Seus lábios macios e a barba áspera crescendo roçaram a parte

posterior de minhas coxas. Ele deixou uma trilha de beijos em cada uma até chegar à pinta que eu nunca tinha visto, mas que ele parecia amar.

O som de prazer em sua garganta ao beijar aquele ponto fez meus joelhos fraquejarem. Agarrei-me no sofá enquanto sua língua lambia o ponto embaixo da minha bunda.

– Ah, Deus.

Inclinei-me para me segurar melhor, caso contrário ia acabar no chão.

– Posso sentir seu cheiro. Quero abrir essas pernas e beijar você lá. Só eu, Reese. Somos só eu e você, gata. – Sua voz estava tensa, e eu sabia que ele estava me dando a escolha.

Era por isso que eu confiava tanto nele. Mase sempre tomava cuidado para não ir longe demais nem me levar a fazer algo para que eu não estivesse pronta.

– Está bem. – Foi a única coisa que consegui dizer na hora.

Estava esperando que ele abrisse minhas pernas ali onde eu estava, mas Mase se levantou e me tomou em seus braços. Meu arquejo de surpresa o fez sorrir enquanto ele me levava para o quarto.

– Minha garota merece uma cama – disse ele suavemente, e me colocou com delicadeza na cama desfeita. – Continue olhando para mim. O tempo todo quero esses olhos aqui – instruiu ele, apontando para os próprios olhos.

Concordei com a cabeça.

Ele acariciou minhas panturrilhas com cuidado extra.

Eu estava tendo dificuldade para respirar, e ele só estava brincando com minhas pernas. O que aconteceria quando ele realmente colocasse sua cabeça lá?

Eu já havia gozado ouvindo-o dizer ao telefone que queria fazer isso. Mas a realidade era aterrorizante. Agarrei os lençóis e observei a mão de Mase passar por meus joelhos, persuadindo minhas pernas a se abrirem e dando atenção especial às minhas coxas.

– Olhe para mim, Reese.

O tom de voz era rouco e profundo. Aquilo o excitava.

Voltei meu olhar para ele, que piscou para mim.

– Assim está melhor. Quero esses olhos azuis lindos nos meus. Quando eu beijar você, não os feche, está bem? Mantenha-os em mim, ok?

– Sim – concordei, ofegante.

Os cantos dos lábios dele se levantaram quando ele baixou a cabeça,

mantendo o olhar fixo no meu.

– Abra bem para mim – sussurrou, beijando meu joelho.

Abrir mais. Ah, meu Deus.

Comecei a fechar os olhos, e uma mordiscada dele na parte interna da minha coxa fez meus olhos se abrirem num átimo.

Ele estava sorrindo para mim.

– Olhos em mim – repetiu. – Se fechá-los outra vez, vou virar você e morder sua bunda. Uma coisa que estou com muita vontade de fazer. Então não me tente.

Ele ia me *morder* se eu fechasse os olhos? Ah, meu Deus.

Mase deixou outra trilha de beijos na parte interna das minhas coxas. Suas pálpebras baixaram até ele ficar com aquele olhar misterioso e sexy que me fazia estremecer. Eu estava emitindo ruídos que nem eu mesma reconhecia. Mas ver a cabeça de Mase baixar estava despertando uma profusão de sensações no meu corpo.

Ele gemeu quando sua boca alcançou o destino, e seus olhos faiscaram com uma expressão faminta um segundo antes de eu sentir sua língua roçar exatamente onde mais latejava.

Quando ele fechou os lábios em torno daquele ponto e sugou, empinei os quadris, incapaz de me controlar, e gritei seu nome.

– Os olhos, Reese. Me mostre seus olhos agora, gata.

– Não posso... não pare... – implorei.

A língua dele me tocou de novo, e então contornou meu clitóris.

– Eu não quero parar. Vou chupar para sempre se você quiser, mas preciso que olhe para mim. Me observe. Veja quem está lhe dando prazer. Fique aqui comigo.

Fiz esforço para manter os olhos abertos, e seu olhar imediatamente se fixou no meu. Eu amava os olhos dele.

– Ah, esses olhos lindos com que eu sonho... – murmurou ele e então continuou a usar a língua para me dar uma forma de prazer que eu nunca havia imaginado que existisse.

A cada toque de sua língua, eu sentia a pressão crescer dentro de mim. A explosão estava a caminho. Minhas pernas tremiam e minha visão começou a

nublar. O nome de Mase saía da minha boca repetidamente; eu não conseguia parar.

– Isso – encorajou-me.

Seu sussurro sexy só intensificou o que eu sentia, quando o calor da sua respiração tocou o lugar em que sua língua estivera.

– Goze. Goze para mim. Dê isso para mim. Goze na minha cara.

Com essas palavras, eu desmoronei.

Mase

Eu tinha certeza de que nada jamais seria tão belo assim na minha vida.

Erguendo a cabeça, beijei a parte interna da coxa dela. Antes que Reese voltasse totalmente da sua viagem, eu me deitei ao lado dela para poder puxá-la para mim e abraçá-la. Ela não me deixara nem um momento sequer. Seus olhos estiveram cheios de desejo. Nem uma só vez eu vira medo neles, e eu tinha observado atentamente. Quando pedi que me deixasse fazer sexo oral nela, sabia que estava pedindo muito. Pararia no momento em que ela entrasse em pânico.

Mas ela continuara comigo. Nenhuma sombra do passado veio para tirar aquilo de nós. Quando ela gritou meu nome e estremeceu embaixo de mim, eu me senti o dono do mundo.

Seus olhos tremularam sobre as maçãs do rosto quando ela tornou a abri-los. Eu não tinha insistido para que ela os mantivesse abertos quando o orgasmo chegou. Ela se perdera no próprio prazer naquela hora, e era lá que eu a queria. Curti como as ondas de êxtase percorreram o corpo dela e a levaram de mim por um momento.

Abraçando-a com força, beijei suas pálpebras. Ela emitiu um ruído suave que me lembrou um gatinho. Era quase um ronronar.

– O que você fez comigo, Reese Ellis?

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para mim.

– Acho que era *você* que estava fazendo alguma coisa *comigo* – respondeu ela, com um sorriso tímido, mas satisfeito, nos lábios.

Rindo, mergulhei o rosto no cabelo dela e inspirei.

– Meu Deus, gata, você não faz ideia. Estou tão alucinado por você... E nem me importo.

Reese se virou para mim e passou a mão na minha cabeça, enfiando os dedos no cordão de couro que eu usava para prender o cabelo. Com um puxão, ela

soltou meu cabelo e então enrolou os cachos nos dedos, ainda sorrindo como se tivesse descoberto o segredo da felicidade.

– Adoro seu cabelo – sussurrou ela.

– Da próxima vez que eu beijar essa bocetinha doce, quero suas mãos no meu cabelo – falei, fechando os olhos enquanto ela massageava meu couro cabeludo.

– Tenho medo de me deixar levar e puxá-lo.

– Seria muuuuito excitante se você fizesse isso.

Uma risadinha leve de Reese me fez sorrir.

Ficamos aninhados em silêncio por um bom tempo. Suas mãos continuaram em meu cabelo, brincando com os cachos e massageando minha cabeça. Eu nunca havia me sentido tão contente.

– Obrigada por esta noite. Só me lembro de ter tido bolo de aniversário e festa uma vez na vida. E foi um dia que eu gostaria de esquecer. Mas você acabou de me dar uma festa de aniversário de conto de fadas. Estou me sentindo especial.

Aquela confissão fez com que uma dor dilacerante atravessasse meu corpo. *Merda.* Eu odiava saber quanto essa linda mulher havia sido abusada e negligenciada. Ela merecia uma vida de conto de fadas, mas em vez disso vivera em um inferno. Eu passaria o resto da nossa vida garantindo que ela tivesse festas de aniversário dignas de uma rainha. Quando estivéssemos velhos e grisalhos, ela teria tantas lembranças boas que não haveria lugar para as más. Passaria minha vida apagando aquela merda.

– Meu melhor presente foi você – disse ela, beijando meu rosto.

Toda a minha raiva com as injustiças de sua vida desapareceu. Ela estava a salvo e nos meus braços. Ela era minha.

Reese

O toque de um celular me acordou. Sentando-me, olhei ao redor e pisquei contra a luz do sol que entrava pela janela. O telefone parou e ouvi água correndo no banheiro. Mase deixara a porta bem aberta. Era um convite para espiar? Porque eu queria muito vê-lo pelado e molhado.

Sorrindo, joguei as cobertas para o lado e já ia me levantar quando o telefone tocou e vibrou na cama. Olhando à minha volta, vi o celular fino e prateado de Mase embaixo do travesseiro dele. Peguei-o. Podia usá-lo como desculpa para ir ao banheiro enquanto ele tomava banho. Não que ele esperasse uma desculpa.

Conhecendo Mase, ele certamente estava torcendo para que eu fosse lá.

Cobri a boca para reprimir um risinho, e seu telefone tocou e vibrou outra vez. Alguém estava mesmo tentando falar com ele. Parei de sorrir, e me ocorreu a ideia de que pudesse ser uma emergência.

Olhei o telefone e vi uma mensagem de texto de alguém chamado Major. Não era minha intenção ler, mas meus olhos focaram as palavras *calcinha dela* e não pude me conter.

Deslizando o dedo sobre a tela, abri a mensagem.

> Major: Cord veio aqui insistindo que deixou a calcinha dela embaixo da sua cama numa noite dessas. Estava determinada a pegá-la de volta. Deixei que ela entrasse. Mas, cara, ela parecia puta com você. Não está mais trepando com ela?

Reli o texto várias vezes. Não era uma mensagem para mim. Eu estava invadindo a privacidade de Mase, mas não pude me conter. *Cord. Cordelia.* Ele tinha falado ao celular com ela antes. Ele estava... ele estava *trepando* com ela?

A calcinha dela...

Numa noite dessas...

Ah, meu Deus. Eu ia vomitar.

O ímpeto de atirar o telefone dele na parede e berrar até a dor dentro do meu

peito passar era forte. Como ele pôde fazer isso? Meu Mase era tão bom para mim. Era doce e atencioso. Era paciente comigo e cuidava de mim.

E era... um mentiroso.

Eu tinha confiado nele.

Meu corpo todo ficou dormente. Exceto meu coração, que estava dilacerado.

A ducha foi fechada, e eu finalmente saí de onde tinha ficado paralisada. Deslizei o dedo sobre a mensagem de texto e me detive por apenas um breve momento para pensar antes de excluí-la. Então pus o telefone de volta onde ele tinha deixado. Sem olhar na direção do banheiro, saí do quarto, fui para o ponto mais distante do apartamento e esperei.

Ele viria procurar por mim. Eu não queria que ele se aproximasse.

Não podia pensar nos lugares em que ele havia me tocado. Quando estava longe, ele a tocava. Ela estava fazendo sexo com ele.

Agora tudo fazia sentido. O fato de ele ser tão paciente comigo. Não precisava fazer sexo comigo. Ele tinha sua dose garantida lá no Texas. Coloquei a mão na boca para não gritar de agonia.

Isso era demais. Não sabia que podia doer assim. O final súbito e brutal do amor.

Eu nunca tinha amado antes, mas, agora que havia acabado, a dor era excruciante.

Nunca mais faria isso. Amar. A felicidade que dava era passageira. Não valia essa dor.

Seu corpo preencheu o vão da porta. Uma toalha estava enrolada nos quadris, o cabelo ainda pingava e a água escorria pelo peito nu.

– Reese?

Havia preocupação em sua voz.

Ele vivia preocupado comigo. A garota problemática que precisava de ajuda. Eu não sabia ler, escrever nem transar. Ele ia me recuperar. Será que é isso que eu sou para ele? Um projeto?

– O que foi, gata? – perguntou, vindo em minha direção.

Eu não podia deixar que ele me tocasse. Não mais.

– Não! – gritei, erguendo as mãos para mantê-lo longe. – Não chegue perto de mim – avisei.

Ele parou, mas a expressão em seus olhos era algo que antes eu teria julgado

que fosse medo. Agora eu não pensava mais assim. Ele não sabia o que era medo. Ou dor.

– Reese, qual é o problema? – perguntou cuidadosamente, me estudando.

– Vá embora. Eu quero que você vá embora. E não volte. Não quero você aqui.

Mantive as mãos erguidas, mas olhei para o chão. Não podia olhar para ele, porque meu coração estava confuso, acreditando ter visto dor nos olhos de Mase. Mas não viu. Pensei que tinha visto um monte de coisas quando ele me olhava que na verdade não vi.

– Gata, o que aconteceu? Não faça assim. Não me mande embora. Me deixe chegar perto de você.

Ele pensava que minha reação era por causa do meu passado. Podia perceber isso na voz dele. Ele estava falando com a garota problemática. Aquela de quem ele sentia pena.

– Eu quero que você vá. Vista-se e saia! – berrei a última parte.

Ele não estava me escutando. Eu queria que ele fosse embora. Eu não aguentaria ficar ali dessa forma por muito mais tempo. Os estilhaços no meu peito me faziam querer me enroscar e ficar encolhida.

– Eu não vou deixar você, Reese. Você tem que me dizer qual é o problema. Eu posso ajudar você...

– Não! Eu não sou seu caso de caridade pessoal. Eu estava bem antes de você e vou ficar bem depois. Mas você tem que sair! Vou chamar a polícia se você não sair daqui em cinco minutos.

Ele começou a vir na minha direção outra vez, e eu gritei com todas as minhas forças.

– Por Deus, Reese! O que há de errado?

Ele também estava gritando agora. Fixei meu olhar nele.

– Você. Você é que está errado. Você é errado para mim. Não quero você aqui. Quero que me deixe em paz. Você me forçou a fazer coisas que eu não queria. Você me tocou em lugares em que não gosto de ser tocada. Não quero ver você nunca mais. Nunca. Vá embora!

Dizer aquilo doeu. Eram mentiras. Ele sabia que eram mentiras, mas eu estava desesperada. Ele não ia embora. Ele não ouvia.

Quando o vi se virar e voltar para o quarto, quase desabei. Ele ia me deixar.

A compreensão de que Mase iria sair por aquela porta e nunca mais voltaria destruiu o que havia sobrado de mim.

Eu jamais deveria ter amado. Não fui destinada ao amor ou a ser amada. Era a lição que a essa altura eu já devia ter aprendido.

Eu quis que a dormência se espalhasse, mas estava desaparecendo. O sentimento de perda me envolveu. Se pelo menos eu nunca tivesse sabido como era acreditar ser especial para outra pessoa.

Mase reapareceu com a bolsa na mão. Seguiu para a porta sem olhar para mim, mas parou pouco antes de chegar lá. Seus olhos se fecharam com força e sua respiração saiu entrecortada.

– Me desculpe. – Foi tudo o que ele disse.

Então foi até a porta e a abriu. Em mais uma longa pausa, ficou ali parado. Esperei que fosse embora e me deixasse sozinha. Outra vez.

– Quando você se der conta do que disse e do que fez, ligue para mim. Estarei esperando. Quero abraçar você mais do que qualquer coisa neste momento e ajudar você a passar por isso, mas você não me deixa chegar perto. Então vou fazer o que quer, porque não posso resolver tudo por você. Desta vez tem que resolver sozinha. Mas, quando perceber que estava errada, me ligue, Reese. Estarei esperando. Vou esperar para sempre, se necessário.

Então Mase Manning saiu do meu apartamento e da minha vida.

Mase

Quando a porta se fechou atrás de mim, larguei a bolsa e me dobrei, me apoiando nos joelhos com as mãos para tomar ar. Lembrar a mim mesmo que ela precisava resolver aquilo era duro. Deixá-la... Ah, Deus, eu não podia simplesmente deixá-la. Ela estava num canto, parecendo completamente destruída, e eu não sabia por quê.

Cada vez que eu respirava doía. A pressão no meu peito era como um torno apertando meus pulmões. Meu coração estava naquele apartamento. Ir embora sem ele parecia impossível. Mas, se quisesse ter a chance de um futuro com Reese, ela precisava me deixar entrar. O passado a assombrava. E a controlava. Aquele maldito verme fizera isso com ela. Eu tinha acreditado que podia protegê-la disso tudo e lhe dar tanto amor que ela superaria aquilo. Mas os demônios estavam lá nos olhos dela.

Tudo o que eu tinha feito era ajudá-la a fingir que eles não estavam lá. Eu não a estava ajudando a destruí-los e a vencê-los. Meu amor não bastava. Eu queria que bastasse. Deus, como eu queria que bastasse. No entanto, ela precisava encontrar forças dentro de si mesma.

Quando as encontrasse, ela poderia aceitar que eu a amava. Que a adorava. Que a queria por inteiro, com tudo de bom ou de ruim que houvesse em seu passado. Eu queria tudo.

Empertigando-me, estremeci de dor.

Não fui direto para minha caminhonete. Em vez disso, segui para o apartamento de Jimmy. Não podia deixá-la sem que eu soubesse que alguém estaria cuidando dela. Quando ela precisasse que eu a resgatasse, alguém teria que me chamar. Eu sabia que ela nunca faria isso.

Ela podia não me querer, mas ai de mim se não a acudisse quando ela precisasse de mim.

Batendo na porta de Jimmy, tentei respirar fundo. Mas não conseguia.

A porta se abriu e o sorriso dele imediatamente se transformou numa expressão de desagrado.

– Mase?

Ele estava esperando outra pessoa. Eu não queria mesmo pensar nisso, considerando que ele estava vestindo uma calça de pijama de seda vermelha e seu peito estava nu e besuntado de óleo.

– Ela quer que eu vá embora. Não, ela me mandou embora – corrigi. – Mas você tem que me ligar se ela precisar de qualquer coisa. Não a deixe sofrer. Ela pode até não me querer, mas largarei qualquer coisa para vir até ela.

Jimmy se apoiou no batente. Parecia decepcionado.

– Caramba. O que se passa na cabeça dessa garota? Ela é louca por você.

Era o passado dela. Aqueles malditos demônios em sua memória. Mas eu não podia contar isso a ele.

– Se ela precisar de mim, é só me ligar. Virei imediatamente.

Ele assentiu com a cabeça.

Agarrei a alça da bolsa e lutei contra a emoção. Era isso. Eu ia mesmo deixá-la.

– Tome conta dela. Cuide para que esteja segura em casa à noite. Não a deixe ir a pé para o trabalho. Nem voltar. Mantenha-a em segurança por mim. Por favor.

Eu estava implorando. Naquele momento, eu imploraria a qualquer pessoa.

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

– Merda. Aquela garota... – Ele balançou a cabeça. – Tem alguma coisa no passado que ela esconde, mas é algo tenebroso. Vi isso nos olhos dela. Ela vai ligar. Ela ama você.

Pedi a Deus para que ele estivesse certo.

– Quando eu não estiver aqui, ela vai precisar de alguém. Seja esse alguém.

Ele secou as próprias lágrimas e assentiu.

– Serei.

– Obrigado.

Segui para a escada e para minha caminhonete.

Joguei a bolsa no banco de trás, mas parei antes de entrar. Eu não podia ir embora sem avisá-la.

Voltei à porta dela determinado e bati. Ela não abriu, mas esperei.

– Reese. Eu sei que você está me escutando – falei através da porta.

Bati outra vez, mas ela não atendeu.

– Estou indo. Você quer que eu vá, então eu vou. Mas saiba que amo você. Vou amá-la pelo resto da vida. Se você nunca mais me procurar, ainda assim estarei lá no Texas amando você.

Esperei, mas ela não foi até a porta.

Depois de muito tempo, percebi que ela não iria. Ela ia me deixar ir.

Incapaz de me conter, soquei a porta e gritei o mais alto que pude:

– Eu te amo, Reese Ellis! Eu te amo demais!

Ouvi a porta ao lado se abrir, mas não olhei para ver quem era. Esperei do lado de fora, torcendo para que ela abrisse.

Mas ela não abriu.

Reese

Nove semanas depois

Abri a porta para Jimmy. Ele tinha um cappuccino em cada mão. Antes, essa visão era reconfortante. Agora, nada mais me confortava. Os pesadelos do passado estavam de volta, com força total. Eu raramente dormia. Tomar um cappuccino de manhã e uma caneca de café à tarde era a única maneira de eu conseguir me manter acordada enquanto trabalhava.

– Pronta, raio de sol? – perguntou ele.

Concordei com a cabeça e peguei minha mochila.

– Sim – respondi, pegando o copo que ele me oferecia.

– Eu odeio você. Quero a sua pele. Não é justo que você fique tão bronzeada – queixou-se ele.

– Eu trabalho no sol. É óbvio que vou ficar bronzeada – lembrei a ele, revirando os olhos.

Ele se queixava do meu bronzeado pelo menos duas vezes por semana.

– Tomando sol e observando homens gostosos dando tacadas. Estou trabalhando no setor errado – disse ele, bufando.

Ambos sabíamos que Darla não o deixaria trabalhar no campo de golfe do Kerrington Club. Jimmy tinha um rosto que as mulheres amavam. Ele trabalhava como garçom, e as mulheres vinham em hordas para flertar com ele e lhe dar boas gorjetas. No campo ele não seria tão popular. Havia mulheres que jogavam, mas não muitas. A maioria jogava tênis. Os homens heterossexuais dominavam o campo de golfe.

– É quente do lado de fora, e os homens todos usam shorts e camisas polo. Não é exatamente um traje sexy. Você não está perdendo nada.

Jimmy abriu a porta do carro e revirou os olhos para mim.

– Garota, eu já vi a bunda gostosa de Rush Finlay de short e foi suficiente para eu despejar água gelada dentro das calças.

– Meu Deus, Jimmy!

Não pude evitar a risada, mas, francamente, ele precisava ser tão detalhista?

Afundei no banco do carona, botei a mochila no chão e o café no porta-copos para colocar o cinto. Ir de carro com Jimmy para o trabalho e para casa era muito mais fácil agora que trabalhávamos no mesmo lugar. Jimmy cuidava para que nossos horários coincidissem.

– Só estou sendo sincero, gata – respondeu ele, entrando no carro.

Às vezes ser sincero para Jimmy era só um modo de me fazer rir. Apenas recentemente ele vinha conseguindo isso – e, mesmo assim, não era muito frequente. Mas uma coisa eu tinha que admitir: desde o momento em que Mase Manning saíra da minha vida, Jimmy passara a ser minha sombra.

Eu não podia ir a lugar nenhum sem informá-lo. Ele entrava em pânico se não soubesse onde eu estava, e sempre ficava até tarde comigo. Por um tempo, ele se sentava e segurava minha mão enquanto eu tentava dormir à noite. Ele nunca mencionou isso, mas eu sabia que estava tentando substituir meus telefonemas noturnos. Aqueles que eu não tinha mais.

Eu havia desistido da faxina na casa dos Carters simplesmente porque não podia ver ninguém que me lembrasse Mase, e ainda havia a chance de a qualquer momento ele aparecer para uma visita. Eu não sabia como lidaria com isso. Também disse a Blaire Finlay que não poderia aceitar o trabalho na casa dela. Os Finlays também me lembravam Mase.

Quando fiquei sem emprego, Jimmy me ofereceu o trabalho de vendedora de bebidas no campo de golfe do clube. Então eu contara a ele sobre minha dislexia e ele me ajudou a preencher o formulário de inscrição. Quando me perguntou se eu queria ler para ele de noite, desmoronei e me fechei no quarto. Ele não precisou perguntar para entender o porquê. Ele era um cara inteligente.

– Thad ainda vai muito lá durante os seus turnos? – perguntou ele.

Suspirei e recostei a cabeça no banco.

– Thad joga golfe com frequência, só isso. Ele não vai apenas durante os meus turnos.

Jimmy soltou uma risada divertida.

– Continue se enganando, garota. Mas o loirinho só joga golfe quando está

com Woods ou Grant. Não é algo que eu já o tenha visto fazer sozinho. Até você colocar aquele uniformezinho e começar a entregar cervejas.

Eu não queria pensar em Thad indo até lá para me ver. Não queria que ninguém fosse me ver. Não desse jeito.

Eu te amo, Reese Ellis!

Aquele grito desesperado, tão alto que meus vizinhos escutaram, era tudo que sobrava no meu peito. Todo o resto havia ido embora. Encontrar alguma emoção era difícil para mim. Apenas à noite, quando estava dormindo e o passado voltava para me atormentar, eu gritava e chorava.

Nas últimas nove semanas, eu tinha enfrentado momentos de fraqueza. Uma vez, quase me convenci de que havia imaginado aquela mensagem. Não consegui me fazer acreditar naquilo, então tentei me convencer de que podia viver com ele transando com outras pessoas. Se o tivesse em minha vida, isso bastaria. Eu o perdoaria por precisar tanto de sexo que tinha que buscá-lo em outros lugares.

Então, nos meus piores momentos, eu me culpava por ter a cabeça tão problemática. Por não ter sido capaz de dar a ele o que seu corpo precisava. Eu o havia empurrado para os braços dela.

Mas ele me amava. Tinha berrado isso com todas as forças.

Depois de semanas sem notícias dele, tive que aceitar que ele seguira em frente. Eu o mandara embora, e ele tinha ido. Não facilmente, mas fora. Agora outra pessoa, provavelmente Cordelia, estava cuidando das necessidades dele. Ela o estava amando e o fazendo sorrir. Ela era tudo que eu não fui para ele.

Então eu apenas sobrevivia. Eu acordava, me levantava e sobrevivia àquele dia. A cada noite, eu sobrevivia aos pesadelos. E sobrevivia novamente. De novo e de novo.

E sozinha.

Porque eu o mandara embora.

– Terra para Reese... Aonde você foi, mulher? Eu fiz uma pergunta.

Afastei os pensamentos sobre Mase. Eles voltariam para preencher o vazio mais tarde.

– Desculpe, o que você perguntou?

– Perguntei se você quer fazer o exame escrito para a carteira de motorista, já que amanhã não trabalhamos.

O Dr. Munroe tinha me ajudado a estudar nas duas últimas semanas. Eu estava preparada.

– Sim. Seria bom – repliquei.

A empolgação não veio. No passado eu acreditara que jamais dirigiria. Agora eu estava perto de conseguir isso e não sentia nenhuma alegria. Porque a pessoa que eu queria que estivesse comigo, com quem eu queria dividir isso, não estava aqui.

Eu o tinha afastado. Eu havia amado demais. Com a cabeça e o corpo deficientes, eu tinha amado completamente. E ele precisava de mais do que essa cabeça e esse corpo deficientes.

Imagens de Mase tocando uma mulher sem rosto e fazendo com ela coisas que ele fizera comigo me machucavam toda vez que eu me permitia pensar nisso. Eu queria ser inteira. Queria ser suficiente para ele.

– Não fique tão animada assim. Senão vou ter que parar o carro para você se acalmar – disse Jimmy, com sarcasmo.

Forcei um sorriso por ele.

– Não engulo esse sorriso falso, Reese – declarou.

Era tudo o que eu tinha. Um sorriso falso.

Mase

Golpeando com o machado, cortei a peça de madeira de que precisava para consertar a cerca. Mas não consegui parar. Levantando o machado, tornei a baixá-lo, arruinando a peça perfeita que eu tinha cortado. Então golpeei outra vez. E outra vez. E outra vez.

Não sei quando comecei a gritar, mas quando ergui os olhos e vi minha mãe de pé na minha frente, com as mãos nos quadris, franzindo a testa em clara desaprovação, soube que devia ter feito muito barulho.

Merda.

Ela estava esperando que eu fosse perder o controle. Eu vinha tomando cuidado para não demonstrar nenhuma emoção enquanto sua atenção estivesse em mim. Tirar Maryann Colt do seu pé quando ela achava que você precisava conversar era quase impossível.

Larguei o machado no chão e olhei para as lascas de madeira, que agora só serviam para lenha. Eu havia destruído aquela peça de madeira. Agora, precisaria ir buscar outra para poder consertar a porcaria da cerca.

– Não acho que essa madeira tenha feito algo a você – disse minha mãe, levantando uma sobrancelha.

Não respondi. Apenas me acocorei e comecei a limpar a sujeira que eu acabara de fazer.

– Já aguentei tudo que podia, Mase Colt Manning. Você tem sido uma sombra do meu menino por meses e agora perde a cabeça e começa a gritar e esquartejar esse tronco com um machado? Você precisa falar comigo. Estou tendo ataques de ansiedade por sua causa. Estou preocupada com você.

Durante nove semanas eu conseguira viver sem o meu coração. Isso não era vida. Minha vida era uma mulher que não me queria. Isso era uma existência. Uma existência vazia, rasa.

Eu não havia falado sobre Reese com minha mãe, mas Harlow tinha. Mamãe

me perguntara sobre ela uma semana depois que Reese me mandou embora. Eu estava tão subjugado pela dor que o nome dela provocava em mim que me levantara e fugira da mesa. Mamãe não voltou a mencioná-la.

Mas agora eu precisava que ela fizesse isso. Precisava falar sobre Reese. Queria contar a alguém sobre ela. Preencher meu vazio com as lembranças dela.

– Eu a amo – falei simplesmente.

Dessa vez ela levantou as duas sobrancelhas.

– Isso eu já entendi, meu amor. Quando você correu como se as chamas do inferno estivessem no seu encalço no dia em que perguntei sobre ela, você se entregou.

– Ela é a minha vida, mãe. Reese. É ela. A mulher da minha vida. Mas ela não me quer.

Só de falar isso, um raio de agonia me atravessou. Eu me encolhi, incapaz de esconder isso da minha mãe.

– Então ela é uma tola – disse mamãe, com toda a convicção de uma mãe que ama o filho.

– Não. Ela é brilhante. É linda. É como um raio de sol. Ela é... A infância dela...

Parei e engoli a bile que subiu à minha garganta só de pensar no que ela havia passado. Como minha garota havia sofrido.

– Foi difícil, mãe. Tenebrosa. O mais tenebrosa e perversa que a infância de uma menina pode ser. Mas ela não é tola.

O rosto de minha mãe se anuviou. Pude vê-la lutar para conter as lágrimas.

– Ah, meu amor. Devia ter imaginado que quando meu menino lindo e seu coração imenso se apaixonassem, seria perdidamente. Você nunca fez nada pela metade. Você não deu os primeiros passos, já saiu correndo. Não disse uma primeira palavra, cantou o verso inteiro de uma música. E você não só defendia os oprimidos na escola, como foi expulso por amarrar um valentão no mastro da bandeira. Meu menino jamais deixou nada pela metade. Você faz as coisas com tanta determinação que destrói as tentativas dos outros.

Ela contornou a bagunça que fiz e abaixou-se ao meu lado. Senti as lágrimas queimarem meus olhos quando ela pegou meu rosto entre as mãos com tanto amor e dor no coração, porque ela era assim. Minha mãe sofria comigo. Sempre fora assim.

– Você é um homem bom. O melhor. Eu amo o seu padrasto, mas mesmo o coração dele não se compara ao seu. Você foi a melhor coisa que fiz ou farei nesta vida. Não conseguirei fazer nada melhor. Ser sua mãe é uma dádiva que alegra cada dia da minha vida. Vou morrer sabendo que deixei nesta terra um homem que produzirá uma trilha de bondade por onde passar.

Ela parou, e eu sabia que lá vinha um “mas”.

– Mas, pela primeira vez na sua vida, estou vendo você deixar alguém destruí-lo. Sinto saudade do seu sorriso e da sua risada. Eu os quero de volta. Você nunca deixou de superar nenhum obstáculo em sua vida. Por que está fazendo isso agora? Se você a ama, então vá buscá-la. Nenhuma mulher em seu juízo perfeito rejeitaria esse rosto.

Estendi a mão e sequei as lágrimas do rosto determinado de minha mãe.

– Preciso que ela venha até mim. Se tivermos a chance de um futuro, preciso fazer que ela venha por vontade própria. Sempre conquistei o que quis, mas nada nem ninguém jamais significou o que ela significa. Não posso conquistá-la, mamãe. Eu a amo. Não quero jamais forçá-la a fazer qualquer coisa. Nem mesmo me amar. Ela tem que me amar por si mesma.

Mamãe deixou escapar um soluço, me abraçou e me manteve assim. Fechei os olhos e lutei contra a emoção que ameaçava transbordar. A última vez que minha mãe me vira chorar foi quando eu tinha três anos e quebrei o braço ao cair de um trampolim. Mesmo quando Harlow estava em coma, eu tinha chorado sozinho.

Eu nunca me recuperaria da perda de Reese. Se ela nunca mais voltasse para mim, eu permaneceria destroçado pelo resto da vida.

Reese

Outra semana se passou e consegui sobreviver. Era só o que eu fazia. A cada dia, eu tinha a sensação de que estava me perdendo um pouco mais. O horror do meu passado estava lentamente assumindo o controle. O progresso que eu fizera nesses dois anos desde que havia saído de casa tinha desaparecido. Não conseguia mais me livrar das lembranças do meu padrasto.

Logo eu teria que me consultar com um terapeuta. Não conseguia dormir quase nada ultimamente, e, quando conseguia, não era um sono tranquilo. Estava perdendo peso e os círculos escuros sob os olhos já não podiam mais ser escondidos. Eu precisava de ajuda.

A única coisa que me impedia de procurar um especialista era saber que eu teria que falar sobre Mase.

Não podia falar sobre ele. Doía muito.

– Reese Ellis? – perguntou uma voz feminina.

Deixei de lado as cervejas que estava colocando no refrigerador do carrinho e me virei.

Uma senhora bonita, de cabelos escuros que formavam cachos na altura dos ombros, me olhava como se estivesse me estudando. Eu sabia que ela não era sócia do clube. O jeans surrado e as botas que ela usava não pareciam com nada do que as senhoras dali escolheriam. E havia o chapéu de caubói. Aquele era um claro indício de que ela não era daqui.

– Sim? – respondi.

Ela não sorriu nem disse nada de imediato. Continuou me observando. Embora não estivesse me olhando de cara feia, sua expressão era a de alguém que quisesse me dar uma sacudida.

Olhei em volta para saber se tinha mais alguém por ali ou apenas nós duas.

– Imaginei que você seria bonita, mas, como sempre, quando meu menino se

mete em alguma coisa, ele não deixa por menos – disse ela, e um sorriso triste surgiu em seus lábios.

Eu não sabia do que ela estava falando ou com quem ela achava que estava falando. Agradecer não parecia a coisa certa a fazer.

– Essas olheiras e esse olhar vazio me dizem tudo o que preciso saber. Então, deixe-me dizer o que *você* precisa saber – falou ela, dando alguns passos na minha direção. – Já vi meu filho travar batalhas por todos que ele amou e vencer. Quando tinha 7 anos, o primo foi alvo de bullying. Meu menino descobriu e o que aconteceu em seguida foi que tive que ir à escola buscá-lo, porque ele foi suspenso por amarrar um garoto no mastro da bandeira com fita adesiva. Fiquei horrorizada. Até saber que o garoto era aquele que vinha fazendo bullying com o primo dele, xingando-o e derrubando-o nos corredores. Naquele dia específico, o valentão tinha enfiado a cabeça do primo num vaso sanitário com urina e puxado a descarga. Depois do caso da fita adesiva, ninguém mais mexeu com o primo dele.

Eu só observava enquanto ela prosseguia:

– Aos 10 anos, a bibliotecária da escola, que lhe levava biscoitos todos os dias e sempre reservava para ele os melhores livros, ia ser dispensada porque a diretoria alegou que não tinham mais orçamento para manter uma bibliotecária em tempo integral. A Sra. Hawks já tinha passado dos 70 anos e adorava aquelas crianças, e meu menino era o seu predileto. Então ele organizou um abaixo-assinado e procurou empresários da cidade a fim de recolher fundos para essa causa. A Sra. Hawks não perdeu o emprego. Na verdade, ele recolheu tanto dinheiro que ela teve um aumento. Quando ele estava com 19 anos, descobriu que a irmã mais nova estava sofrendo por causa de um rapaz da escola que tinha se aproximado só por interesse na fama do pai dela. Ele me perguntou se podia ir visitá-la, e eu o deixei ir. Dias depois, o tal rapaz encontrou sua caminhonete fora da cidade, submersa em um rio.

Ela parou e riu.

– Mase Colt Manning luta por aqueles que ama. Ele é assim. E eu sei que ele tentou lutar por você. Ele queria vencer suas batalhas. E, pela pouca pesquisa que fiz, descobri que ele manda todo mês um cheque para um tal Dr. Astor Munroe que custa mais do que eu me permitiria comentar. Ele recebe relatórios semanais desse professor sobre os progressos de uma Reese Ellis. Ele está

lutando por você. O que também significa que ele ama você. O problema é que meu menino vai com tudo em qualquer coisa que faz. E, quando decidiu se apaixonar, ele se apaixonou completamente.

Ela parou e apontou o dedo para mim. Pude ver o filho dela no olhar determinado que me dirigiu. Como eu não percebera antes?

– Ele agora precisa de alguém que lute por ele. Porque se perdeu de si mesmo. Ele é uma sombra do homem que criei. Está vivendo sem alegria, porque diz que deixou o coração aqui, com você. Portanto, se você o ama, ainda que seja uma minúscula parte do amor dele por você, lute por ele. Ele merece isso mais do que qualquer um. Está na hora de alguém travar a batalha dele.

Uma gota caiu em meu braço, e, ao levar a mão até meu rosto, eu o encontrei molhado pelas lágrimas. Meu coração estava de volta e se contorcia de dor ao ouvir a mãe de Mase me contar quanto ele precisava de mim. Ele estava sofrendo por minha causa.

Eu não me importava mais com a mensagem. Ou com a outra mulher. Se Mase precisava que eu lutasse por ele, eu lutaria. E quem quer que fosse Cordelia, eu lutaria contra ela. Lutaria até não poder mais.

– Onde ele está? – perguntei.

– Está em casa. Ele acha que fui visitar minha irmã em San Antonio.

– Como chego até ele? Onde é a casa dele?

Um sorriso se abriu no rosto da mulher.

– Posso levá-la.

Fechei a tampa do carrinho.

– Deixe-me avisar meu chefe que estou indo embora. Então estarei pronta para ir.

– A propósito, eu sou Maryann Colt – disse ela, estendendo a mão para me cumprimentar. – E é um prazer conhecer a mulher que meu filho ama. Eu estava preocupada, mas posso ver que ele escolheu bem.

A aprovação dela aqueceu meu coração pela primeira vez em dez semanas, dois dias e cinco horas.

Mase

– Tudo bem, eu sou desprezível. Tenho que confessar, porque esta merda está me devorando vivo – disse Major ao entrar no celeiro com uma sela apoiada no ombro.

Continuei esfregando Criptonita, meu cavalo da raça appaloosa, e ignorei o comentário dele. Precisava limpar o estábulo do garanhão em seguida e não tinha tempo para lidar com Major e seus dramas.

– Estou trepando com Cordelia há uns dois meses. Ela é muito boa chupando pau. Desculpe, não pude evitar. Ela deu em cima de mim, e eu deixei ela me chupar. Então a virei sobre o cavalete e a comi. Foi um momento de fraqueza. Eu estava com tesão, ela veio se exibindo com um short jeans cortado que mostrava parte da bunda e uma blusinha que mal cobria os peitos. Cara, ela é gostosa. Perguntei a você se ainda estava transando com ela, e você não respondeu. Deduzi que significava que não se importava.

Por isso Cordelia havia finalmente me deixado em paz. Eu deveria dar uma grana a Major por essa.

– Que bom que ela está fazendo bem o serviço.

Dei uns tapinhas em Criptonita, então me virei para levá-lo ao estábulo que eu já tinha limpado.

– Então você não se importa que eu esteja trepando com ela? – perguntou ele.

– Você me fez um favor. Ela não estava aceitando “não” como resposta.

Major soltou um suspiro de alívio.

– Graças a Deus. Estava preocupado que você estivesse nesse humor azedo por eu ter roubado sua amiga de transa.

Nem me dignei a responder a essa. Não fazia sentido.

– O dia em que ela veio pegar a calcinha, eu já estava quase trepando com ela. Ela apareceu com uma saia minúscula, tipo estrela pornô. Liguei e mandei

uma mensagem para você, mas você não respondeu. Aí deixei que ela fosse embora. Mas, no dia seguinte, quando ela apareceu no celeiro, transei com ela. Você não saiu de casa naquela semana. Foi a semana em que você estava com um humor do cão.

Na hora certa. Ele começou com ela quando eu realmente precisava de distância de todo mundo. Nem sei o que teria dito a Cordelia se ela tivesse começado com aquela história toda de novo. Eu não a queria, mas não via sentido em dizer qualquer coisa que a magoasse. Ela não merecia isso.

– Mas, afinal, onde você estava naquele fim de semana, quando mandei a mensagem? Você chegou aqui furioso com o mundo. E ficou desse jeito desde então. Foi em Rosemary Beach? Aquela garota que você ia ver?

Eu não ia falar sobre isso com ele.

Espere. Que mensagem?

O mundo à minha volta parou, e meu peito vazio de repente pareceu feito de chumbo. *Por favor, Deus, não. Não permita que seja o que estou pensando.*

– Major – falei, quase com medo de perguntar.

Será que eu queria saber a resposta? Poderia viver com isso?

– O que foi?

– Que mensagem? – perguntei, antes que pudesse me conter.

– A que eu mandei sobre Cord querer pegar a calcinha dela embaixo da sua cama e perguntando se você ainda estava trepando com ela.

Não... não... não...

– Major, eu nunca recebi essa mensagem. Quando você mandou isso?

– Eu já disse...

– Não. Preciso saber a data e a hora que você me mandou essa maldita mensagem! – gritei.

Os cavalos relincharam, mas minha cabeça latejava e um peso ia tomando conta dos meus pulmões.

– Que merda, cara. Vou ver. Calma – resmungou ele, pegando o celular e verificando as mensagens.

– Ah... 29 de junho, nove da manhã. Liguei duas vezes também. Sem resposta nem retorno.

Larguei os suprimentos que tinha na mão e saí pela porta. Continuei

caminhando. E caminhei mais. Caminhei até estar o mais longe possível de Major, até minha casa sumir de vista.

Então inclinei a cabeça para trás e pus tudo para fora num rugido furioso.

Reese tinha visto a mensagem. Foi isso que a colocara naquele canto, olhando para mim como se estivesse destroçada. Uma maldita mensagem a havia tirado de mim.

Reese

Maryann Colt havia falado durante todo o caminho desde o aeroporto. Ela dormira o voo inteiro. Eu não conseguira fazer nada além de olhar pela janela. Meus pensamentos estavam em Mase e no menino que ela havia descrito. Ele parecia exatamente o homem por quem eu tinha me apaixonado. Uma mensagem de celular me fez duvidar de tudo. Tudo o que ele tinha feito para me mostrar quanto me amava, e eu nem sequer o deixara explicar.

Eu não havia sido um projeto de caridade. Ele não estava tentando me recuperar. Ele estava lutando por mim porque me amava.

Ele nem sequer sabia da mensagem. Eu a apagara antes de pôr seu celular no lugar. Ele não fazia ideia do que havia mudado naquela manhã. E agora eu ia aparecer na casa dele sem aviso. Eu sabia que eu teria que lutar por ele não só porque sua mãe disse que ele me queria.

Ele podia ter dado prosseguimento à sua vida por outros caminhos. Cordelia talvez o estivesse mantendo aquecido à noite. Eu não queria pensar nessa hipótese.

Em vez disso, fiquei escutando Maryann. Tinha que me concentrar em suas palavras, não no que eu poderia enfrentar em seguida. Mas, independentemente do que fosse, eu lutaria. Ele havia lutado por mim uma vez. Eu lutaria por ele agora.

– A casa dele fica um pouco mais à frente nesta estrada. Talvez ele esteja na cama agora. É tarde e ele tem ido dormir logo depois do jantar. Mas bata na janela à esquerda, caso ele não abra a porta. Vou deixar você ir andando daqui em diante. Não quero que ele veja minha caminhonete. Agora é com você. Vá lá e mostre ao meu menino que vale a pena lutar por ele.

Abri a porta da caminhonete e saltei.

Maryann apontou a estrada de terra, iluminada pelo luar, logo atrás da casa dela.

– Siga aquela trilha. Levará até a porta dele.

Comecei a caminhar naquela direção, então parei, e olhei de volta para ela. E a flagrei secando os olhos.

– Obrigada – falei. – Sei que fez isso por ele. Mas você me salvou também.

Não esperei pela resposta dela. Segui colina acima em direção ao telhado que eu mal enxergava a distância. O telhado metálico capturava os raios de luar e eu os segui. Meu coração estava acelerado pela primeira vez em meses. Eu ia vê-lo. Ia ver Mase.

Se Cordelia estivesse lá, eu teria que manter a calma e não arrancar os olhos dela. Mas, quanto mais perto eu chegava de sua casa, mais eu percebia que *não* podia atacá-la se ela o estivesse tocando. Se ele a tivesse tocado.

Eu ia acabar ficando enjoada. Não podia pensar naquilo.

Havia uma caminhonete preta, semelhante à prateada que sua mãe dirigia, estacionada diante da casa. Era o único veículo ali, e quase suspirei de alívio. Poderia travar a batalha contra Cordelia mais tarde. Agora eu ia me concentrar em fazê-lo me perdoar.

Subi até a varanda na frente da casa e parei. Agora que estava ali, sem Maryann me guiando, fiquei paralisada de medo. Mas chegara até aqui. Tinha voado pela primeira vez na vida e deixado o único lugar seguro que já conhecera para vir até aqui. Para encarar um homem que eu expulsara de minha vida.

Da última vez que ouvi sua voz, ele estava gritando que me amava atrás da minha porta.

Será que ele ainda sentia a mesma coisa? Será que eu havia esperado demais?

A porta se abriu antes mesmo que eu chegasse perto o suficiente para bater, revelando um Mase sem camisa. As sombras cobriam seu rosto, mas eu conhecia aquele peito. Também conhecia aquela cueca boxer. Precisava dizer alguma coisa. Meu corpo inteiro parecia congelado.

– Vim lutar por você – falei abruptamente, e então comecei a chorar.

Mase

Reese estava aqui. Na minha casa. Na minha varanda. E estava chorando.

Saí na escuridão, ainda me perguntando se aquilo era um sonho e se eu finalmente tinha conseguido dormir um pouco naquela noite.

– Reese? – perguntei, temendo acordar, se a tocasse.

– Sinto muito. Eu... Vendo você... Eu ia ser forte e dizer que te amo e que estraguei tudo e que te amo e...

Que se dane o sonho. Estendi os braços e a puxei para mim.

Ela estava aqui. Ela estava aqui. Ela estava aqui.

Seus braços me enlaçaram e me apertaram. Exatamente como eu lembrava. O cheiro doce de canela alcançou o meu nariz, e eu sabia que minha imaginação não era assim tão boa. Tinha tentado evocar o cheiro dela mais de uma vez e não conseguira. Essa era a minha Reese.

– Eu te amo. Não vou mais embora. Estou aqui para fazer você me receber de volta. Minha vida é vazia sem você.

Ela soluçava nos meus braços.

Por acaso ela estava tentando me convencer a deixá-la ficar comigo? Será que ela realmente pensava que tinha que implorar para que eu ficasse com ela?

– Reese, eu...

Ela se afastou e me encarou com os olhos arregalados, em pânico.

– Não, não diga nada. Apenas me escute. Eu estava errada. Você é alguém por quem vale a pena lutar. Eu estava... Eu sou uma complicação. Tenho muito a superar, mas vou fazer valer a pena. Vou amar você mais do que ela jamais conseguiria. Mais do que qualquer pessoa jamais poderia. Vou passar o resto da vida provando para você que valho essa complicação toda. Não deixarei passar um dia sem mostrar a você quanto eu te amo. Vou me mudar para cá. Vou arranjar um lugar para morar e um emprego. Vou cozinhar para você e vou...

Cobri sua boca com a minha e interrompi seus adoráveis e confusos

argumentos. Seu grito surpreso foi seguido de um gemido, e ela me beijou como se precisasse do gosto da minha boca para viver. Sua doçura infiltrou-se em mim enquanto aqueles lábios carnudos tocavam os meus. Tomei o rosto dela entre as mãos e a afastei um pouco para que pudesse fitar seus olhos.

Ainda estavam úmidos do colapso inicial quando tinha me visto. Ainda assim, estavam lindos. Meus lindos olhos azul-bebê. Olhos com os quais eu sonhava, que sempre me deixariam fascinado.

– Vale a pena lutar por mim? – perguntei, querendo ouvi-la dizer aquilo mais uma vez.

Ela tinha parecido muito determinada ao dizer aquelas palavras da primeira vez.

– Sim! – disse ela, a veemência retornando.

– E contra quem você acha que precisa lutar por mim?

Uma dor brilhou em seus olhos. Eu não queria isso. Comecei a assegurá-la de que não havia ninguém, mas ela falou primeiro.

– Qualquer uma... Lutarei contra qualquer uma – disse ela por fim.

Ela estava falando de Cordelia. Aquela maldita mensagem.

– Gata, no momento em que esses seus lábios tocaram os meus, eu fui seu. Não. Apague isso. No momento em que saí do quarto e vi sua bundinha para cima e a ouvi cantando desafinada, eu fui seu. E de mais ninguém. Jamais. Antes de você, sim, houve outras. E houve uma garota com quem eu tive uma "amizade colorida". Nada mais. Mas, no momento em que você entrou na minha vida, aquilo acabou. Ela não aceitou bem o término e tentou me fazer mudar de ideia. Mas tudo que eu via, tudo que meu coração via, era *você*. E mais ninguém.

– Cordelia – disse ela baixinho.

– Sim. Mas a mensagem que você viu de Major foi porque um dia, ao chegar em casa vindo do trabalho, eu a encontrei na minha cama. Eu a mandei embora e ameacei chamar minha mãe se ela não saísse. Até lavei meus lençóis para me livrar do cheiro dela. Caramba, até comprei um colchão novo depois daquilo. E lençóis novos. Eu não queria dormir em nada em que tivesse estado outra pessoa que não fosse você. Nunca mais.

– Ela deixou a calcinha nesse dia – concluiu ela baixinho, os olhos brilhando com novas lágrimas. – Era disso que falava a mensagem.

Assenti com a cabeça. Ajeitei um cacho de seu cabelo, prendendo-o atrás da

orelha.

– Se eu soubesse que era essa a razão que a fazia me olhar como se eu fosse um monstro, teria ficado e lutado por você. Mas pensei que era o passado, os demônios que a assombram. Pensei que eu tivesse pressionado demais e que você precisasse de espaço.

Parei e respirei fundo.

– Pensei que você fosse ligar. Esperei. Estava esperando. Ia esperar para sempre.

Ela fez biquinho outra vez e comecei a beijar seu rosto. Não queria que ela chorasse. Eu a tinha aqui. Comigo.

– Não vou deixar você voltar. Você vai ficar comigo. Não posso deixar você me abandonar. Vou ficar maluco – confessei, beijando suas bochechas e seu nariz, e então dando um selinho em sua boca.

– Eu não quero ir embora – disse ela.

Deus, como eu a amava.

– Entre – pedi, pegando as mãos dela e guiando-a para dentro de casa. – Venha se deitar comigo. Quero abraçar você.

Reese parou, e eu me virei para olhá-la.

– Não. Esta noite *eu* quero abraçar *você* – disse ela, o rosto outra vez determinado.

– Se é isso que você quer – concordei.

Tirei as botas dela e depois o jeans. Ela me deixou despi-la sem questionar. Quando abri seu sutiã, não a toquei ou olhei, apenas peguei a camiseta que eu tinha tirado e a passei por sua cabeça.

Ela enterrou o nariz no tecido e inalou, apertando os braços com força em torno de si mesma. Adorava quando ela se aconchegava com minha roupa como se fosse comigo.

Então ela subiu em minha nova cama king-size, se recostou na cabeceira e estendeu os braços para mim.

Com a emoção lutando com a alegria, consegui conter as lágrimas que queimavam em meus olhos. Deslizei até ela e deitei a cabeça em seu peito, para escutar as batidas de seu coração.

Ela correu os dedos pelo meu cabelo, e ficamos ali deitados. Passei os braços pela cintura dela e me deleitei com seu cheiro. O som de seu coração se

acelerava cada vez que eu deslizava minha mão em direção ao seu traseiro e depois voltava.

– Cada passo que dei na vida me levou até você – disse ela, num sussurro. – E porque estou aqui agora não lamento nada. Para cada coisa ruim que aconteceu, fui recompensada com algo ainda mais belo, capaz de compensar todo aquele mal. Você fez tudo valer a pena. Você é meu presente na vida. Passei pelo mal e sobrevivi. Minha recompensa foi Deus me dar você.

Eu já nem me preocupava em reprimir as lágrimas.

Chorei nos braços dela.

Reese

Hoje íamos voltar a Rosemary Beach para pegar as minhas coisas. Mase não queria que eu fosse a lugar nenhum sem ele, assim, por dois dias usei roupas de Harlow, do tempo em que ela ficara em sua casa, uns dois anos atrás. Eram todas muito curtas e apertadas, mas consegui me virar com elas.

No entanto, Mase não me deixava sair de casa vestida com as roupas dela. Estava preocupado com a possibilidade de alguém me ver. Major me vira na primeira manhã com um short e uma camiseta de Harlow e ofereceu a Mase sua "bola esquerda" por mim. Mase lhe deu um soco na cara. Que horror.

Maryann foi até a casa do filho, aborrecida, perguntar a Mase por que ele tinha quebrado o nariz de Major. Ele contou. Maryann começou a rir e voltou para casa.

Acordei em uma cama vazia naquela manhã, o que, considerando que Mase me mantivera num abraço apertado nas duas últimas noites, me surpreendeu. Levantei-me e fui até o banheiro, escutando a ducha aberta e Mase cantando. Ao contrário de mim, ele cantava muito bem. Sua voz tinha um toque áspero, mas fluía de um modo que me deixava arrepiada. Eu nunca tinha escutado Mase cantar. Mas, com um pai como Kiro, fazia todo sentido que ele tivesse uma voz que correspondesse ao seu patrimônio genético.

Não reconheci a letra, mas ela me atraiu. Abri a porta e entrei no vapor. Ele não percebeu a minha chegada, mas sua cabeça estava inclinada para trás, sob a água, e ele continuava cantando.

Aceitarei seus demônios se você me deixar entrar. Não se esconda, gata, porque tudo que eu quero é oferecer mais.

Ele virou a cabeça e parou de cantar assim que seus olhos se fixaram nos meus.

Não era daquelas coisas que eu precisasse pensar a respeito e planejar. Esse homem me amava, e eu sabia que nunca amaria alguém do jeito que o amava.

Ele estava disposto a enfrentar qualquer coisa que eu jogasse para ele, desde que no fim pudesse me abraçar.

Agarrando a barra da camiseta, eu a levantei e a tirei, então a joguei no chão. Tirei rapidamente a calcinha e fui abrir a porta do boxe. Mase ficou paralisado enquanto seu olhar descia pelo meu corpo nu.

Entrando no jato de água quente, olhei para suas coxas grossas e musculosas e, subindo o olhar, vi que estava rijo e pronto. Sentindo-me confiante e em segurança, peguei o sabonete e comecei a ensaboar minhas mãos enquanto Mase continuava parado. Ele não se moveu nem recuou. Somente seus olhos acompanhavam cada movimento meu. Cheguei mais perto e deslizei ambas as mãos por seu pau duro e liso.

Um grunhido baixo veio de seu peito, e ergui os olhos para ele, vendo que suas pálpebras tinham baixado, deixando-o com aquela expressão misteriosa que eu amava. Deslizando minhas mãos molhadas e ensaboadas sobre ele, com gestos longos, vi sua mandíbula relaxar e ele recuar e se encostar na parede. Deslizei a mão por baixo para agarrar seu saco e comecei a ensaboá-lo também ali.

– Reese – gemeu ele, fazendo menção de segurar a minha mão.

– Deixa... – pedi, apertando meus seios contra seu peito.

– Ahhh... caralho.

Mantive a pegada firme e lenta, e logo a cabeça de seu pau foi ficando vermelha. Um líquido incolor começou a verter, e fiquei ansiosa para ouvi-lo gozar. Acelerei o ritmo, e sua respiração ficou entrecortada.

– Eu vou... gozar. Caralho, gata, eu vou gozar – falou ele.

Então um grito grave saiu dos lábios dele quando seu gozo jorrou em minha barriga e minhas mãos.

– Não se mexa – pediu, num arquejo, então ergui o olhar, notando seus olhos fixos na minha barriga, coberta com ele. – Ah, por favor... não se mexa. Deixe-me só olhar para você. Assim.

Sentindo-me ousada, corri a ponta dos dedos pelos veios brancos de gozo que haviam caído em mim. Então olhei nos olhos dele. Seus olhos estavam excitados novamente. Um brilho possessivo surgira neles.

– Esfregue – disse ele num sussurro rouco.

Fiz o que ele pediu. Com as duas mãos massageei até o líquido desaparecer

em minha pele.

Ele pegou o sabonete e começou a ensaboar as mãos. Afastando-se da parede, ele se aproximou e envolveu meus seios com as mãos. Então ele começou a me lavar. Ou a lavá-los. Completamente. Pegou meus mamilos e apertou com carinho antes de descer para minha barriga. Quando chegou ao ponto onde eu havia esfregado seu gozo em minha pele, ele lavou com um toque reverente que fez o formigamento entre minhas pernas se transformar em um latejamento.

Quando deslizou a mão para o espaço entre minhas pernas, precisei apoiar as duas mãos na parede, uma de cada lado. Minhas pernas começaram a fraquejar, e Mase sussurrou em meu ouvido que eu era linda. Que eu era dele. Que ele amava cada parte de mim. Que ver seu gozo em mim o fez ficar louco de desejo.

Agarrando-me aos ombros dele, senti a tensão crescendo e sabia que estava prestes a ser atingida por um orgasmo que provavelmente me deixaria de joelhos.

Mase passou um braço pela minha cintura e me segurou enquanto pressionava meu clitóris mais uma vez. E continuou me segurando quando o prazer desabou sobre mim, e meus joelhos finalmente cederam e se dobraram.

Eu estava voltando à terra, mas ele já havia me lavado e estava me carregando para o quarto. Ele não me secou até me colocar no pé da cama. Depois que passou a toalha por meu corpo, secou-se rapidamente e então me deitou na cama.

Sua boca cobriu a minha enquanto seu corpo rijo e nu roçava no meu. Arqueei as costas, tentando senti-lo ainda mais, enquanto ele continuava a pairar sobre mim, apoiado nas mãos e nas pernas. Essa seria outra razão para eu me sentir grata por ter pernas longas. Envolvi sua cintura com as pernas e o forcei a descer sobre mim.

– Isso, ah! Assim, isso é muito gostoso – gemi, minha boca de encontro à dele, meus seios finalmente esmagados contra o peito dele e a fenda entre as minhas pernas se esfregando na rigidez de sua ereção.

Ele afastou a boca da minha e a enterrou em meu pescoço. Ele respirava com dificuldade. Percebi que cerrara os punhos ao lado da minha cabeça.

– Mase? – perguntei, correndo os dedos pelas costas dele, desfrutando do prazer de sentir seus músculos se flexionarem sob meu toque.

– Eu quero... Não posso... Por Deus, gata – gemeu ele, e seus punhos se apertaram ainda mais, como se ele lutasse contra algo muito forte.

Senti sua ereção forçando meu corpo, e então entendi. Ele queria me penetrar. Estava tão absorta em senti-lo perto de mim que nem uma única vez tivera medo.

A dor do meu passado. A dor que antes acompanhava qualquer contato, sexual ou não, não estava mais em minha vida. Esse homem era o meu mundo. Ele me amava. Era gentil e cuidadoso comigo. E eu queria estar o mais perto dele possível. Queria saber como era ser um só corpo com ele. Isso não era sujo nem errado. Era belo e puro.

Erguendo meus quadris, levei minha mão até seu pau e o guiei até que a cabeça estivesse posicionada bem na minha entrada. Com um movimento, estaríamos ligados. Era esse o objetivo do sexo, uma conexão mágica entre duas pessoas que se amavam tanto que formavam um só corpo, ainda que apenas por um momento. Assim como os corações que elas já haviam unido.

– Faça amor comigo, Mase. Me mostre como é o amor. *Por favor*.

Acrescentei as últimas palavras para lembrá-lo de todas as vezes que ele me perguntou se podia me tocar e havia terminado a frase com “por favor”. Eu queria isso tanto quanto ele queria o que me pedira.

– Você é minha vida – murmurou ele em meu ouvido, enquanto mergulhava em mim, me preenchendo toda.

Lágrimas encheram meus olhos, e eu o enlacei, abraçando-o muito apertado. Com uma gentileza que eu só vira nele, Mase começou a entrar e sair de mim enquanto beijava meu rosto e meu pescoço, dizendo que eu era linda. Que éramos lindos juntos.

Nunca imaginei que algo pudesse me fazer sentir tão completa.

Deslizando as pernas para cima e para baixo em suas costas e sua bunda perfeitamente definida, mergulhei na luxúria de ser amada por Mase.

– Eu te amo – arfou ele em meu ouvido.

– Eu também te amo – respondi num gritinho.

– Quero gozar dentro de você. Mas não vou fazer isso antes de você estar pronta – falou, beijando meu pescoço.

Eu o queria dentro de mim. Mas não estava usando nenhum método anticoncepcional. Eu precisava de um. Nunca tinha usado antes.

– Deus, Reese, você é tão apertadinha. Juro, não quero nunca mais sair de você – arfou.

Erguendo minhas pernas para que sua estocada fosse mais fundo, senti que ele massageava algo dentro de mim e instantaneamente tive a explosão mais brilhante que já havia sentido. Seu nome jorrou da minha boca e apertei as pernas em torno dele, mantendo-me assim para não descolar dele.

Seu corpo tremeu enquanto ele gritava meu nome. Quando seu corpo começou a ter espasmos em cima de mim, abri os olhos e vi os dele bem fechados e sua cabeça jogada para trás. O suor descia de sua testa e uma gotinha rolou pelo seu rosto e caiu em mim.

Quando finalmente abriu os olhos, ele me fitou.

– Não posso me desculpar por essa, porque, meu Deus, Reese, juro que os anjos acabaram de cantar e essa casa tremeu nas bases.

Sorrindo, corri as mãos pelo cabelo úmido de Mase e puxei sua boca para a minha.

– Pelo que você se desculparia? – perguntei junto aos lábios dele.

– Por gozar dentro de você – disse ele num sussurro.

Ele ainda estava dentro de mim. Eu ficara tão perdida nos jardins do paraíso que nem tinha me dado conta.

– Ah. – Foi tudo que eu disse.

– Quando você fechou as pernas, tentei segurar até você terminar, mas você é tão apertada. E você é tão linda quando goza. E você me agarrou como uma luva, gata. Quando percebi, já estava gozando.

Eu não ia arruinar esse momento porque tínhamos nos esquecido de tudo.

– Mase, isso foi... isso foi mais... mais do que eu podia imaginar.

Ele se virou de costas, ainda enterrado em mim. Gostei de ver que ele não tinha pressa de sair. Queria ele o mais perto possível. Agora eu estava por cima dele.

– Eu amo você. Você é o meu mundo. Mas tem duas coisas que vêm logo atrás, muito perto – disse ele num tom sério. – Essas suas pernas compridas e essa bocetinha apertada vão me ganhar se você não tomar cuidado – acrescentou ele com um sorriso provocador.

Rindo, eu o beijei. Porque ele era meu.

Mase

Escrevi meu endereço em cada uma das caixas, empilhadas junto à porta da frente do apartamento de Reese. Ela estava ocupada limpando o refrigerador agora vazio. Jimmy havia acabado de sair, depois de se despedir dela com um abraço choroso.

Ele fizera tudo tal como eu pedira. Tinha ficado ao lado dela. Ele a mantivera em segurança. Eu devia muito a ele. Não sabia como pagaria, mas eu pagaria. De algum jeito.

Reese se curvou, me distraindo quando seu short subiu um pouco, revelando minha pinta favorita.

– A pinta, gata. Se você quiser terminar isso sem minha boca na sua bunda, então não se curve assim – adverti, fechando a porta e espreitando por trás das caixas na direção dela.

Reese se levantou e se virou para mim, rindo.

– Foi mal. Tive que limpar o fundo da geladeira.

– Não se desculpe. Decidi que quero beijar essa bunda. Curve-se de novo – pedi, com um sorriso travesso.

Reese recuou, colocando as mãos à frente do corpo, para me deter.

– Não. Nunca sairemos daqui se você não parar com isso. Já fizemos sexo no sofá, na cama, em cima do bar e da cômoda. E faz apenas um dia e meio que chegamos aqui. Assim, não vamos terminar nunca.

Agarrei suas mãos e a puxei para mim, com cuidado para não machucá-la.

– Gata, de quem é essa bocetinha? – perguntei, deslizando minha mão pela frente de seu short.

– Sua – falou com um suspiro.

Meu monstro possessivo rugiu, despertando.

– Isso mesmo. E eu quero brincar com a minha bocetinha. E escutar minha garota gritar o meu nome.

Os olhos de Reese ficaram vidrados e sua respiração, entrecortada. Eu sabia que agora ela estava vencida. Era fácil convencê-la. Nas primeiras vezes, eu fora cuidadoso e não apressara nada. Eu me certificava de que ela estivesse comigo o tempo todo e que soubesse que eu a adorava e jamais a machucaria.

Mas não precisava mais disso. Tudo o que eu tinha que fazer era falar sacanagem e ela se derretia, pronta para eu fazer o que quisesse. Essa mulher fazia com que eu me sentisse o rei do mundo.

Uma batida na porta me impediu de tirar a blusa dela e chupar seus seios. Lutei para não soltar um palavrão, porque provavelmente era outra pessoa vindo se despedir dela. Reese precisava saber que sentiriam falta dela. Que mais pessoas aqui se importavam com ela, não só Jimmy. E só por essa razão eu me contive e não reclamei.

– Eu atendo. A Srta. Popular está recebendo muitas visitas hoje, hein – provoquei.

Sua risada musical me acompanhou.

Abri a porta de supetão, esperando ver alguém conhecido, mas, em vez disso, me vi diante de um homem alto, de aparência distinta, vestido em um terno Armani. Eu tinha um para eventos especiais, então sabia. Seu cabelo negro e sua pele morena me fizeram pensar que fosse italiano. Havia algo no formato de seus olhos. Eram castanhos, mas familiares.

– Reese Ellis mora aqui? – perguntou ele, o sotaque mais leve do que eu esperava.

Ele me lembrava uma versão cinematográfica de um chefe da Máfia.

– Ela morou – respondi, não gostando nada do fato de o homem saber o nome dela e a estar procurando.

– Eu sou Reese Ellis – disse ela, surgindo atrás de mim.

Merda. Não queria que ela viesse até a porta. Algo nesse homem me preocupava.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ela, estudando o homem com muita curiosidade.

– Gata, pode deixar que cuido disso – murmurei, colocando-a atrás de mim com um braço e cuidando para que meu corpo a cobrisse.

O canto da boca do homem formou um sorriso, como se ele estivesse se divertindo.

– Fico feliz de saber que Reese tem alguém para protegê-la. No entanto, esperei 23 anos para conhecê-la. – Ele estendeu a mão para mim. – Sou Benedetto DeCarlo, pai de Reese.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à equipe da Atria. A brilhante Jhanteigh Kupihea. Não poderia desejar uma editora melhor. Ela é sempre positiva, trabalhando para deixar meus livros o melhor que podem ser. Obrigada, Jhanteigh, por ser maravilhosa. A Ariele Fredman, não somente por suas ideias brilhantes, mas por escutar as minhas. A Judith Curr, por dar uma chance a mim e aos meus livros. E a todo mundo na Atria que teve uma participação na produção deste livro. Adoro todos vocês.

Minha agente, Jane Dystel. Ela está sempre presente para ajudar em qualquer situação. Sou grata por tê-la ao meu lado neste mercado editorial novo e sempre mutante. Lauren Abramo, que negocia meus direitos no exterior. Não poderia começar a pensar em conquistar esse mundo sem ela.

Às amigas que me escutam e me entendem como ninguém mais consegue: Colleen Hoover e Jamie McGuire. Vocês duas estão comigo desde o princípio. Saber que posso recorrer a vocês a qualquer momento em que precisar de um conselho ou apenas de um ouvido não tem preço.

Minhas leitoras beta, Natasha Tomic e Autumn Hull. Vocês duas são brilhantes e sabem apontar exatamente quando algo está faltando. Muito obrigada por atender minha agenda agitada. Leitura beta para quem está sempre escrevendo não é um trabalho fácil.

O Exército da Abbi, chefiado por Danielle Lagasse e Natasha Tomic. Essas duas moças lideram um grupo de leitoras que apoia tudo o que eu faço. Elas fazem de cada lançamento um sucesso, e, quando preciso de um estímulo, sempre posso ir até elas e encontrar razões para sorrir. Elas me lembram diariamente por que escrevo livros. Adoro todas elas.

Por último, mas certamente não menos importante:

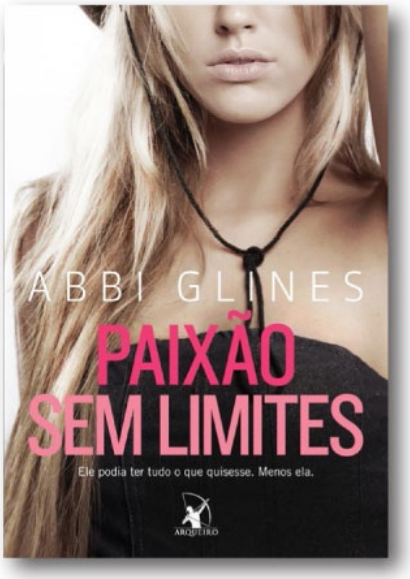
Minha família. Sem o apoio deles eu não estaria aqui. Meu marido, Keith, providencia tudo para que eu tenha meu café e as crianças estejam bem cuidadas

quando preciso me trancar para cumprir um prazo. Meus três filhos são muito compreensivos, embora, depois que eu saio da minha caverna, eles esperem minha atenção total – e a recebam. Meus pais, que sempre me apoiaram. Mesmo quando decidi escrever coisas mais picantes. Meus amigos, que não me odeiam por eu passar semanas a fio afastada, consumida pela escrita. Eles são meu maior grupo de apoio, e eu os amo demais.

Meus leitores. Jamais imaginei ter tantos de vocês. Obrigada por lerem meus livros. Por gostarem deles e falarem sobre eles a outras pessoas. Sem vocês, eu não estaria aqui. Simples assim.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

Paixão sem limites
(Série Sem Limites – livro 1)



Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a morte dela, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue

evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que pode mudar para sempre as suas vidas.

Tentação sem limites
(Série Sem Limites – livro 2)



A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

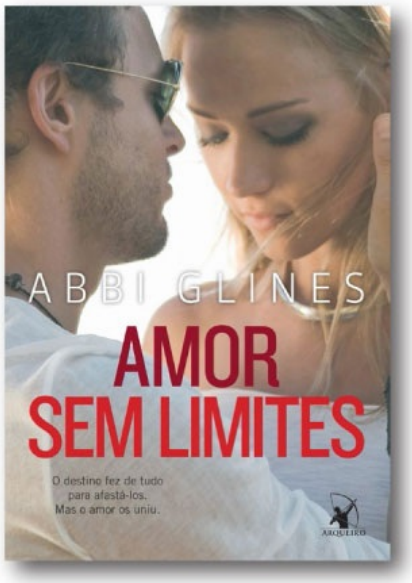
Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda

está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush, por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Amor sem limites
(Série Sem Limites – livro 3)



Blaire Wynn conheceu Rush Finlay num momento muito difícil da vida dela, logo depois de perder a mãe e a casa em que morava. Filho de um astro do rock, Rush vivia num mundo de luxo, sexo sem compromisso e total despreocupação com o futuro. Exatamente o oposto de tudo o que Blaire conhecia.

Mesmo com tantas diferenças, a paixão entre os dois foi arrebatadora. Porém Rush guardava um segredo de sua família que levou ao fim do namoro – e a um período de tristeza absoluta para o casal. Mas eles já não sabiam viver um sem o outro e cederam de novo àquele sentimento irresistível.

Agora eles estão felizes e planejam se casar. Mas nem tudo está garantido. O pai de Rush chega trazendo más notícias e novamente os antigos problemas de família podem fazer com que os dois se afastem.

Estranha perfeição



Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despretensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

Simples perfeição



Woods teve sua vida traçada desde o berço. Cuidar dos negócios da família, casar com a mulher que os pais escolheram, fingir que riqueza e privilégios eram tudo de que ele necessitava. Então a doce e sensual Della apareceu e conquistou seu coração, abrindo seus olhos para um novo futuro.

A vida do casal seguia para um final feliz, até acontecer um imprevisto: a morte do pai de Woods. Da noite para o dia, o rapaz herda o império Kerrington e, embora sempre tenha almejado essa posição, precisará de toda ajuda possível para provar que está à altura de tanta responsabilidade.

Della está determinada a ser o apoio de que Woods necessita, mas os fantasmas do passado ainda estão presentes e mais intensos do que nunca. Pressionada pela ex-noiva e pela mãe de Woods, ela toma a decisão mais difícil de sua vida: abdicar da própria felicidade pelo homem que ama.

Mas os dois terão a força necessária para seguir em frente um sem o outro?

Concluindo a sedutora história de Woods e Della, *Simples perfeição* é o romance mais surpreendente de Abbi Glines e mostra que encontrar alguém pode ser um golpe do destino, mas descobrir a perfeição ao lado dessa pessoa requer aceitar a si mesmo e superar os piores obstáculos a dois.

A primeira chance



Harlow é uma jovem incomum. Filha de um astro do rock, a garota bonita e inocente nunca se aproveita da fama do pai e prefere levar uma vida sossegada. Mas seus dias de tranquilidade terminam quando ele sai numa longa turnê de nove meses e ela vai passar esse tempo na Flórida com sua meia-irmã Nan.

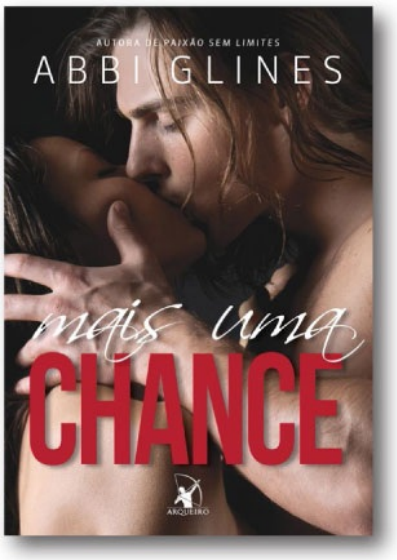
O problema é que Nan a odeia. Acostumada a ser o centro das atenções, ela morre de inveja de Harlow, que, além de ser a queridinha do pai, atrai os olhares masculinos por onde passa.

Harlow não entende por que Nan a maltrata tanto, mas acha melhor se esconder atrás de seus livros e passa o maior tempo possível no quarto para não correr o risco de provocar sua ira. Porém seus planos vão por água abaixo quando ela esbarra com Grant Carter de cueca na cozinha.

Grant cometeu um erro terrível ao passar uma noite com Nan, sua ex. Ela conhece seus pontos fracos e sabe seduzi-lo, mas ele se arrepende por ter caído em tentação. E logo no dia em que conhece Harlow, a garota que faz seu coração acelerar.

Grant está desesperado para conquistá-la, mas será que destruiu suas chances antes mesmo de conhecê-la? Só o que Harlow quer dele é distância. Afinal, que tipo de pessoa se envolveria com uma criatura amarga feito Nan?

Mais uma chance



Grant Carter encontrou na doce e linda Harlow algo que não esperava ter: uma mulher com quem desejasse passar toda a sua vida. Para ficar com ela, precisou provar que não era apenas um playboy sedutor.

Mas quando ela lhe contou um doloroso segredo, ele se deixou levar por seus medos mais profundos e pode ter destruído sua única chance de viver um amor verdadeiro.

Desesperado por ter perdido sua paixão, Grant busca seu paradeiro, sem saber que ela se prepara para arriscar a própria vida por um sonho. Agora ele terá que conquistar a confiança de Harlow e decidir o que é mais importante: a segurança ou os sonhos da mulher da sua vida.

Nesta segunda parte da trajetória de Grant e Harlow, que começou em *A primeira chance*, Abbi Glines constrói uma história de amor surpreendente, com reviravoltas, personagens apaixonantes e um dilema que marcará o leitor para sempre.

“Uma história de amor comovente que só Abbi Glines é capaz de escrever.” – Tammara Webber, autora de *Easy*

Para sempre minha



Alguns dos jovens de Rosemary Beach consideram Tripp Newark um herói. Há oito anos, ele abandonou uma vida meticulosamente planejada pelos pais para conquistar a independência. Pilotando sua Harley, Tripp desapareceu da cidade para viajar pelo mundo. E essa decisão o fez perder muito mais do que os milhões que herdaria.

Bethy Lowry está vivendo o pior momento de sua vida. Há um ano e meio, Jace, seu namorado, morreu afogado ao salvá-la de uma forte correnteza. Sofrendo um período turbulento e ainda consumida pela culpa, ela vive sua rotina de maneira automática, com a certeza de que nunca mais voltará a amar.

No entanto, sua vida está prestes a mudar. Quando tinha apenas 16 anos, Bethy teve um tórrido romance com Tripp, que é primo de Jace. Esse segredo continuaria enterrado para sempre se não fosse por um detalhe: Tripp Newark está de volta e determinado a reconquistá-la.

Sobre a autora



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *USA Today* e do *The Wall Street Journal*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog.

www.abbiglines.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
À sua espera
Agradecimentos
Conheça outros títulos da autora
Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro